



***A Importância do Património Natural na Escolha de um Destino
Turístico – O Caso de Peniche***

Dolores Cipriano Rocha Valentim

2012



***A Importância do Património Natural na Escolha de um Destino
Turístico – O Caso de Peniche***

Dolores Cipriano Rocha Valentim

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Marketing e Promoção Turística

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Professor

Doutor Mário João Paulo de Jesus Carvalho

Junho 2012

*A Importância do Património Natural na Escolha de um Destino
Turístico – O Caso de Peniche*

Copyright Dolores Cipriano Rocha Valentim / Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar e Instituto Politécnico de Leiria.

A Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar e o Instituto Politécnico de Leiria têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Doutor Mário Carvalho, pelo estímulo que imprimiu ao meu trabalho, pela sua permanente disponibilidade, pelos inúmeros e valiosos conselhos e pela motivação que me soube transmitir, fazendo-me sempre acreditar na concretização de um projecto desta envergadura num tão curto espaço de tempo.

A todos os entrevistados pela sua pronta disponibilidade.

À minha família que me deu todo o apoio e suporte, e principalmente na disponibilidade que sempre demonstrou para cuidar da minha filha, de apenas 10 meses, enquanto ocupava o meu tempo elaborando esta dissertação.

Agradeço ao meu marido, toda a paciência e apoio incondicional na realização deste projecto.

Por último, agradeço a Deus por estar sempre presente nas horas mais difíceis.

RESUMO

Actualmente, o concelho de Peniche debate-se com uma realidade problemática, originada pela sazonalidade do Turismo Sol e Mar. O registo de maior actividade turística ocorre na época balnear. Exceptuando essa época o concelho é bastante calmo.

Neste trabalho propôs-se avaliar se o património natural influencia a escolha do destino Peniche, constituindo por esse facto uma alternativa ao Turismo Sol e Mar.

Além da pesquisa documental, foram convidadas a participar, entidades e pessoas ligadas ao turismo, explicando o seu ponto de vista relativamente à importância do património natural e à situação turística em que se encontra.

Apesar da diversidade de recursos naturais existente no concelho de Peniche, os mesmos não são conhecidos na sua totalidade; os recursos mais evidenciados são a Reserva Natural das Berlengas, as diferentes praias e a costa rochosa que se estende ao longo da península. Contudo, a sua influência na escolha do destino Peniche já é de assinalar, através da procura de actividades associadas ao património natural, tais como o mergulho ou o surf.

Refira-se que as novas gerações de turistas são muito amigas do ambiente e querem conhecer a natureza nas suas múltiplas vertentes e por isso o turista que visita Peniche na época balnear procura produtos complementares e alternativos ao sol e mar.

Embora o aproveitamento turístico mereça críticas, o património natural pode vir a constituir-se como um factor de sustentabilidade do território nas suas vertentes sociais, económicas e ambientais.

As estratégias de promoção associadas ao marketing e comunicação não têm sido as mais adequadas. Uma redefinição de estratégias correctamente direccionadas poderá ser uma solução para obter resultados com maiores benefícios junto dos mercados-alvo.

Palavras-chave: Património Natural, Turismo, Destino Turístico, Promoção.

ABSTRACT

Currently, the county of Peniche is struggling with a problematic reality, caused by the seasonality of Sun and Sea Tourism. Record for greater tourist activity occurs during the bathing season, remaining very calm during the rest of the year.

This thesis proposes to evaluate whether the natural heritage influences the choice of Peniche as a destination, thereby constituting an alternative to tourist sea and sun. Besides the documentary research, entities and people directly involved in the tourism industry were invited to participate and explain their point of view on the importance of natural heritage and the tourism situation today.

Despite the diversity of natural resources in the county of Peniche, they are not known in their entirety, the most evident resources are the Berlenga Nature Reserve, the various beaches and the rocky coastline that stretches across the peninsula. However, the influence on the choice of Peniche as a destination is already pointed out because of the great search for activities associated with the natural heritage, such as diving or surfing.

It's important to note that the new generation of tourists is very environmentally friendly and wants to explore nature in its many aspects, therefore this type of tourist who visits Peniche during the bathing season not only searches the sun and sea but other complementary and alternative products.

Although the tourism use deserves criticism, the natural heritage can begin establishing itself as a sustainable territory factor in its social, economical and environmental aspects.

Promotion strategies associated with marketing and communication have not been the most appropriate. A redefinition of well-targeted strategies may be the solution to obtain better results with greater benefits on the target markets.

Keywords: Natural Heritage, Tourism, Tourist Destination, Promotion.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
i. Âmbito da Investigação.....	1
ii. Definição do Problema de Pesquisa	2
iii. Definição dos Objectivos e Formulação de Hipóteses	3
iv. Estrutura do Trabalho	4
1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
1.1 Desenvolvimento Histórico do Turismo	5
1.2 Conceito de Turismo.....	7
1.3 Conceito de Turista	9
1.4 Tipos de Turismo	11
1.4.1 <i>Turismo de Natureza</i>	12
1.4.2 <i>Perfil dos Turistas de Natureza</i>	13
1.4.3 <i>Tendências no Mercado de Turismo de Natureza</i>	15
1.4.4 <i>Motivação da Procura pelo Turismo de Natureza</i>	16
1.4.5 <i>As Áreas Protegidas Palco da Materialização do Turismo Natureza</i>	19
1.5 O Conceito de Património.....	21
1.5.1 <i>Património Natural</i>	25
2 DESENVOLVIMENTO E PLANEAMENTO TURÍSTICO	27
2.1 A Importância do Turismo no Desenvolvimento.....	27
2.2 O Efeito Multiplicador do Turismo	28
2.3 Planeamento.....	28
2.3.1 <i>Planeamento Turístico</i>	29
2.4 Formação de um Destino	29
2.4.1 <i>A Importância da Imagem do Destino Turístico</i>	30
2.4.2 <i>A Importância dos Recursos Turísticos</i>	31
2.4.3 <i>O Património como Recurso Turístico</i>	33

3	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	37
3.1	Caracterização Socioeconómica	37
3.1.1	<i>Demografia</i>	37
3.1.2	<i>Estrutura Socioeconómica</i>	38
3.1.3	<i>Acessibilidades</i>	42
3.2	Caracterização da Oferta Natural	43
3.2.1	<i>Património Natural</i>	44
3.3	Alojamento e Restauração	53
4	METODOLOGIA.....	57
4.1	Definição do universo e da amostra.....	58
4.2	Técnicas e Instrumentos de Recolha de Informação.....	60
4.2.1	<i>Entrevista Semi-estruturada</i>	61
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	63
5.1	Entrevistas.....	63
5.2	Análise Funcional às Entrevistas	63
5.2.1	<i>Entidades e Organismos Públicos Regionais e Locais</i>	64
5.2.2	<i>Outras Entidades em Geral</i>	68
5.2.3	<i>Grupo de Experts</i>	71
6	CONCLUSÕES.....	77
6.1	Conclusões Gerais.....	79
7	RECOMENDAÇÕES.....	83
7.1	Limitações do Trabalho	84
7.2	Investigações Futuras.....	84
	BIBLIOGRAFIA	85
	ANEXOS	91

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1.1- Evolução do número de Turistas Mundial, em milhões.	7
Figura 1.2 - Receitas do Turismo em Portugal	9
Figura 1.3 - Os Turistas no contexto dos viajantes segundo as indicações da OMT	11
Figura 1.4 - Logótipo Património Mundial	23
Figura 2.1- Processo de Formação da Imagem do destino	31
Figura 2.2- Sistema de um Destino turístico	33
Figura 3.1 - População Residente no concelho de Peniche, segundo grupo etário – Censos 2011	38
Figura 3.2 - Mapa de acesso à localidade de Peniche	43
Figura 3.3 - Afloramento Calcário no Cabo Carvoeiro	46
Figura 3.4 - Ilha da Berlenga – Sudeste	48
Figura 3.5 - Provável recorte do litoral de Peniche no Século XII.....	51
Figura 3.6 - Provável recorte do litoral de Peniche no Século XVI.....	51
Figura 3.7 - Actual recorte do litoral de Peniche.....	52
Figura 5.1– Património Natural conhecido pelos Docentes entrevistados	72

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.1 - Perfil básico dos consumidores de viagens de natureza.....	14
Tabela 1.2 - Principais regiões de destino no mercado de turismo de natureza.....	16
Tabela 1.3 - Grau de satisfação com os pontos de contacto e correspondência com as expectativas 1/2.....	18
Tabela 1.4 - Grau de satisfação com os pontos de contacto e correspondência com as expectativas 2/2.....	18
Tabela 1.5 - Tipos de destino preferidos dos portugueses.....	19
Tabela 3.1 - Evolução da População residente no concelho de Peniche (1991 a 2011).....	38
Tabela 3.2 - Distribuição da População pelos diversos sectores.....	39
Tabela 3.3 - População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2001) e principais Actividades económicas (CAE Rev. 2.1); Decenal - INE, Recenseamento da População e Habitação.....	40
Tabela 3.4 - Perfil de Transacções e de Resultados das Lotas Principais, 2006.....	41
Tabela 3.5 - Subdivisão do sistema Jurássico de acordo com o IUGS.....	45
Tabela 3.6 - Recursos Naturais das Falésias de Peniche.....	47
Tabela 3.7 - Recursos Naturais do Arquipélago da Berlenga.....	49
Tabela 3.8 - Estabelecimentos hoteleiros (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual.....	54
Tabela 3.9 - Capacidade de alojamento (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual.....	54
Tabela 3.10– Estabelecimentos TER em Peniche.....	55
Tabela 4.1- Entidades entrevistadas e identificação dos responsáveis.....	59

ABREVIATURAS

BCE – Banco Central Europeu

EDP – Electricidade de Portugal

ESTM – Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar

FMI – Fundo Monetário Internacional

GITUR – Grupo de Investigação em Turismo

ICNB – Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

IEP – Instituto de Estradas de Portugal

INE – Instituto Nacional de Estatística

IUCN – International Union for Conservation of Nature and Natural Resources

IUGS - International Union of Geological Sciences

OMT – Organização Mundial do Turismo

PDM – Plano de Desenvolvimento Municipal

PDTO – Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste

PENT – Plano Estratégico Nacional de Turismo

PIB – Produto Interno Bruto

PNTN – Programa Nacional de Turismo de Natureza

TER – Turismo em Espaço Rural

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Cultura, Ciência e Educação

INTRODUÇÃO

i. Âmbito da Investigação

Actualmente os mercados financeiros internacionais estão abalados por uma grave crise, afectando a economia de diversos países. Esta crise financeira teve início em 2007 e é considerada a mais grave crise económica e financeira desde a Grande Depressão. Com o eclodir da bolha imobiliária nos Estados Unidos da América, a globalização rapidamente acelerou impactos pelo mundo inteiro. Apesar de imensas desigualdades sociais, financeiras e políticas, volvidos cinco anos, a economia mundial recupera a passos lentos (Jickling, 2010; Poole, 2010).

Na Europa, assiste-se a uma crise da dívida soberana em que os países mais afectados são nomeadamente a Grécia, Espanha, Portugal, Irlanda e a Itália, sendo que, para manter a inflação controlada e cumprir com as suas responsabilidades financeiras, estes países adoptaram e continuam a adoptar diversas políticas estruturais de forma a conseguirem cumprir com os compromissos estabelecidos com as entidades internacionais como o BCE e o FMI e consequentemente poderem-se financiar com custos mais reduzidos.

No actual cenário, o turismo pode ser encarado como uma solução de resposta eminente a esta crise, pois funciona como uma actividade de exportação, permitindo a rápida entrada de divisas e ajudando a atenuar os défices da balança de pagamentos.

Segundo o PENT, o turismo representa 11% do PIB português, sendo que, o Estado Português pretende que o mesmo venha a possuir um peso de 15%. Nesse sentido, trata-se de um sector chave para impulsionar a economia nacional, sendo primordial para o desenvolvimento país.

O turismo é um sector que contribui positivamente para o desenvolvimento económico mundial de vários países, através da geração de empregos. No entanto, sendo uma indústria em crescente expansão, é importante e fundamental existir um planeamento socioeconómico

sustentável, de forma a não causar impactos negativos não só na natureza como na qualidade de vida das populações (Carvalho: 2010).

Sendo o Turismo um sector tão importante, carece de um conjunto de orientações estratégicas que delimitem o seu funcionamento. De acordo com o PENT, existem para Portugal 10 produtos estratégicos para o seu desenvolvimento, nos quais o Turismo de Natureza está incluído. Este plano estratégico foi aprovado pelo governo português em 2007 e constitui a base de orientação estruturante do sector do turismo, permitindo que agentes públicos e privados possam delinear estratégias de desenvolvimento sustentável de destinos turísticos, no sentido de proporcionar uma melhor atractividade para as turistas que os visitam.

O desenvolvimento do Turismo de Natureza é uma realidade e segundo o Turismo de Portugal (2006) Portugal conta com uma importante base a nível de recursos, dado 21% do território do país ser formado por áreas protegidas (Espanha, por exemplo, tem apenas 7,8%), entre as quais figuram parques e reservas naturais e outras áreas de interesse natural. Nesta base de recursos insere-se a Reserva Natural das Berlengas e toda a área contígua considerada como zona de interesse.

Neste âmbito chegamos à problemática que será analisada. Terá o concelho de Peniche, uma diversidade de recursos naturais, de forma a adoptar estratégias de desenvolvimento turístico sustentável aplicado ao turismo de natureza? Será adequado o aproveitamento turístico que se está a efectuar do património natural existente? E por outro lado será que está a ser efectuado da forma mais correcta a promoção do património natural existente proporcionando ao turista uma motivação para visitar Peniche?

ii. Definição do Problema de Pesquisa

O concelho de Peniche possui uma diversificada base de recursos naturais com especial destaque para o Arquipélago das Berlengas como grande elemento diferenciador na região Oeste. A quantidade e qualidade dos recursos naturais da costa de Peniche poderá ser factor determinante para avaliar a capacidade competitiva do destino Peniche. Este trabalho pretende

não só identificar o património natural como investigar a sua importância na escolha do destino turístico Peniche.

Neste contexto a pesquisa e metodologia foram orientadas para responder à questão: A escolha do destino turístico Peniche decorre do seu Património Natural?

iii. Definição dos Objectivos e Formulação de Hipóteses

Ostentando uma área com mais de 20 milhões de anos da evolução geológica do Jurássico Inferior de Portugal, Peniche detém um vasto e importante espólio de património natural e características ideais para o desenvolvimento turístico. O presente estudo procura compreender a importância do património natural na escolha do destino turístico Peniche.

Como objectivos específicos, pretende-se:

- Aferir se os elementos naturais constituem uma vantagem competitiva para a imagem do destino;
- Conferir se os recursos naturais são uma componente relevante na promoção e imagem do destino turístico;
- Apurar se o património natural de Peniche se constitui como factor de atractividade turística.

Por fim, com os resultados destes objectivos específicos, pretende-se confirmar as seguintes hipóteses:

H1. O património natural existente em Peniche é conhecido.

H2. O património natural tem influência na escolha do destino Peniche.

H3. O património Natural tem o adequado aproveitamento turístico.

H4. O património natural é importante para a criação de sustentabilidade do território.

H5. Existe uma transferência da quota de mercado de turistas de sol e mar para turistas de natureza.

H6. A promoção de marketing e comunicação efectuada ao património natural é adequada.

iv. Estrutura do trabalho

Esta dissertação encontra-se estruturada em sete capítulos divididos em três partes cada um. A primeira parte começa a revisão da literatura, através da introdução de conceitos teóricos a abordar no estudo da problemática, tais como o turismo, turismo de natureza, planeamento turístico, entre outros. Na segunda parte será caracterizado o concelho de Peniche e por fim a investigação que engloba a análise e discussão dos dados obtidos, conclusões, recomendações, limitações do estudo e futuras linhas de investigação.

No primeiro capítulo, i.é., o “Enquadramento Teórico”, analisa-se o sector do turismo nacional, identificando-se os intervenientes e segmentos com particular importância para o Turismo de Natureza e sua envolvência.

No segundo capítulo “Desenvolvimento e Planeamento Turístico”, analisa-se a importância e impacto do turismo nos demais sectores da economia. Analisa-se o processo de formação de um destino com particular realce para a imagem e recursos endógenos.

No terceiro capítulo “Caracterização de Peniche”, realiza-se uma caracterização do destino em estudo, análise socioeconómica e caracterização da oferta turística.

O quarto capítulo “Metodologia” retrata e explica as diferentes opções metodológicas utilizadas no desenvolvimento do presente trabalho de investigação.

O capítulo quinto “Análise e Discussão de Dados”, apresenta a visão e opiniões dos responsáveis pelas entidades locais e regionais e demais agentes e personalidades relacionadas com o turismo com particular destaque para os investigadores do GITUR.

No sexto capítulo “Conclusões”, traduz-se em notas finais as conclusões que confirmam as hipóteses identificadas e as conclusões gerais.

No sétimo e último capítulo “Recomendações” apresentam-se as limitações e propostas para futuras linhas de investigação.

1 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Nesta secção procede-se a uma revisão da leitura da problemática em estudo, definindo os conceitos teóricos essenciais para a realização da dissertação. Este trabalho iniciou-se com a investigação de estudos sobre a indústria do turismo, seguindo-se uma análise mais profunda ao Turismo de Natureza e ao mercado abrangido. Posteriormente sucedeu-se ao estudo do desenvolvimento e planeamento turístico.

1.1 Desenvolvimento Histórico do Turismo

Actualmente o turismo é uma actividade popular e massificada, mas outrora o cenário era diferente. De facto, o fenómeno turístico começou a revelar-se na idade clássica, onde as viagens eram realizadas sobretudo individualmente e, por necessidades fundamentais tais como: a saúde, a religião, o comércio, estudos, entre outras (Blasco, 2001, citado em Castro, 2004). Com o decorrer dos séculos, as viagens foram assumindo novas componentes e motivações, nomeadamente relacionadas com a curiosidade e atracção pelo desconhecido.

Com o início da Revolução Industrial, surgem mudanças tecnológicas, culturais, sociais e económicas (progresso da ciência, liberalização das trocas, desenvolvimento dos transportes e desenvolvimento da comunicação social escrita – jornais), que influenciaram o turismo. E é com a industrialização que surgem os caminhos-de-ferro, que irão dar origem à primeira grande viagem organizada: o *Grand Tour*, iniciada em 1841, quando Thomas Cook, decide organizar uma viagem de comboio para os jovens aristocratas ingleses que finalizavam os seus estudos, tornando-se assim o primeiro agente de viagens (Mill e Morrison, 1992 citado em Vareiro, 2008).

Nos finais do século XIX princípios do século XX, surgem grandes destinos turísticos que atraem muitas pessoas, tratam-se das estâncias termas, de montanha e balneares marítimas (Cunha, 2010).

Com a industrialização, as sociedades laborais adoptam novas políticas de definição dos ritmos de tarefas, começam a ter noção da separação do tempo de trabalho e do não-trabalho, a determinar um horário de trabalho e, um último passo na melhoria das condições laborais, a institucionalização das férias remuneradas, fez com que a sociedade ocidental começasse por dar mais importância ao lazer e à ocupação dos tempos livres (Castro, 2004).

Com o aumento generalizado do rendimento, as classes mais baixas passam as suas férias fora da sua residência, contribuindo assim para uma crescente mobilidade proporcionada pelo desenvolvimento dos transportes. Esta acumulação de condições culturais, materiais e organizativas impulsionam o fenómeno turístico, aumentando o número de turistas bem como o número de receitas.

Apesar da crise petrolífera dos anos 70 que se repercutiu principalmente nos preços dos transportes, a partir do final dessa década, o crescimento do turismo, embora lento, manteve-se (Figuerola, 2000, citado em Vareiro, 2008).

Em 1980 realiza-se a Conferência Mundial do Turismo onde é aprovada a Declaração de Manila, que irá marcar uma viragem das linhas estratégicas do desenvolvimento turístico. Surgem novas preocupações com o ambiente e com os recursos naturais e patrimoniais, e o turismo é utilizado como factor de valorização dos costumes e culturas sociais e afirmação pessoal.

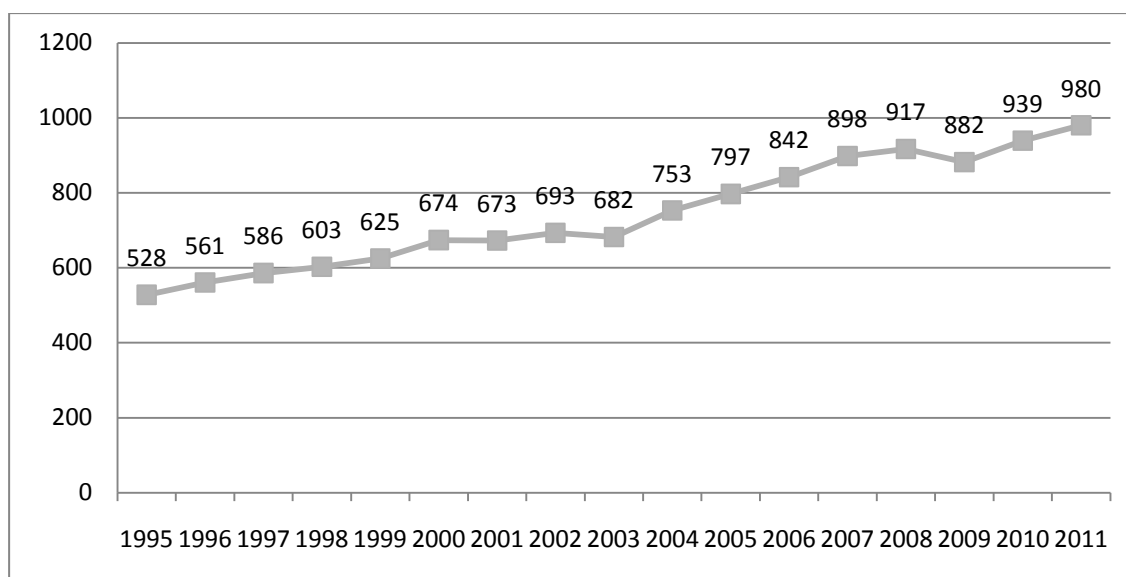
O crescente desenvolvimento do turismo e o elevado nível de procura leva a uma diversificação da oferta, nomeadamente no que respeita ao alojamento. Surgem então novas formas de alojamento tais como: o campismo, a habitação periódica, os aldeamentos turísticos e o turismo em espaço rural. Estas novas formas de alojamento são mais flexíveis, exigem menos investimento, aproveitam património existente e permitem captar camadas mais vastas da população. Permitem também o desenvolvimento do turismo em áreas onde não são viáveis os empreendimentos tradicionais (Henriques: 1996).

Segundo dados estatísticos da Organização Mundial de Turismo (2012), o número de turistas foi crescendo gradualmente desde 25 milhões em 1950, 528 milhões em 1995; 674 milhões em 2000 e 980 milhões em 2011.

Não obstante a actual crise financeira mundial, a tendência prevista pela OMT é de um crescimento do número de turistas. Estima-se superar a meta dos mil milhões de turistas já neste ano de 2012.

Sendo muitos os países que dependem das receitas do turismo para ultrapassar a crise financeira, a aposta no sector é cada vez maior. Ao mesmo tempo, os destinos emergentes contribuem fortemente para o aumento do fluxo de turistas.

Figura 1.1- Evolução do número de turistas mundial, em milhões.



Fonte: Organização Mundial do Turismo (OMT, 2012)

1.2 Conceito de Turismo

O conceito de turismo é um pouco complexo e multidisciplinar que atrai a atenção, simultaneamente, de economistas, geógrafos, ambientalistas, sociólogos, psicólogos, entre outras áreas do conhecimento, por isso é difícil encontrar um conceito único de turismo. Neste

sentido, existem portanto definições que se estabelecem considerando as perspectivas e desenvolvimentos dos vários autores que se debruçam sobre o assunto (Vareiro, 2008).

De uma forma resumida e de forma a incluir os elementos-chave que representam o turismo, Gunn (2002, 9), estabelece os seguintes pontos:

- i) o turismo não é uma disciplina mas sim, um campo multidisciplinar;
- ii) o turismo é gerado por duas forças principais – a procura e a oferta;
- iii) dentro da procura há uma diversidade de interesses e capacidades dos viajantes;
- iv) a oferta agrega todos os desenvolvimentos físicos e programados necessários para satisfazer as necessidades dos turistas;
- v) o turismo inclui múltiplas dimensões, geográfica, económica, ambiental, social e política;
- vi) o turismo não é uma indústria; envolve um grande número de entidades, entre as quais, empresas.

Actualmente, o conceito de turismo relaciona-se, com a ocupação dos tempos livres através de actividades de lazer e recreio. De facto, quem dispõe de tempos livres tenta ocupá-los para se distrair, divertir, para desenvolvimento pessoal ou simplesmente por evasão da rotina do trabalho (Cunha; 2001). Neste sentido, podemos considerar o turismo segundo a definição da Organização Mundial do Turismo (1995) em que “O turismo compreende as actividades desenvolvidas por pessoas ao longo de viagens e estadas em locais situados fora do seu enquadramento habitual por um período consecutivo que não ultrapasse um ano, para fins recreativos, de negócios e outros”.

A finalidade do turismo traduz-se em oferecer bens e serviços que vão ao encontro das exigências dos viajantes, abrangendo a oferta e a procura turística. Por este motivo, o turismo engloba vários sectores que compreendem: transportes, atracções construídas pelo homem, serviços de suporte ao sector privado, público e intermediários, como por exemplo os operadores turísticos.

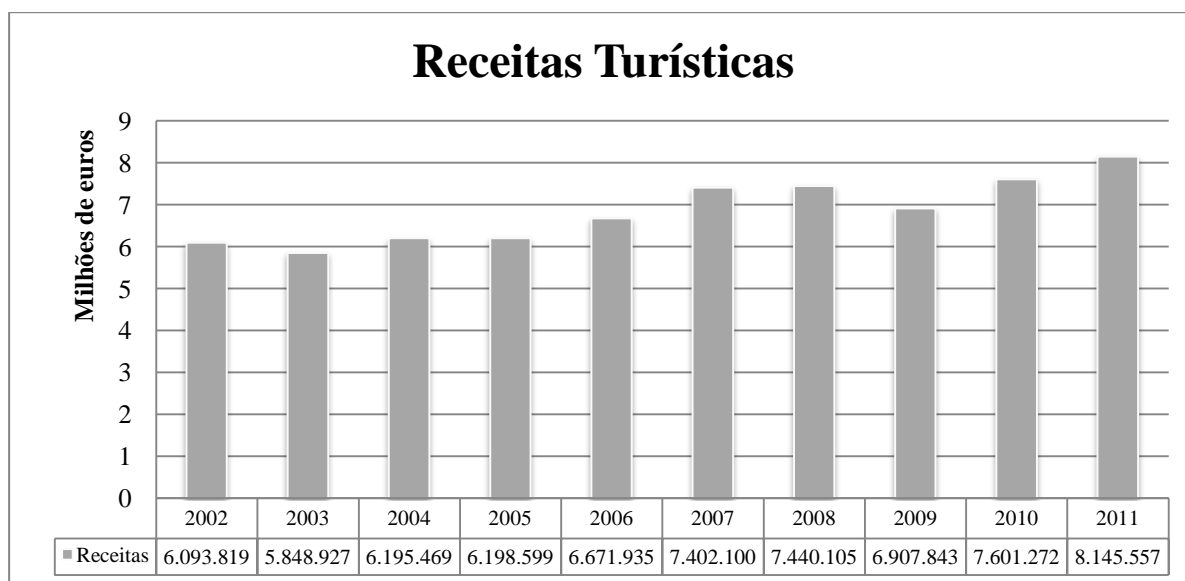
Obviamente, a gestão de serviços é bastante difícil, por isso o sistema do turismo apresenta diversas estruturas compostas por múltiplos intervenientes que determinam a procura e a

oferta turística, ou seja, os sistema funcional do turismo é o fundamento que desenvolve toda a actividade turística.

O turismo é, definitivamente, uma actividade económica de elevada importância em relação a outros sectores. Em Portugal, segundo o Boletim Estatístico do Banco de Portugal (2012) os turistas estrangeiros deixaram no país receitas turísticas de 8.141 milhões de euros em 2011, sendo actualmente a principal actividade exportadora nacional, representando em 2010, 14% das exportações de bens e serviços e 43,3% das receitas de exportações de serviços.

De acordo com o Turismo de Portugal, este aumento de receitas deve-se ao grau de satisfação dos turistas que visitam o país. A qualidade da oferta turística, atrai novos turistas estrangeiros mais sofisticados que despendem mais dinheiro na sua estada.

Figura 1.2 - Receitas do Turismo em Portugal



Fonte: Banco de Portugal (2012).

1.3 Conceito de Turista

Desde sempre o homem sentiu necessidade de se deslocar para outros locais diferentes do ambiente que o rodeava. Viajava por prazer ou para aumentar os seus conhecimentos pessoais através do contacto com outros povos e das suas culturas, tradições, assim como para

descobrir novas paisagens. Actualmente, devido ao desenvolvimento das acessibilidades e condições de vida, é mais fácil viajar e os motivos e razões de deslocação são mais diversificados.

Segundo Cunha (2001,16), as pessoas podem viajar para:

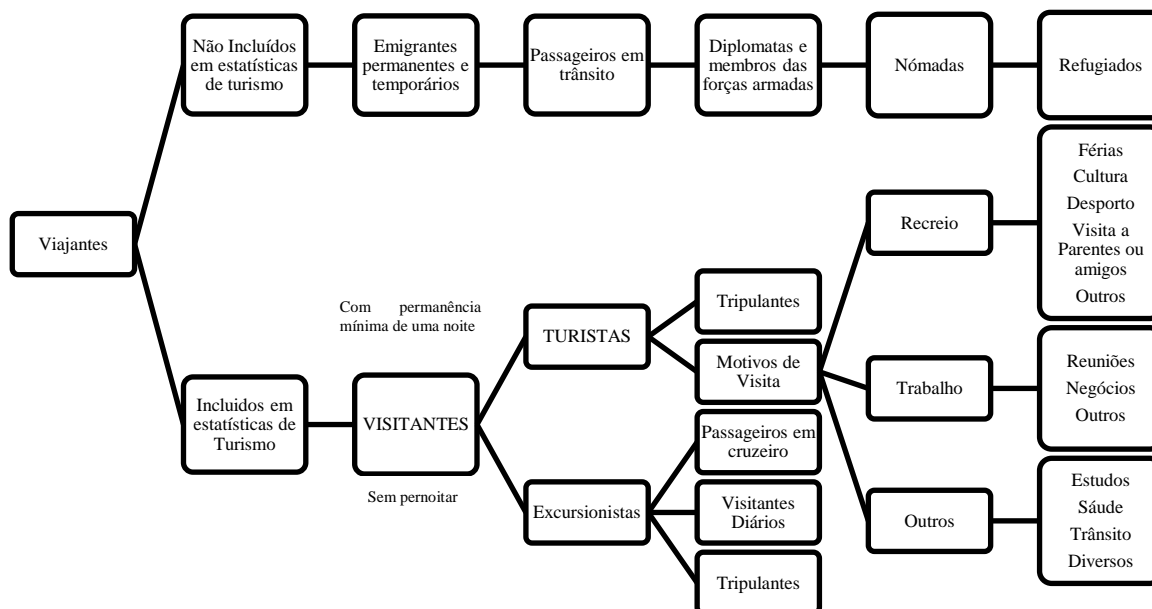
- Escapar a qualquer situação desagradável ou penosa (recuperar a saúde e o bem estar físico ou psicológico, fugir a perseguições políticas ou policiais, escapar a conflitos familiares ou sociais);
- Alcançar melhor situação económica (procura de trabalho, aumento do bem estar material);
- Cumprir missões ligadas ao exercício de uma actividade profissional, política ou intelectual (participar em reuniões, praticar um desporto, desenvolver negócios, realizar concertos ou conferências, representar instituições ou organizações, realizar estudos);
- Cumprir obrigações ou deveres de carácter familiar ou social (visitar parentes e amigos, participar em comemorações ou acontecimentos de âmbito familiar ou associativo);
- Conhecer coisas diferentes e viver situações diferentes (ver como vivem os outros, escapar à rotina, evadir-se, visitar monumentos, aventura, divertir-se, praticar actividades lúdicas).

Qualquer um destes motivos constitui uma razão para viajar mas, nem todos assumem a mesma natureza. Assim sendo, e em todas estas razões, "...todas as pessoas que se deslocam são chamadas **viajantes** e portanto, este termo designa toda a pessoa que viaja entre dois ou mais locais, qualquer que seja o modo ou o meio da sua deslocação" (Cunha, 2001).

Em 1963, na Conferência de Roma realizada pela Organização das Nações Unidas sob o tema "Turismo e as viagens internacionais", definiram-se dois tipos de viajantes: os turistas e os excursionistas (Viegas, s.d). No primeiro termo, os turistas são considerados todos os visitantes temporários que permanecem pelo menos 24 horas no país visitado e cuja razão da viagem pode ser por lazer, negócios, família missão ou encontro. No segundo termo, os excursionistas designam-se por todos os visitantes temporários que permanecem no país

menos de 24 horas no país visitado, pelos mesmos motivos, e que nele não pernoitam (excluindo passageiros em trânsito).

Figura 1.3 - Os Turistas no contexto dos viajantes segundo as indicações da OMT



Fonte: Henriques (1996; 21)

1.4 Tipos de Turismo

Os motivos que levam as pessoas a viajar relacionam-se com as características dos destinos, por isso constituem o objecto da sua procura. Nestes termos, os múltiplos motivos identificam vários tipos de turismo. De acordo com Cunha (2001) os tipos de turismo podem classificar-se por: - turismo de recreio; - de repouso; - cultural; - étnico; - natureza; - negócios e desportivo.

Cada tipo de turismo possui características específicas, mas não existem barreiras que os diferenciem uns dos outros, pois podem coexistir nos mesmos destinos. Em suma, um destino turístico pode abranger várias atracções turísticas significando que um visitante que se desloca a um destino, pode praticar diversos tipos de turismo em simultâneo. Tomando por exemplo o concelho de Peniche que, dispõe de elementos naturais de enorme beleza, como o recorte

geográfico da costa norte ou o arquipélago das Berlengas, tem também para oferecer atractivos de cariz cultural, tal como a Festa de Nossa Senhora Da Boa Viagem e a sua tradicional procissão do mar, ou o património histórico, como as suas belas igrejas e a Fortaleza, entre outros. Neste sentido, um viajante pode deslocar-se a Peniche para participar na procissão e, na mesma viagem visitar, por exemplo, a ilha da Berlenga.

1.4.1 Turismo de Natureza

O Turismo de Natureza é uma vertente do turismo cuja procura é cada vez maior, tanto no contexto nacional como internacional. Os espaços naturais como destinos turísticos, fazem de Portugal um destino privilegiado para a prática de turismo de natureza. A diversidade de áreas protegidas, encontram-se por todo o território português (Carvalho, 2010). Neste sentido, tentando dar resposta à crescente procura e tentando regulamentar a diversidade da oferta, sem por em causa a preservação das riquezas naturais, foi elaborado o Decreto-Lei n.º 47/9, de 16 de Fevereiro. O mesmo define Turismo de Natureza como o produto turístico composto por estabelecimentos, actividades e serviços de alojamento e animação turística e ambiental realizados e prestados em zonas integradas na rede nacional de áreas protegidas. O decreto define ainda que este tipo de turismo desenvolve-se segundo diversas modalidades de hospedagem, de actividades e serviços de animação ambiental, que permitam apreciar e fruir o património natural, arquitectónico, paisagístico e cultural.

De acordo com o Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade, o Turismo de Natureza “permite conhecer o património natural, as paisagens e as tradições dessas áreas, respeitando os valores naturais que nelas existem”.

Devido à crescente procura de paisagens naturais e, num contexto mais ligado ao turismo, foi criado o Programa Nacional de Turismo de Natureza, uma parceria entre as Secretarias de Estado do Ambiente e do Turismo na Resolução de Conselho de Ministros nº 112/98, de 25 de Agosto. Com a criação deste programa, foi redefinido o conceito de Turismo de Natureza em Portugal, abrangendo “toda a actividade turística que decorra em áreas classificadas ou outras com valores naturais, que seja como tal reconhecida pelo Instituto de Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I.P”.

Seleccionado um dos dez produtos estratégicos do Plano Estratégico Nacional do Turismo, o Turismo de Natureza é uma actividade cada vez mais comum nas escolhas dos turistas, aumentando anualmente cerca de 7% e com previsão de crescimento. De acordo com o Turismo de Portugal (2006), este crescimento deve-se à contribuição dos seguintes factores:

- Maior e crescente consciência ambiental entre a população dos países emissores de Turismo;
- Preferência por áreas envolventes não massificadas como destino de viagem;
- Crescente preferência por férias activas em detrimento de férias passivas;
- Procura de experiências com elevado conteúdo de autenticidade e de valores éticos;
- Forte presença de ofertas de viagens de Natureza na internet, acessíveis a uma fatia crescente populacional;
- Entre outros.

Cada vez mais nos preocupamos com as questões ambientais, sendo a sustentabilidade um conceito a seguir. É cada vez mais comum, criar e praticar turismo de forma a não comprometer as gerações futuras e assim, contribuir para a melhoria do planeta e do modo de vida dos seus habitantes.

Hoje em dia, praticar turismo de natureza compreende o zelo pela conservação da natureza, minimizando o impacto da acção humana e promover de forma sustentável a actividade turística no meio natural. O turismo de natureza é e será uma aposta de sucesso, onde as oportunidades crescerão rapidamente. Assim sendo, cabe aos destinos com potencialidades de desenvolvimento turístico, saberem valorizar os seus recursos naturais e criar factores de atracção.

1.4.2 Perfil dos Turistas de Natureza

Para caracterizar o perfil dos turistas de Natureza, a internet é uma importante ferramenta que auxilia a pesquisa de produtos e serviços no destino. A disponibilidade de uma enorme quantidade de informação ao alcance de qualquer pessoa, permitiu criar novos clientes que, através da selecção de um diversificado leque de produtos turísticos, poderão escolher o seu próprio itinerário de viagem consoante a sua motivação e poder de compra. Numa síntese dos resultados obtidos através de uma série de entrevistas realizadas pelo Turismo de Portugal a

peritos e operadores turísticos, em Dezembro de 2005, nos principais mercados emissores europeus, estes novos turistas também apelidados de consumidores de Turismo de Natureza *hard*, revelam um perfil sócio-demográfico e hábitos de consumo mais precisos e específicos.

Tabela 1.1 - Perfil básico dos consumidores de viagens de natureza

Âmbito	Consumidores de Natureza <i>Soft</i>	Consumidores de Natureza <i>Hard</i>
Perfil socio-demográfico	Famílias com filhos Casais Reformados	Quem são? <ul style="list-style-type: none"> • Jovens entre 20 e 35 anos • Estudantes e profissionais liberais • Praticantes/aficionados de desportos ou actividades de interesse especial
Hábitos de Informação	Informação interpessoal Brochuras	Através de que meio se informam? <ul style="list-style-type: none"> • Revistas especializadas • Clubes/associações • Internet
	Agências de viagens <i>Call centres</i>	Onde compram? <ul style="list-style-type: none"> • Internet • Associações especializadas
	Pequenos hotéis de 3-4 estrelas Casas Rurais	Que tipo de alojamento compram? <ul style="list-style-type: none"> • <i>Bed & breakfast</i> • Alojamentos integrados na Natureza (casas de campo, campismo...) • Refúgios de montanha
	Maioritariamente no Verão (época de férias)	Em que período do ano compram? <ul style="list-style-type: none"> • Primavera e Verão, dependendo do tipo de actividade ou desporto
	Famílias Casais Grupo de amigos	Quem compra? <ul style="list-style-type: none"> • Individual • Grupo de amigos
	1 a 2 vezes por ano	Quantas vezes ao ano compram? <ul style="list-style-type: none"> • Frequentemente (até 5 vezes)
	Hábitos de uso	Descansar e desligar no meio natural Caminhar e descobrir novas paisagens Visitar atractivos interessantes Fotografia

Fonte: Turismo de Natureza – 10 Produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo de Portugal.¹

¹ Lisboa (2006): Estudo realizado por THR (Asesores en Turismo Hoteleria y Recreación, S.A) para o Turismo de Portugal, IP.

O perfil do turista que opta pelo Turismo de Natureza *Soft* é um indivíduo normalmente com família, filhos, casado ou reformado que fica alojado em pequenos hotéis ou casas rurais e que viaja normalmente no verão. O perfil da turista que pratica Turismo de Natureza *Hard* é um indivíduo normalmente jovem, estudante, praticante de desportos ou actividades de interesse especial que ficam alojados em casas de campo ou parques de campismo e que normalmente viajam com amigos.

1.4.3 Tendências no Mercado de Turismo de Natureza

O turismo é uma indústria instável e que sofre constantemente diferentes mudanças, originadas pelos exigentes consumidores que, cada vez mais, conscientes sobre as questões ambientais, optam por uma nova e mais autêntica qualidade de vida. Por consequência, o mercado turístico evoluiu e caminha para o desenvolvimento de novos produtos que marcam a diferença, destacando-se aqui o Turismo de Natureza.

Actualmente, sendo o Turismo de Natureza um emergente sector da indústria do turismo, muitos são os países que através da riqueza dos seus recursos naturais, apostam no turismo relacionado com a natureza. Tomando como exemplo, países como a Austrália, Quênia, Nepal, Costa Rica e Tanzânia que, de acordo com a OMT, valorizam a importância deste sector para o desenvolvimento dos seus destinos, tendo como mercados emissores, os Estados Unidos da América, Canadá e continente Europeu. A tabela 1.2, permite observar as preferências dos principais mercados emissores de Turismo de Natureza.

Quando falamos em Turismo de Natureza não poderemos deixar de associá-lo ao turismo rural, pois também compreende o contacto com a natureza. Neste sentido, é importante definir o conceito e como este se desenvolveu. Segundo Sharpley e Sharpley (citado em Carvalho, 2010), o Turismo Rural não abrange apenas o turismo que acontece em zonas rurais, mas compreende não só diferentes tipos de turismo, como também uma diversidade de actividades.

Tabela 1.2 - Principais regiões de destino no mercado de turismo de natureza

Destinos com maior grau de preferências			
Mercados Emissores	1º	2º	3º
Alemanha	Europa	América	Ásia
Reino Unido	América Latina	Ásia	Europa/África
França	África	Ásia/Europa	América Latina
Itália	Europa	América Latina	África/Ásia
Espanha	América Latina	África	Ásia/Europa
Estados Unidos	México	Austrália	América Latina
Canadá	Canadá	Estados Unidos	Europa

Fonte: Programa de Investigação sobre os mercados geradores de ecoturismo, OMT, 2002.

A aposta no turismo como resposta à crise nas zonas rurais encontra-se cada vez mais presente. Sendo esta uma aposta credível e com perspectivas de evolução, é importante que este crescimento aconteça de forma sustentável, não comprometendo as gerações futuras, tanto a nível económico como ambiental.

Os novos produtos e serviços turísticos deverão ir de encontro ao equilíbrio ambiental e à valorização do património cultural. O desenvolvimento turístico de um destino prende-se com os recursos locais mas o seu crescimento depende da capacidade de os valorizar e da criação de novos factores de atracção (Cunha, 2008).

A evolução do mercado do Turismo de Natureza deve-se ao interesse do turista pela qualidade e tranquilidade ambiental, o contacto com a natureza e a preferência por períodos de férias mais curtos (Carvalho, 2010).

1.4.4 Motivação da Procura pelo Turismo de Natureza

Nos primórdios do século passado, diversos foram os factores que contribuíram para uma gradual evolução da procura por actividades de lazer e geraram o desenvolvimento do turismo. No entanto, as motivações dos cerca de vinte e cinco milhões de turistas existentes na época, eram muito homogéneas, isto derivado às limitações das suas estruturas socioeconómicas e socioculturais (Carvalho, 2010).

Hoje em dia a realidade do sector turístico é muito mais democrática, sendo a prática de fazer turismo, acessível a praticamente todas as classes sociais. Diversas são também as suas motivações e as suas opções relativamente ao destino de férias. Estas condições propiciaram também o desenvolvimento de distintos produtos para fazer face à crescente procura.

A facilidade de praticar turismo conduziu a um gradual aumento dos fluxos turísticos e a uma conseqüente aglomeração de turistas em lugares mais comuns e convencionais. Com esta saturação, surgiu a preocupação ambiental e a necessidade de regressar ao espaço natural e ao consumo de produtos culturais genuínos, emergindo assim o turismo de natureza.

A crescente procura e também oferta turística contribuíram para uma evolução do turismo em espaços naturais. Estas novas tendências devem-se a três principais razões (Nunes, 2010):

- a) Saturação do turismo convencional;
- b) Desenvolvimento do paradigma ecológico;
- c) Comercialização do “eco” e da “natureza”, assumidos, por esta via, por bens de consumo.

Estes novos turistas procuram novas experiências, novos desafios e são mais exigentes nas suas preferências, procurando cada vez mais uma forma de turismo com maior qualidade. Estas exigências evoluíram em consequência da necessidade de evasão dos ambientes urbanos, pela procura de alternativas ao chamado turismo de “massas”, pelas experiências vividas em outras viagens e também devido à quantidade de informação disponibilizada ao consumidor.

Num estudo recente do Turismo de Portugal sobre a satisfação dos turistas que visitaram Portugal em 2011, destaca-se a oferta natural e cultural como o ponto forte do nosso país, sendo as praias e as paisagens os itens que registam níveis de satisfação mais elevada (conferir tabelas 1.3 e 1.4).

Tabela 1.3 - Grau de satisfação com os pontos de contacto e correspondência com as expectativas 1/2

	Grau de Satisfação	Correspondência com as Expectativas		
	T3B (%8+9+10)	Abaixo	Correspondeu	Acima
Praias	86%	7%	57%	36%
Paisagens	86%	5%	60%	35%
Gastronomia e Vinhos	81%	5%	59%	36%
Alojamento	79%	8%	62%	30%
Actividades desportivas	79%	4%	46%	50%
Simpatia da população local	78%	6%	61%	33%
Actividades na natureza	78%	3%	68%	30%
Monumentos/museus	74%	7%	64%	29%
Entretenimento	74%	7%	68%	26%
Segurança	74%	7%	69%	24%
Restaurantes	73%	9%	64%	27%
Actividades náuticas	73%	7%	61%	32%
BASE VARIÁVEL: TURISTAS QUE UTILIZARAM CADA UM DOS PONTOS DE CONTACTO				
Hospitalidade	Infra-estruturas e Informação Turística	Oferta Natural e Cultural	Actividades Turísticas	Outros Serviços

Fonte: Turismo de Portugal (2011). Estudo realizado por GfK Metris – Estudo da Satisfação dos Turistas

Tabela 1.4 - Grau de satisfação com os pontos de contacto e correspondência com as expectativas 2/2

	Grau de Satisfação	Correspondência com as Expectativas		
	T3B (%8+9+10)	Abaixo	Correspondeu	Acima
Oferta Natural e Cultural	82%	6%	60%	34%
Actividades Turísticas	73%	6%	60%	35%
Hospitalidade	69%	8%	64%	28%
Infra-estruturas e informação Turística	64%	14%	64%	22%
Outros Serviços	58%	10%	70%	21%

Fonte: Turismo de Portugal (2011). Estudo realizado por GfK Metris – Estudo da Satisfação dos Turistas

Relativamente às opções de férias dos portugueses, o estudo realizado pela Hotels.com², revela-nos que, o destino escolhido por 84,9% dos portugueses para fazer férias continua a ser a Praia, mantendo a tradição das opções dos portugueses. Seguindo-se dos destinos culturais/históricos (42,2%), que se apresentam cada vez mais como boas escolhas para férias.

² O website de reservas de hotéis em mais de 120 000 alojamentos em todo o mundo.

Tabela 1.5 - Tipos de destino preferidos dos portugueses

Praia	84,90%
Culturais/históricos	42,20%
Cidades/urbanos	28%
Campo	26,50%
Montanha	12%
Reencontro com a família	12%
Aventura	8,70%
Outras opções	3,10%

Fonte: Própria, adaptado de Hotels.com

1.4.5 As Áreas Protegidas Palco da Materialização do Turismo Natureza

A actividade turística é um importante vector de desenvolvimento em zonas consideradas rurais, e nesse contexto sobressaem as áreas protegidas reconhecidas como áreas de elevado valor natural, cultural e paisagístico, propícias para o desenvolvimento de actividades, práticas e modalidades turístico/recreativas. Neste sentido, e sendo cada vez mais emergente a procura por espaços naturais como alternativa ao turismo massificado, as áreas protegidas surgem como destinos privilegiados em termos turísticos e recreativos.

No entanto, nem sempre a promoção e desenvolvimento de actividades turísticas e recreativas nas áreas protegidas, são realizadas nos moldes considerados ajustados às especificidades culturais e naturais nessas áreas. Por vezes as actividades até constituem factor de desagregação sociocultural e degradação ambiental. Este desrespeito pela natureza, suscita a redução dos valores patrimoniais existentes e poderá comprometer o próprio desenvolvimento sustentável das regiões em causa, esgotando e destruindo os seus factores de atractividade.

No intuito de salvaguardar estes factores e diminuir o impacto do turismo nas comunidades locais e no meio ambiental natural, o Governo criou o Programa Nacional de Turismo de Natureza, em Resolução do Conselho de Ministros n.º 112/98 de 25 de Agosto, aplicável exclusivamente à Rede Nacional de Áreas Protegidas.

Este programa é direccionado para o desenvolvimento sustentável e em termos turísticos visa permitir a recuperação e conservação do património natural e cultural apoiado em quatro vectores principais: conservação da natureza, desenvolvimento local, qualificação da oferta turística e diversificação da actividade turística.

Actualmente, de acordo com o enquadramento legal para os empreendimentos turísticos e para as actividades de animação turística, o conceito de Turismo de Natureza engloba as actividades turísticas que decorram em áreas classificadas ou outras com valores naturais, que sejam como tal reconhecidas pelo Instituto da Conservação da Natureza e Biodiversidade, I.P.

O Programa Nacional de Turismo Natureza encontra-se regulado ainda pelos seguintes diplomas:

- Decreto-Lei n.º 47/99, de 16 de Fevereiro, estabelece o regime jurídico do Turismo de Natureza. Alterado pelo Decreto-Lei n.º 56/2002, de 11 de Março.
- Decreto Regulamentar n.º 2/99, de 17 de Fevereiro, regulamenta os requisitos das instalações e do funcionamento das Casas de Natureza.
- Decreto Regulamentar n.º 18/99, de 27 de Agosto, regulamenta a animação ambiental nas modalidades de animação, interpretação ambiental e desporto de natureza, bem como o seu processo de licenciamento.
- Decreto Regulamentar n.º 17/03 de 10 de Outubro alterando o Decreto-Regulamentar n.º 18/99, de 27 de Agosto.

Há que ter ainda em conta outra legislação relevante, nomeadamente:

- Decreto-Lei n.º 204/2002, de 1 de Outubro, mantém em vigor a classificação das áreas protegidas operada pelos diplomas que procederam à sua criação ou à respectiva reclassificação.
- Portaria n.º 164/2005, de 11/02 e Dec. Rectificação n.º 12/2005, de 13/03, estabelece as taxas devidas pela concessão e renovação das licenças emitidas pelo ICN, Instituto Conservação da Natureza.
- Decreto-Lei n.º 19/93 de 23 de Janeiro - Áreas protegidas, estabelece normas relativas à Rede Nacional de Áreas Protegidas. Alterado pelo Decreto-Lei n.º 213/97, de 16 de Agosto, pelo Decreto-Lei n.º 227/98, de 17 de Julho e pelo Decreto-Lei n.º 221/2002,

de 22 de Outubro. Revoga o Decreto-Lei n.º 613/76, de 27 de Julho, e os Decretos n.ºs 4/78, de 11 de Janeiro, e 37/78, de 17 de Abril.

- Decreto-Lei n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro Altera o Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de Abril. Revê a transposição para a ordem jurídica interna da Directiva n.º 74/409/CEE, do Conselho, de 2 de Abril (relativa à conservação das aves selvagens), e da Directiva n.º 92/43/CEE, do Conselho, de 21 de Maio (relativa à preservação dos habitats naturais e da fauna e da flora selvagens). Revoga os Decretos-lei n.ºs 75/91, de 14 de Fevereiro, 224/93, de 18 de Junho, e 226/97, de 27 de Agosto.

1.5 O Conceito de Património

A palavra Património teve a sua origem no latim *Patrimonium* que, de acordo com o vocabulário romano significava tudo o que pertencia ao pai, pater ou pater famílias, pai de família. A família era subjugada ao seu senhor, tudo nela lhe pertencia, incluindo a mulher e os filhos e também os escravos, os bens imóveis e móveis e até os animais (Quintal, 2008).

De acordo com a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira a palavra património pode ser entendida de diversas formas, (Almeida, 2005):

- Herança paterna;
- Bens de família;
- Bens indispensáveis para a ordenação de qualquer eclesiástico;
- Qualquer espécie de bens, materiais ou morais, pertencentes a alguém ou a alguma instituição ou colectividade;
- (...) grupo de bens e direitos pecuniários, mais ou menos extenso, mormente quando tais bens e direitos são destinados a um fim;
- (...) conceito complexo, extensível a um campo económico e jurídico, para não dizer ideal ou filosófico;
- (...) direitos pessoais, não económicos, inalienáveis e impenhoráveis, e sobretudo estritamente ligados à personalidade (...).

Desde a antiguidade até ao século XIX, o património era considerado como o conjunto de bens materiais pertencentes a uma pessoa jurídica, pessoa, casa ou instituição, contendo, no entanto, uma carga jurídica e institucional que perdura até aos dias de hoje. A partir do século XIX, com a introdução do romântico, do histórico e nacionalista, o conceito de património altera a sua definição abrangendo os monumentos históricos e nacionais.

Gradualmente, o conceito de património alarga os seus horizontes e estende-se a outras tipologias, aumenta as barreiras temporais do que se considera património e a sua abrangência quanto à preservação chega a níveis internacionais (Almeida, 2005).

A preservação do património atinge o seu auge com a criação da UNESCO em 16 de Novembro de 1945. O principal objectivo desta organização era de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações. As suas acções e convenções iniciais orientavam-se para a educação. No entanto, em 1959, a UNESCO lançou uma campanha mundial para protecção dos templos de *Abu Simbel* e de *Philae*, templos a destruir pelo Governo Egípcio para dar lugar à construção da Represa de Assuã³. Com esta campanha a UNESCO permitiu que os templos fossem desmontados e movidos para uma posição de cota mais elevada onde foram montados peça por peça (UNESCO, 2003).

A partir deste acontecimento a UNESCO iniciou, com o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios, uma convenção para proteger o Património Mundial da humanidade.

Com o intuito de combinar a conservação da cultura com a conservação da natureza, em 16 de Novembro de 1972, foi subscrita a “Convenção a Respeito da Protecção do Património Cultural e Natural do Mundo” por diversos países, sendo o último a Palestina a oito de Dezembro de 2011⁴.

Actualmente, para entrar na lista de Património Mundial da UNESCO, o local candidato deve integrar uma das categorias e satisfazer um dos critérios de selecção (apêndice A) definidos

³ A Represa Alta de Assuã ou Assuã Alta é uma barragem egípcia localizada no rio Nilo, próxima a cidade de Assuã.

⁴ Fonte: UNESCO (<http://www.unesco.org/eri/la/convention.asp?KO=13055&language=E>)

na Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural (1972) e nas Orientações para a aplicação da Convenção do Património Mundial.

Figura 1.4 - Logótipo Património Mundial



Fonte: UNESCO, <http://www.unesco.pt>

De acordo com a UNESCO⁵, as categorias consideradas no património cultural são (art.º 1 da Convenção de 1972):

- Os **monumentos** – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- Os **conjuntos** – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;
- Os **locais de interesse** – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor

⁵ Fonte: UNESCO, www.unesco.pt/pdfs/docs/categorias+criterios.doc

universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

As categorias consideradas como património natural segundo o art.º 2 da Convenção de 1972 são:

- Os **monumentos naturais** constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;
- As **formações geológicas e fisiográficas** e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;
- Os **locais de interesse naturais ou zonas naturais** estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural.

São considerados património misto cultural e naturais os bens que respondem a uma parte ou à totalidade das definições de património cultural e natural que constam dos artigos 1º e 2º da Convenção.

A lista do património mundial publicada no *site* oficial da UNESCO, inclui 936 bens. Estes incluem setecentos e vinte cinco bens considerados culturais, cento e oitenta e três bens naturais e vinte e oito bens de características mistas distribuídos por cento e cinquenta e três regiões.

Portugal aderiu a esta Convenção em 1979 pelo Decreto n.º 49/79 de 6 de Junho e actualmente tem 15 bens inscritos na lista de património mundial, em concreto o:

- Centro Histórico de Angra do Heroísmo (1983) - Angra do Heroísmo, Açores;
- Mosteiro dos Jerónimos (1983) – Lisboa;
- Torre de Belém (1983) – Lisboa;
- Mosteiro da Batalha (1983) – Batalha;
- Convento de Cristo (1983) – Tomar;
- Centro Histórico de Évora (1986) – Évora;
- Mosteiro de Alcobaça (1989) – Alcobaça;

- Paisagem Cultural de Sintra (1995) – Sintra;
- Centro Histórico do Porto (1996) – Porto;
- Sítios de Arte Rupestre do Vale do Côa (1998);
- Floresta Laurissilva da Ilha da Madeira (1999) – Madeira;
- Centro Histórico de Guimarães (2001) – Guimarães;
- Região Vinhateira do Alto Douro (2001);
- Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico (2004) – Pico.

Sintetizando a evolução do conceito de património ao longo de diferentes séculos, o património pode ser definido como o conjunto de características distintas, espirituais e materiais, intelectuais e afectivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social (...) engloba, além das artes e letras, os modos de vida, os direitos fundamentais dos seres humanos, os sistemas de valor, as tradições e as crenças” (Gamarra; citado por Castro, 2004).

1.5.1 Património Natural

A definição de património não se cinge apenas ao cultural, ao histórico ou monumental, as diferentes naturezas do património, constituem um todo. No entanto, de acordo com Castro (2004) a divisão clássica entre património natural e cultural existe desde há muito tempo.

Esta divisão acentua-se pois torna-se difícil definir o que se deve enquadrar no natural e no cultural, correndo muitas vezes o risco de as medidas de conservação, salvaguarda e intervenção não serem adequadas ou de não terem os melhores efeitos.

O património natural é constituído por todo o espólio acumulado ao longo de milhares de anos pela natureza. A singularidade de determinados espaços onde a actividade humana ainda não se fez sentir, as suas características únicas merecem em muitas situações a classificação de património classificado. Numa perspectiva mais abrangente, o património natural compreende todos os elementos da fauna e flora, as características morfológicas, geológicas, etc., de uma determinada região, sendo esta protegida ou não (Castro, 2004).

A consciência da importância do património mundial para a humanidade fez com que também se adoptasse políticas internacionais e nacionais de conservação da natureza, é o caso da já referida Convenção sobre a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural.

A existência do homem e a sua identidade cultural sempre esteve interligada com a natureza, neste sentido, nesta Convenção expressa-se a a necessidade de se preservar o equilíbrio entre ambos os patrimónios.

O Artigo 1º e 2º da Convenção, já mencionados no ponto 2.5, definem de forma bastante clara, quais os elementos que devem ser considerados do património natural.

2 DESENVOLVIMENTO E PLANEAMENTO TURÍSTICO

Para existir um processo evolutivo de qualquer sector ou estrato de uma sociedade são necessários entre outros factores, um planeamento e um desenvolvimento sustentado para que os objectivos traçados sejam cumpridos, tendo como elemento principal a satisfação das pessoas.

2.1 A Importância do Turismo no Desenvolvimento

“Desenvolvimento designa o crescimento económico⁶ que permite por um lado a diversificação sectorial harmoniosa e, por outro, a distribuição dos benefícios visando um constante aumento do nível de vida⁷ e mais genericamente da qualidade de vida⁸.” (Laranjo, Henriques, Leandro, Gomes; 1989a; p. 243).

O fenómeno turístico é um motor de desenvolvimento local, considerando que produz rendimento aos vários intervenientes que prestam serviços aos turistas. O desenvolvimento de uma actividade turística em determinado local irá gerar novos postos de trabalho, podendo estes serem sazonais, impulsionará o investimento em infra-estruturas, melhoria nas acessibilidades, surgimento de novas actividades. O turismo contribui também para o encontro de culturas e permuta de novas experiências que irão difundir inovações e assim contribuir para a valorização e recuperação do património paisagístico e/ou cultural das áreas onde se desenvolve. O turismo pode ainda contribuir para reduzir as assimetrias regionais através da transferência de divisas das regiões mais ricas para as mais carenciadas. (Baptista, 2001).

⁶ Crescimento económico – “variação das produções e dos rendimentos em quantidade e valor (mede-se vulgarmente pela evolução do PNB ou do PNB/capita.” (Laranjo, Henriques, Leandro, Gomes; 1989a; 242).

⁷ Nível de vida (no sentido estrito) – “refere-se ao consumo de bens e serviços, essenciais e supérfluos, que as pessoas podem adquirir.” (Laranjo, Henriques, Leandro, Gomes; 1989a; 246).

⁸ Qualidade de vida – “noção complexa que diz respeito às condições de vida de uma população numa dada área. Tem uma importante dimensão psicológica e subjectiva em que se consideram aspectos como o reconhecimento social, a felicidade, a realização pessoal, a segurança, etc.” (Laranjo, Henriques, Leandro, Gomes; 1989a; 248).

2.2 O Efeito Multiplicador do Turismo

A contribuição das actividades turísticas para o PIB mundial, revela-se cada vez maior, constituindo em muitos países a base da sua economia.

Os gastos realizados pelos turistas/visitantes provoca não só a criação de novos empregos como a entrada de capitais. Este fenómeno no seu conjunto contribui para a crescente riqueza dos países. O gasto dos turistas em alojamento nos restaurantes e na animação é de grosso modo repartido no processamento dos salários dos empregados que por sua vez o utilizam nos transportes, rendas, alimentação e educação, contribuindo para o desenvolvimento e riqueza dos territórios. Este impacto económico do turismo é conhecido como efeito multiplicador (Lage, Milone, 2000).

Por outro lado existe a construção de infra-estruturas para servir o turismo de uma região ou país (vias de comunicação, serviços públicos, entre outras) acarretam inevitavelmente o desenvolvimento intrínseco do próprio país.

O turismo é assim um sector que ligado a muitos distintos sectores da sociedade leva ao acréscimo do desenvolvimento de toda a economia nacional.

O inverso também se constata, isto é, quando não existe desenvolvimento no turismo verifica-se estagnação no desenvolvimento dos outros sectores, com especial prejuízo para o rendimento das pessoas o que leva ao abrandamento e estagnação das economias dos países.

2.3 Planeamento

O sentido de planeamento que se pretende definir neste trabalho, é o de planeamento regional, de modo a intervir no processo de desenvolvimento de um local, região ou território.

Podemos definir planeamento como uma forma antecipada de gerir o futuro, ou seja, decidir o que fazer antes de ser feito.

O planeamento exige a definição de objectivos coordenando os diferentes interesses e, para atingi-los é necessário prever situações futuras, para que, ao surgirem, exista capacidade de as enfrentar.

2.3.1 Planeamento Turístico

O planeamento de um destino turístico visa valorizar os recursos do território, explorar as oportunidades futuras de forma pró-activa, procura também garantir a sustentabilidade do desenvolvimento turístico e articular o turismo com o ordenamento do território e o planeamento urbanístico. O desenvolvimento e planeamento turístico tem como principal objectivo gerar produtos turísticos e serviços com maior valor para os actuais e potenciais turistas, para que os destinos e as suas comunidades recebam benefícios económicos e sociais (Yoon, 2002). No entanto, é necessário compreender as capacidades que um destino necessita para competir num mercado saturado (Evans, Fox e Johnson, 1995; Ritchie, Crouch 2000, citado em Ferreira, s.d).

Em torno da sustentabilidade, é necessário chegar a um equilíbrio que permita ao sector do turismo funcionar com um critério de rentabilidade a longo prazo não colocando em causa a preservação ambiental.

Seguindo este critério, possivelmente a implementação de um plano estratégico em turismo será mais eficaz, existindo maior controlo do desenvolvimento turístico e chamando mais a atenção para as áreas que poderão levantar problemas.

2.4 Formação de um Destino

No processo de formação de um destino é importante realçar os elementos da actividade turística a analisar (Vareiro, 2008). Neste sentido, iremos verificar a importância da imagem e dos recursos na avaliação de um destino turístico.

2.4.1 A Importância da Imagem do Destino Turístico

No processo de desenvolvimento turístico, a imagem do destino revela-se de grande relevância, sendo um factor de diferenciação dos seus potenciais concorrentes e um meio de suporte económico ao desenvolvimento sustentável do destino.

Literalmente, a imagem de um destino refere-se à atitude, à percepção, às crenças e às ideias que uma pessoa tem sobre uma área geográfica, considerando-se ainda como o “quadro mental” que os promotores tentam inculcar ao público para a eleição do destino (Gartner, 1996, citado em Vareiro, 2008).

Um destino turístico que ambicione concorrer com outros a nível internacional, deverá desenvolver uma imagem destacada e atractiva junto dos mercados emissores, pois sem atractividade o turismo simplesmente não acontece. Os serviços e facilidades são elementos já previstos pelos consumidores turísticos, logo a importância da atractividade como elemento diferenciador e influenciador na escolha do destino.

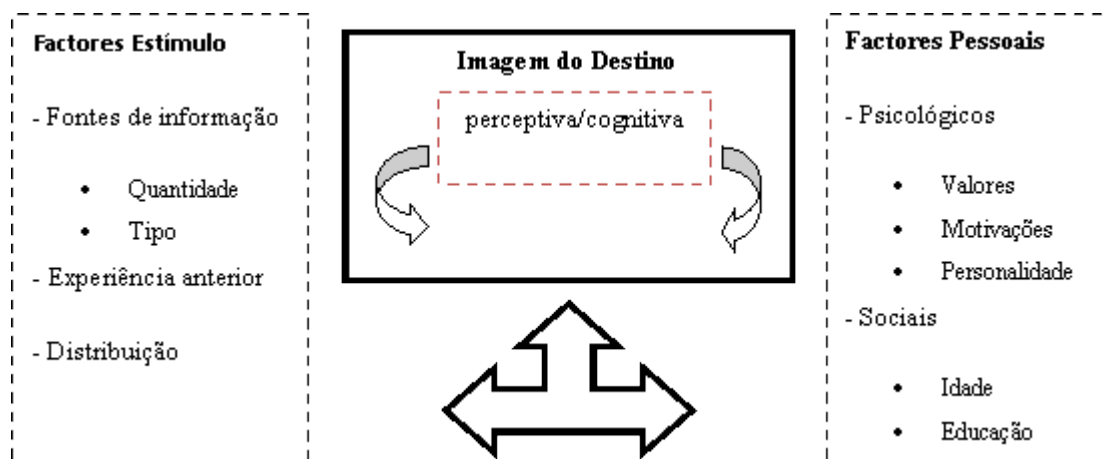
No processo de formação da imagem, é importante a fase inicial, ou seja, a imagem antes da viagem, pois como refere Brokaw (cf. Baloglu e McCleary, 1999, p.869) “antes da imagem poder ser usada para influenciar o comportamento, é importante perceber o que é que influencia a imagem”. Conhecendo os factores que influenciam a imagem é possível identificar os mercados-alvo e a consequente imagem que deverá ser promovida junto de cada segmento de mercado (Goodall, 1995).

O modelo de formação da imagem de Baloglu e McCleary (1999), sistematiza as forças e os elementos compreendidos na formação da imagem e propõe relacionamentos entre os diferentes níveis de avaliação dentro da sua estrutura (cognitiva, afectiva, global), bem como os elementos que determinam estas avaliações.

O modelo distingue ainda duas forças principais que estão na origem da formação da imagem do destino: os factores de estímulo e os factores pessoais. Os factores de estímulo unem-se com os estímulos externos e com as experiências anteriores, enquanto os factores pessoais

dizem respeito às características sociais e psicológicas do receptor (Baloglu e McCleary, 1999, p.870). Podemos observar a figura sete que nos exemplifica o processo de formação da imagem do destino de acordo com o modelo dos autores acima referidos.

Figura 2.1- Processo de Formação da Imagem do Destino



Fonte: Vareiro, 2008 baseado em Baloglu e McCleary (1999).

A observação da figura permite concluir que os factores psicológicos como as motivações e/ou a personalidade, consideradas características do consumidor, factores sociais como a idade ou a educação bem como as fontes de informação ou experiências anteriores, consideradas variáveis de estímulo, são elementos chave na formação da imagem.

2.4.2 A Importância dos Recursos Turísticos

A OMT (1978) define recurso turístico como sendo “todos os bens e serviços que, por intermédio da actividade humana, tornam possível a actividade turística e satisfazem as necessidades da procura”.

Como a actividade turística só se desenvolve quando o destino compreende recursos que originem deslocamentos, estes são elementos essenciais para o desenvolvimento turístico, que determinam a atractividade de um destino e as suas potencialidades turísticas.

Sendo o Turismo de natureza foque deste trabalho, é conveniente salientar que os recursos naturais, tal como são oferecidos pela natureza, são de certo modo insuficientes para gerar

deslocações a determinado destino. Neste sentido, é necessário o desenvolvimento de infra-estruturas que permitam a deslocação, concretamente a construção de equipamentos (acessibilidades e facilidades) e, por outro lado, assegurem a permanência dos visitantes (alojamento, restaurantes) (Cunha, 2008).

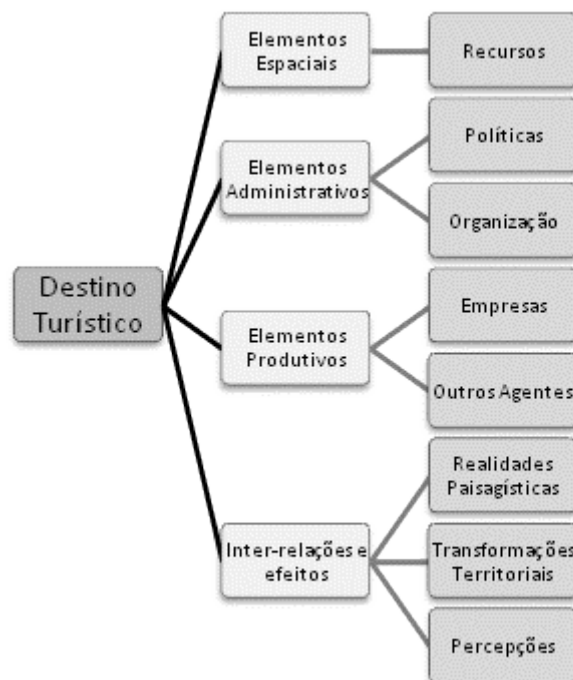
O surgimento de correntes turísticas de carácter permanente derivadas a recursos por si só ou em conjunto com outros, dão lugar a actividades turísticas que se desenvolvem em espaços territoriais de maior ou menor dimensão.

Estas actividades podem surgir sem qualquer estratégia de planeamento e vão alterando gradualmente o espaço inicial, ou podem surgir de uma forma estrategicamente organizada visando um espaço com o intuito de atrair pessoas que aí possam obter novas experiências, desenvolvendo vivências e relações com outras culturas e tradições.

A alteração da estrutura espacial por parte destas actividades dá origem a um conjunto de atracções e serviços que garantem uma produção turística diversificada, designando-se posteriormente de destinos turísticos.

Os destinos turísticos englobam todo um sistema formado por elementos espaciais, administrativos e produtivos, bem como pelas inter-relações e efeitos que produzem (Timón, citado em Cunha, 2008).

Figura 2.2- Sistema de um Destino turístico



Fonte: Elaboração própria baseado em Cunha (2008)

2.4.3 O Património como Recurso Turístico

O desenvolvimento turístico de uma região advém da existência de recursos, podendo estes ser utilizados directa ou indirectamente para fins turísticos.

O turismo depende dos recursos disponíveis que possam vir a transformar-se em atracções turísticas. Sendo habitualmente a razão de visita e o factor principal de decisão, os recursos são uma das componentes mais importantes do produto turístico (Henriques, 2010).

Neste sentido, cada local tem um conjunto de recursos de diversa natureza que compõem a oferta turística. É esse conjunto de recursos que proporcionará ao destino desenvolver diversos tipos de turismo, consoante a sua natureza (Castro, 2004).

No entanto é necessário que exista um planeamento adequado que estabeleça o equilíbrio entre as actividades turísticas e os recursos naturais, culturais e sociais do destino, evitando impactos negativos. Um dos princípios do planeamento deve ser o da sustentabilidade,

visando a consciencialização e educação da população acerca da preservação de seu próprio património (Barretto, 2000 citado em Becheleni, Medeiros, 2009).

De acordo com Dias (2005, citado em Silva, 2007), o património deve ser utilizado como um recurso para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida das comunidades.

Importa por isso salientar a grande importância dos recursos naturais para o desenvolvimento do turismo natureza e subsequentemente dos territórios. Relacionando-se com aspectos ambientais e ecológicos, o turismo de natureza deve ocorrer em espaços onde os recursos são considerados património natural (Cunha, 2008).

Os recursos naturais, assim como todos os recursos patrimoniais, terão que ser utilizados de forma coerente e bem planeada caso contrário perderão a identidade e singularidade. A utilização dos recursos naturais deverá ser efectuada de forma sustentável promovendo a sua conservação e benefícios sócio económicos para as populações locais.

Neste contexto, a UNESCO criou diversos programas de protecção do património natural: Reservas da Biosfera em 1971, Património Mundial em 1972 e Rede Global de Geoparques em 2004.

A Reserva Mundial da Biosfera criada em 1971, é uma classificação atribuída pela UNESCO a sítios do planeta inabitados, ou não, por humanos, mas onde a presença do homem já se tenha verificado e, mesmo assim, tenha respeitado a natureza da sua formação.

O programa de classificação “Património Mundial” visa catalogar e preservar locais de excepcional importância cultural ou natural, como património comum da humanidade.

A rede Global de Geoparques visa distinguir áreas naturais com elevado valor geológico, nas quais esteja em prática uma estratégia de desenvolvimento sustentado baseado na geologia e em outros valores naturais ou humanos.

A implementação da rede Global de Geoparques tem contribuído para uma maior visibilidade a nível internacional, para a preservação do património geológico e desenvolvimento do turismo sustentável (Lima, 2008).

A inclusão de sítios naturais nestes programas acarreta benefícios vários, nomeadamente o reconhecimento internacional e amplia a consciência pública relativamente á sua conservação (UNESCO, 2008 a, citado em Lima, 2008).

Em suma, o património natural incluído nas listagens dos programas de protecção poderá ser uma mais-valia para as localidades desde que as entidades locais efectuem o planeamento turístico de forma sustentável.

3 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Concelho de Peniche localiza-se a meio da costa ocidental portuguesa, sendo limitado a Nordeste pelo concelho de Óbidos, a Sudoeste pelo concelho da Lourinhã e confrontando como o mar nos restantes quadrantes.

Defronte ao Cabo Carvoeiro, a uma distância aproximada de 11 km, situa-se o arquipélago das Berlengas. Reserva Natural desde 1981, a Berlenga é uma ilha de extrema beleza e de grande diversidade de fauna e flora.

3.1 Caracterização Socioeconómica

Neste âmbito, o conhecimento da realidade do local em estudo é bastante relevante, pelo que começaremos por fazer uma breve caracterização sócio-económica, através do fornecimento de informações fundamentais para um melhor conhecimento da área.

Como fontes de pesquisa foram utilizados o Instituto Nacional de Estatística, o Instituto de Estradas de Portugal, o pólo de desenvolvimento turístico do Oeste e Município de Peniche.

3.1.1 Demografia

Na ilha da Berlenga não existem aglomerados populacionais, apenas alguns habitantes temporários, entre os quais as equipas de faroleiros da Direcção de Faróis e vigilantes da natureza do ICNB que estão presentes durante todo ano mas, cumprindo escalas de serviço; alguns funcionários da Câmara Municipal de Peniche, em geral de Março até Novembro; nos meses de Maio a Outubro, algumas dezenas de pescadores artesanais que ali costumam pernoitar e por vezes alguns técnicos de apoio a diversas actividades e serviços, incluindo técnicos da EDP e pessoal diverso da área da restauração.

Em 2001, o concelho de Peniche era um concelho bastante povoado, apresentando uma densidade populacional de 354 habitantes por metro quadrado.

Analisando as últimas décadas, assistiu-se a uma evolução no crescimento populacional deste concelho, registando acréscimos 1.435 habitantes entre 1991 e 2001 e de um crescimento menos significativo de 438 habitantes entre 2001 e 2011 conforme a tabela 3.1.

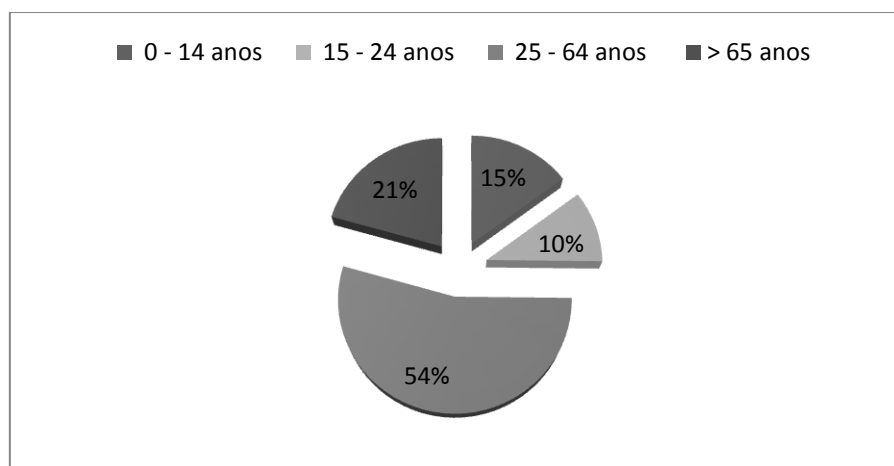
Tabela 3.1 - Evolução da População residente no concelho de Peniche (1991 a 2011)

Município	População residente					
	N.º			Taxa de Variação %		
	1991	2001	2011	91/01	01/11	91/11
Peniche	25880	27315	27753	5,5	1,6	7,2

Fonte: INE (www.ine.pt) (2012).

Ainda no aspecto demográfico e de acordo com os Censos 2011, verifica-se uma tendência para o envelhecimento da população. Assim e conforme a figura 3.1 a faixa etária entre os 25 e os 64 anos é a mais significativa, representando a população activa, ainda que a faixa etária dos maiores de 65 anos se sobreponha à dos mais jovens.

Figura 3.1 - População Residente no concelho de Peniche, segundo grupo etário – Censos 2011



Fonte: INE (www.ine.pt) (2012)

3.1.2 Estrutura Socioeconómica

A análise da evolução da população activa pode verificar-se através da Tabela 3.2, onde segundo o recenseamento populacional de 1991, a taxa de actividade do concelho de Peniche representava 38.7 da população total.

Distribuindo a população activa pelos três principais sectores, o sector terciário é o que apresentava maior percentagem, no entanto, e comparando com a sub-região Oeste e Região de Lisboa e Vale do Tejo, o sector primário apresentava um valor significativo (27%). Este valor é bastante significativo pois retrata a importância deste sector no concelho que abrange nomeadamente a agricultura e a pesca.

Tabela 3.2 - Distribuição da População pelos diversos sectores

	População Residente	População Activa		Sector Primário		Sector Secundário		Sector Terciário	
	1991	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
PENICHE	25880	10.006	38,7	2.704	27	3.024	30,2	4.278	42,8
Sub-região OESTE	359.430	148.148	41,2	27.827	18,9	56.157	37,8	64.164	43,3
RLTV	3.392.108	1.425.457	43,3	73.429	5,1	429.959	30,2	922.074	64,7

Fonte: Elaboração Própria baseado nos Censos 1991 (www.ine.pt)

Estas duas actividades económicas sempre representaram uma importância bastante acentuada neste concelho. A agricultura ocupa grande parte da extensão do concelho, caracterizada por pequenas explorações familiares orientadas para a mono e policultura, sendo a horticultura a que assume maior relevância e cuja produção é dirigida para o mercado nacional e internacional.

Relativamente ao sector das pescas, tem raízes muito marcantes, nomeadamente na cidade de Peniche, quer por circunstâncias naturais, quer por infra-estruturas criadas ao longo dos tempos.

Tabela 3.3 - População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2001) e principais Actividades económicas (CAE Rev. 2.1); Decenal - INE, Recenseamento da População e Habitação.

Local de residência (à data dos Censos 2001)	População empregada (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2001) e Actividade económica (CAE Rev. 2.1); Decenal								
	Período de referência dos dados								
	2001								
	Actividade económica (CAE Rev. 2.1)								
	Agricultura, produção animal, caça e silvicultura	Pesca	Indústrias transformadoras	Construção	Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis, motocicletas e de bens de uso pessoal e doméstico	Alojamento e restauração (restaurantes e similares)	Administração pública, defesa e segurança social obrigatória	Educação	
N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Portugal	215598	16048	1009842	570257	767210	257661	368517	325463	
Continente	197766	13837	994547	537086	738588	241475	344619	308786	
Centro	64688	3791	240213	131685	166579	46579	73405	77492	
Oeste	12525	1493	32872	21072	28743	7325	9589	8493	
Peniche	753	751	2011	1728	2040	783	959	777	

Fonte: INE (www.ine.pt) última actualização 31.05.2007

Através da observação da tabela 3.3, verificamos que a pesca, que em tempos foi a principal actividade do concelho, já não é tão significativa para a economia do mesmo. Contudo, a indústria transformadora de Peniche continua ligada à produção de conservas e destaca-se como uma actividade com elevado número de empregados.

De acordo com os dados de 2001, o comércio por grosso e retalho e a construção são actividades que também se destacam, sendo a primeira aquela que emprega maior número de pessoas.

Ainda relativamente ao sector das pescas e sua importância para o concelho e para o país, o porto de pesca de Peniche representava o segundo do país em volume de pescado transaccionado na lota em 2006⁹.

⁹ O primeiro é Matosinhos

Tabela 3.4 - Perfil de Transacções e de Resultados das Lotas Principais, 2006

Delegações	Lotas Principais	Resultados Líquidos, 2006	Transacções em Volume (kg), 2006	Transacções em Valor (€), 2006
Viana do Castelo	Viana do Castelo	Negativos	2.381.160	4.159.541
Póvoa do Varzim	Póvoa do Varzim	Negativos	1.681.962	3.116.631
Matosinhos	Matosinhos	Positivos	23.421.563	17.810.422
Aveiro	Aveiro	Negativos	7.955.726	10.279.333
Figueira da Foz	Figueira da Foz	Negativos	10.380.144	9.315.470
Centro	Nazaré	Positivos	3.067.021	6.371.719
	Peniche	Positivos	15.225.491	26.231.926
	Cascais	Negativos	467.416	2.416.368
Centro-Sul	Lisboa	Positivos	-	-
	Sesimbra	Positivos	11.645.259	23.029.300
	Setúbal	Negativos	3.956.672	8.744.608
Sines	Sines	Positivos	9.404.672	9.234.352
Barlavento Algarvio	Sagres	Positivos	763.158	4.521.020
	Lagos	Positivos	1.720.342	3.055.762
	Portimão	Negativos	7.062.185	7.535.817
Sotavento Algarvio	Quarteira	Positivos	1.487.814	4.736.819
	Olhão	Negativos	6.892.665	9.318.242
	Santa Luzia	Positivos	531.040	2.180.048
	Tavira	Negativos	263.430	1.323.745
	V.R.S.António	Positivos	1.659.455	13.764.537

Fonte: Docapesca, Portos e Lotas, SA (<http://www.docapesca.pt/>)

Em relação ao sector terciário, destaca-se a actividade turística como a actividade de maior relevo. De acordo com o relatório do Plano de Ordenamento da Reserva Natural da Berlenga, Peniche ostenta “três produtos” turísticos:

- A **faixa litoral**, dispendo de um conjunto de praias reconhecidas regularmente pela atribuição da “Bandeira Azul”;
- A **faixa interior**, constituída pelas áreas rurais das freguesias de Ferrel e Atougua da Baleia e também pela freguesia da Serra d’El-Rei que apresenta condições potenciais de agro-turismo e de localização de aldeamentos orientados para a fruição de um *habitat* natural à margem do congestionamento do litoral;

- A **Reserva Natural das Berlengas**, que ostenta características únicas para a prática de turismo de natureza, privilegiando actividades de lazer, desporto e recreio e de observação e fruição de valores naturais.

Para além destes produtos turísticos, Peniche ainda beneficia de outras mais-valias que poderão potencializar o seu desenvolvimento turístico, entre as quais, a sua privilegiada localização geográfica, ou seja, a proximidade com algumas sub-regiões do país como a Beira Interior, o Médio Tejo, a Lezíria do Tejo e a Grande Lisboa.

A diversidade paisagística é também um factor a destacar, mas a forte sazonalidade que é sentida nos meses veraneios constitui um entrave para o desenvolvimento. No entanto, o crescente desenvolvimento significativo de actividades de recreio, desportivas e turísticas, em conjunto com o aumento da capacidade de alojamento, são uma boa resposta para combater esta tendência.

3.1.3 Acessibilidades

A existência de boas redes viárias que facilitem o acesso a determinado local, é um factor indispensável para o seu desenvolvimento e determinante no processo de decisão de deslocação, ou seja, a circulação de pessoas e bens num determinado território, implica o desenvolvimento económico do mesmo.

Neste sentido, e de acordo com o PDM, Peniche tem acessibilidade rodoviária pelo IP6, que permite a ligação entre Peniche e a A8, entre Óbidos e Caldas da Rainha no nó de A-da-Gorda. A A8 liga actualmente Lisboa a Leiria.

A norte a deslocação efectua-se pela A1, alcançando em Leiria a A8. A sul pela A8, ou vindo da A1 apanhando a A15 em Santarém. A A15 liga Santarém à A8, entre Óbidos e Caldas da Rainha, permitindo a ligação ao IP6, uma acessibilidade a partir do interior.

Entre Torres Vedras e Peniche existe ainda a estrada nacional N 247, que permite uma acessibilidade a Peniche mais a oeste que a A8. Em termos ferroviários não existe qualquer

ligação a Peniche, as estações mais próximas são Óbidos e Caldas da Rainha com saídas de Lisboa e Figueira da Foz.

O acesso à ilha da Berlenga é feito por via marítima a partir de Peniche. Pela sua localização o acesso via marítima pode no entanto ser efectuado a norte ou a sul, partindo de qualquer porto da costa portuguesa.

Figura 3.2 - Mapa de acesso à localidade de Peniche



Fonte: ViaMichelin (www.viamichelin.com)

Pelo norte, o acesso pode ser efectuado através de S. Martinho do Porto, que possui embarcadouro com Delegação Marítima dependente do Porto da Nazaré sendo também porto de escala, com Capitania. A partir do sul, encontra-se o porto de pesca da Ericeira, com embarcadouro e Delegação Marítima.

3.2 Caracterização da Oferta Turística

Peniche é caracterizada pelo seu extenso e rico património natural ligado ao mar, sendo este um elemento diferenciador que atrai milhares de pessoas anualmente. Ao longo da costa da

região de Peniche, a beleza da paisagem é de elevada singularidade, nesse sentido, tentando não excluir nenhum elemento considerado de património natural, optámos por dar destaque às Falésias do Cabo Carvoeiro, ao Arquipélago das Berlengas e ao Tómbolo de Peniche. Contudo, devido à riqueza de ecossistemas marinhos, o património cultural subaquático.

3.2.1 Património Natural

As Falésias do Cabo Carvoeiro

Localizado no extremo oeste da cidade de Peniche e de Portugal continental, o Cabo Carvoeiro, envolve um perímetro bastante interessante em termos de paisagem natural. As falésias do Cabo Carvoeiro apresentam uma sucessão de calcários e rochas afins, datada essencialmente do Jurássico inferior.

Tabela 3.5 - Subdivisão do sistema Jurássico de acordo com o IUGS.

Sistema	Séries	Estágio	Idade (Ma)	
Cretáceo	Inferior	Berriasiano	Mais recente	
Jurássico	Superior	Tithoniano	145.5 - 150.8	
		Kimmeridgiano	150.8 - 155.7	
		Oxfordiano	155.7 - 161.2	
		Médio	Calloviano	161.2 - 164.7
			Bathoniano	164.7 - 167.7
			Bajociano	167.7 - 171.6
	Aaleniano		171.6 - 175.6	
	Inferior	Toarciano	175.6 - 183.0	
		Pliensbachiano	183.0 - 189.6	
		Sinemuriano	189.6 - 195.6	
		Hettangiano	195.6 - 199.6	
	Triássico	Superior	Rhaetiano	Mais antigo

Fonte: Própria, adaptado de Comissão Internacional sobre Estratigrafia¹⁰

Devido às suas condições especiais de exposição de afloramento é considerado o perfil mais completo de todo o sistema Liássico de Portugal. O perfil de Peniche é hoje uma referência obrigatória na comunidade científica internacional. A sua importância, leva a que seja considerado uma espécie de laboratório de diversas actividades lectivas na área da geologia sedimentar, nomeadamente nos domínios da Estratigrafia, Paleontologia, Sedimentologia e Geomorfologia. Em termos de valor paisagístico, o afloramento calcário do Cabo Carvoeiro

¹⁰ Disponível em (<http://pt.scribd.com/doc/93241835/Tabela-Estratigrafica-Internacional-ICS-2010>)

detém uma das secções estratigráficas mais importantes para o estudo do Jurássico em Portugal.

Figura 3.3 - Afloramento Calcário no Cabo Carvoeiro



Fonte: Própria

É a partir dos finais do século XIX que se registam os primeiros estudos efectuados nas falésias calcárias de Peniche e desde então que estes locais têm constituído verdadeiros laboratórios naturais e são “palco” de uma intensa e inesgotável actividade científica nos domínios da estratigrafia, paleontologia e sedimentologia (Duarte, 2002).

O elevado interesse social que este local suscita, levou a que o Ministério da Ciência e Tecnologia patrocinasse o programa “Geologia no Verão”. Este programa desenvolve diversas iniciativas em termos geológicos e de História Natural.

Ao longo das falésias existem locais de especial interesse que considerámos como recursos naturais e que podemos verificar na tabela seguinte:

Tabela 3.6 - Recursos Naturais das Falésias de Peniche

Património Natural (Falésias)
Gruta da Furninha
Papôa
Portinho da Areia Norte
Ponta do Trovão/ Praínha do Abalo
Cerro do cão / Miradouro de Frei Rodrigo
Revelim dos Remédios
Cruz dos Remédios
Varanda de Pilatos
Cabo Carvoeiro
Nau dos Corvos

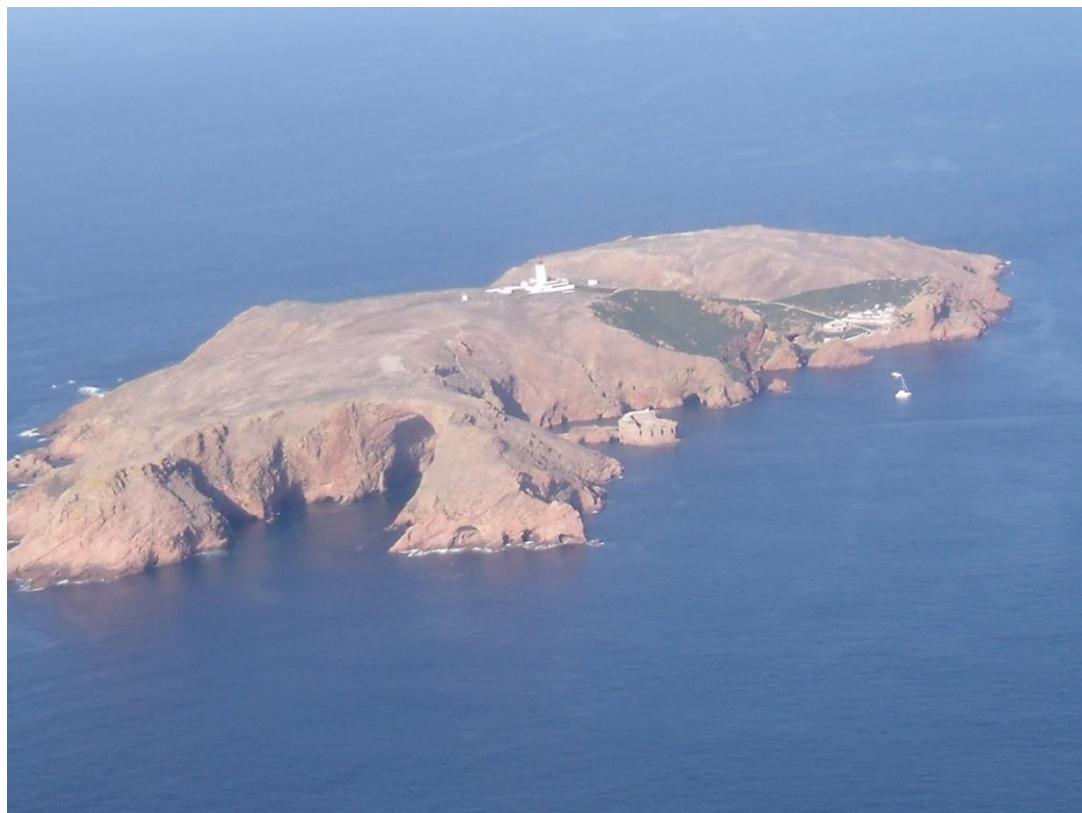
Fonte: Própria, adaptado de folheto informativo Peniche Costa Norte, Arméria, Movimento Ambientalista de Peniche

Arquipélago das Berlengas

O arquipélago das Berlengas está geograficamente situado na Plataforma Continental da facha oeste da Península Ibérica, a 5,7 milhas do Cabo Carvoeiro, pertencendo ao concelho de Peniche, freguesia de S. Pedro. O arquipélago é constituído por três grupos de ilhéus: Berlenga Grande e recifes adjacentes, Estelas e Farilhões. As ilhas de maior dimensão atingem uma altura de cerca de 90 m, mas os restantes ilhéus e rochedos são de pequenas dimensões, por vezes apenas aflorando a superfície do mar.

Detentor de características únicas que formam uma enorme riqueza de património natural, foi considerado área protegida pelo Decreto-Lei nº 264/81 de 3 de Setembro, envolvendo também uma vasta área de reserva marinha (área terrestre da Reserva – *ca.* 104 ha; área marítima – *ca.* 9.456 ha, segundo o Instituto de Conservação da Natureza). Por tamanha riqueza natural, o mesmo foi um dos 21 finalistas do concurso “Sete Maravilhas Naturais de Portugal”, posteriormente foi considerada Reserva da Biosfera da UNESCO.

Figura 3.4 - Ilha da Berlenga – Sudeste



Fonte: A Terceira Dimensão – Fotografia Aérea - 2010 (<http://portugalfotografiaaerea.blogspot.pt>)

Devido às dimensões reduzidas da Ilha da Berlenga (*ca.* 1.500x800m), existe um limite de capacidade de carga humana, estabelecida por legislação própria, que determina e limita a 350 pessoas por dia o número máximo de visitantes autorizados a permanecer na área da Reserva Natural. No entanto, existe uma quantidade desmesurada de empresas marítimo-turísticas a efectuar travessia para a ilha que, sendo bastante requisitada nos meses de Verão, por vezes ocorrem alguns episódios de sobrecarga humana.

As características únicas da sua geologia, clima e isolamento, permitem o desenvolvimento de uma centena de espécies vegetais únicas, a ilha é também uma indispensável zona de nidificação e repouso de aves marinhas.

O arquipélago reúne diversos recursos naturais de grande beleza e que poderão ser visitados facilmente através de pequenas embarcações pertencentes aos pescadores locais que ali se

encontram. Verifiquemos então a tabela seguinte que nos mostra o inventário desses mesmos recursos:

Tabela 3.7 - Recursos Naturais do Arquipélago da Berlenga

Património Natural
Gruta da Flandres
Greta da Inês
Gruta Azul
Furado Grande
Cova do Sono
Gruta da Muxinga
Gruta da Lagosteira
Gruta do Brandal
Carreiro dos Cações
Carreiro da Inês
Carreiro do Mosteiro
Cabeça do Elefante
Fauna
Flora

Fonte: Elaboração Própria, adaptado de folheto informativo – Berlengas Reserva da Biosfera, Câmara Municipal de Peniche

É importante também salientar a importância da fauna e flora deste arquipélago. De acordo com o folheto informativo - Berlengas Reserva da Biosfera da UNESCO, as características únicas, nomeadamente do clima e a geografia da fauna terrestre proporcionaram o desenvolvimento de três endemismos florísticos: *a Armeria berlengensis*, *Herniaria lusitanica e berlengiana* e *Pulicaria microsephala*.

Na fauna destaca-se as aves marinhas, sendo o arquipélago um importante local de nidificação para as mesmas. Existem então registos de nidificação de sete espécies:

- Gaivota-de-patas-amarelas (*Larus cachinnans*);
- Gaivota-d’asa escura (*Larus fuscus*);
- Gaivota-tridáctila (*Rissa tridactyla*);

- Corvo-marinho-de-crista (*Phalacrocorax aristotelis*);
- Cagarra (*Calonectris diomedea*);
- Airo (*Uria aalge*);
- Roque de castro (*Oceanodroma castro*).

Relativamente à fauna marinha, estão referenciadas setenta e seis espécies de peixes na área da Reserva Natural das Berlengas, destacando-se a sardinha, a sarda, a cavala e o carapau, que são as espécies mais importantes.

A família mais numerosa em termos de espécies é a *Sparidae* (Esparídeos), com 11 espécies, da qual fazem parte os sargos (*Diplodus spp.*), os pargos (*Pagrus spp.*) e a dourada (*Sparus aurata*).

Em termos de conservação, a espécie da família *Serranidae*, o mero (*Epinephelus marginatus*), é considerada uma espécie em perigo pela IUCN¹¹.

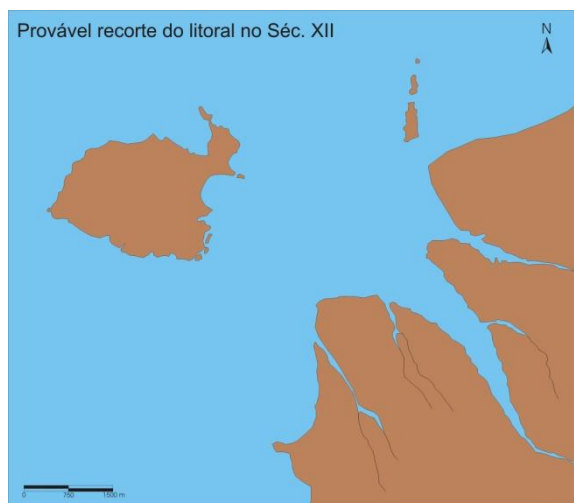
Tômbolo de Peniche

O Tômbolo de Peniche é o exemplo de acumulação de sedimentos marinhos que, ao longo de centenas de anos formaram um istmo que liga Peniche ao continente.

Peniche foi em tempos uma ilha que se encontrava distante do continente, mas com o surgimento do século XV acontece uma extraordinária transformação geográfica que irá dar origem à Península que actualmente conhecemos.

¹¹ Adaptado do folheto informativo - Berlengas Reserva da Biosfera da UNESCO.

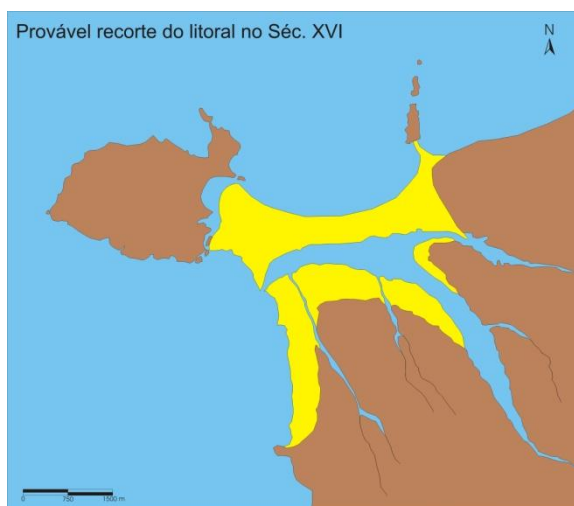
Figura 3.5 - Provável recorte do litoral de Peniche no Século XII



Fonte: Câmara Municipal de Peniche

Este processo aconteceu ao longo de vários anos em que as areias marinhas foram arrastadas pelas correntes e pelos ventos, principalmente do quadrante do Norte e provocaram o surgimento e crescimento progressivo de um cordão dunar que se consolidou e alargou criando gradualmente uma ligação definitiva da ilha de Peniche ao continente (Calado, 1991).

Figura 3.6 - Provável recorte do litoral de Peniche no Século XVI

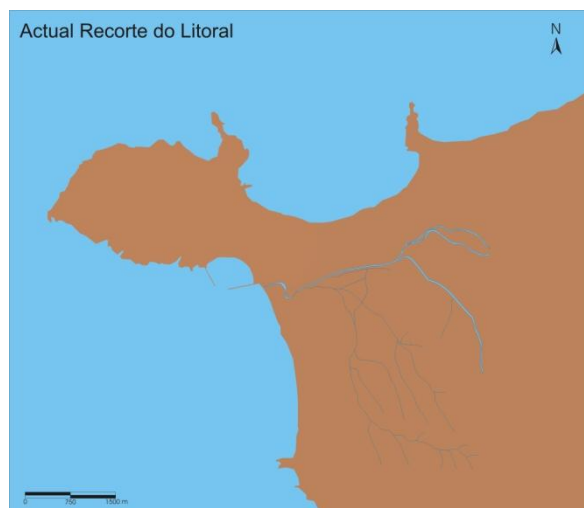


Fonte: Câmara Municipal de Peniche

Apesar da consolidação do istmo, continuaram a registar-se, embora com menor frequência, algumas situações onde não era possível aceder à península via terrestre, pois o estado do mar não o permitia, sendo que a última vez que este fenómeno aconteceu foi no ano de 1941.

Sendo uma área bastante frágil devido à conseqüente acção dos agentes erosivos é fundamental a sua preservação, de modo a não colocar em causa a continuação de Peniche enquanto península.

Figura 3.7 - Actual recorte do litoral de Peniche



Fonte: Câmara Municipal de Peniche

Património Cultural Subaquático

De acordo com a UNESCO, o Património Cultural Subaquático compreende todos os vestígios da existência humana, de carácter cultural ou histórico, que estejam ou que estiveram submersos.

Não se enquadrando no tema desta dissertação que se centra no Património Natural, achámos por bem fazer uma pequena referência ao património cultural subaquático, visto existir um vasto espólio arqueológico submerso nas águas marítimas da costa de Peniche e Berlengas. Outra das justificações é o facto do património submerso proporcionar o desenvolvimento da flora e fauna marítimas constituindo um verdadeiro habitat natural.

Neste sentido, de entre o vário espólio arqueológico submerso existente na Costa de Peniche e Berlengas destacamos os despojos de naufrágios, ou seja, embarcações que naufragaram ao longo de diversos períodos da história e que repousam no fundo do mar.

De acordo com Bello (2005) encontram-se naufragados na Costa de Peniche e Arquipélago da Berlenga as seguintes embarcações:

- Navio do século XVI (1590);
- San Pedro de Alcantara (1786) – Navio espanhol;
- El Dorado (1885) – Vapor inglês;
- SS Romania (1892) – Vapor Inglês;
- Gomes VIII (1899) – Vapor português;
- Primavera (1902) – Vapor italiano;
- Andrios (1926) – Vapor sueco;
- Highland Hope (1930) – Vapor inglês;
- Sappho (1932) – Vapor grego;
- Rio Grande (1947) – Cargueiro panamiano.

3.3 Alojamento e Restauração

Realizada a análise do património natural, é importante identificar os equipamentos complementares que facilitam o consumo. Vamos centrar-nos apenas no alojamento e restauração, como componentes da oferta, visto serem os componentes essenciais para um correcto desenvolvimento turístico.

Estabelecimentos de Alojamento Convencional

O alojamento convencional engloba o conjunto de camas que, quer os hotéis, quer os apartamentos turísticos, as pousadas, as estalagens e as pensões, têm disponíveis no território em análise. Em 2010, de acordo com o INE, a cidade de Peniche dispunha de 8 estabelecimentos hoteleiros. Observando a tabela 3.8, podemos verificar que os estabelecimentos disponíveis dividem-se em três tipos, nomeadamente 4 hotéis, 2 pensões e 2 apartamentos turísticos. É de referir que, com a nova legislação de alojamento, as antigas hospedarias passaram à categoria de alojamento local, não ingressando nos dados estatísticos do INE.

Tabela 3.8 - Estabelecimentos hoteleiros (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual

Localização geográfica (NUTS - 2002)		Estabelecimentos hoteleiros (N.º) por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual								
		Período de referência dos dados								
		2010								
		Tipo (estabelecimento hoteleiro)								
		Total	Hotéis	Pensões	Estalagens	Pousadas	Motéis	Hotéis- aparts.	Aldeamentos turísticos	Apert. turísticos
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
Peniche	16B1014	8	4	2	0	0	0	0	0	2

Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros, última actualização em 25.11.2011

Quanto à capacidade de alojamento dos referidos estabelecimentos, de acordo com os dados referidos na tabela 3.9, os quatro hotéis totalizam uma capacidade de 613 camas, as pensões 52 camas e os apartamentos turísticos 250 camas, perfazendo um total 915 camas disponíveis.

Tabela 3.9 - Capacidade de alojamento (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual

Localização geográfica (NUTS - 2002)		Capacidade de alojamento (N.º) nos estabelecimentos hoteleiros por Localização geográfica (NUTS - 2002) e Tipo (estabelecimento hoteleiro); Anual								
		Período de referência dos dados								
		2010								
		Tipo (estabelecimento hoteleiro)								
		T: Total	01: Hotéis	02: Pensões	03: Estalagens	04: Pousadas	05: Motéis	06: Hotéis- apartamentos	07: Aldeamentos turísticos	08: Apartamentos turísticos
		N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º	N.º
16B1014:		915	613	52	0	0	0	0	0	250
Peniche										

Fonte: INE, Inquérito à Permanência de Hóspedes e Outros dados na Hotelaria, última actualização em 25.11.2011

Constatou-se ainda a existência de dois parques de Campismo, incluindo o Municipal e uma área de Campismo, localizada na ilha da Berlenga, sendo este, uma importante estrutura de alojamento turístico.

Outra oferta de alojamento já mencionada é o alojamento local que, é constituído por diversas casas particulares e algumas antigas hospedarias que poderão ser arrendadas por todo o concelho. Baseando-se no trato pessoal entre o proprietário e o inquilino, esta oferta de

alojamento é de difícil quantificação visto que a maioria não está registada como alojamento turístico, funcionando de forma ilegal. No entanto, constitui uma oferta bastante concorrente ao alojamento legalmente estabelecido.

Turismo em Espaço Rural

Estando em contacto com a natureza, a vertente de Turismo em Espaço Rural engloba os estabelecimentos de: Turismo de Habitação, Turismo Rural, Agro-Turismo, Hotel-Rural e Casas de Campo.

Tabela 3.10– Estabelecimentos TER em Peniche

Município	Turismo Habitação		Turismo Rural		Agro-turismo		Hotel Rural		Casas de Campo		Total	
	Estab.	Camas	Estab.	Camas	Estab.	Camas	Estab.	Camas	Estab.	Camas	Estab.	Camas
Peniche	1	14	1	11			2	76			4	101

Fonte: Elaboração própria a partir do PDTO (www.rt-oeste.pt) e Turismo de Peniche.

Observando a tabela anterior, podemos verificar que a aposta em TER neste município ainda é bastante reduzida. Com as potencialidades para a prática de Turismo de Natureza que Peniche detém, certamente já merecia maiores incentivos por parte de entidades locais e regionais para o desenvolvimento do TER.

4 METODOLOGIA

A designação de metodologia integra o conjunto de métodos, técnicas e procedimentos, organizados e sistemáticos, a partir dos quais se desenvolve o conhecimento respeitante a determinada área do saber. O processo de investigação abarca uma série de passos distintos, desde a elaboração do projecto até à publicação ou disponibilização das descobertas sob a forma escrita (Moreira, citado em Quintal, 2008).

A pesquisa é um elemento fundamental para a elaboração de um projecto, proporcionando a informação necessária para a tomada de decisões, planeamento dos recursos existentes e conclusões (Almeida: 2003).

A pesquisa bibliográfica incidu sobre publicações relacionadas com metodologias de trabalho, artigos, teses e dissertações nos domínios do turismo, marketing e preservação ambiental.

Ao longo da revisão da literatura identificaram-se conceitos e hipóteses com interesse para o presente estudo. Na fase seguinte seleccionou-se a entrevista como instrumento de recolha de informação, considerados os objectivos e hipóteses formuladas.

O tratamento da informação foi realizado através da interpretação dos dados obtidos nas entrevistas.

Bogdan e Biklen (1994) referem que a abordagem qualitativa é considerada como "...uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais". Os mesmos autores identificam cinco características que uma investigação qualitativa poderá conter:

- a) a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal;
- b) os dados recolhidos são na sua essência descritivos;
- c) os investigadores qualitativos interessam-se mais pelos processos do que pelos resultados ou produtos;
- d) os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados de forma indutiva;

e) é dada especial importância ao ponto de vista dos participantes.

4.1 Definição do universo e da amostra

A população-alvo ou o universo é constituída por todos os membros de um conjunto real ou hipotético de pessoas, acontecimentos ou objectos, aos quais se pretendem generalizar os resultados de um determinado estudo (Vieira, 1998, citado em Oliveira, 2009).

A realização da análise de um fenómeno considerado social, torna difícil a inquirição de todos os membros do conjunto que se pretende analisar, ou seja, o universo. Para ultrapassar essa dificuldade selecciona-se uma parte significativa desse conjunto que representará as características mais próximas do universo a estudar.

Uma amostra é válida se, na medida em que representa um universo, permite retirar conclusões sobre a informação por ela própria prestada, o que apenas será possível se os indicadores escolhidos para expressar cada variável forem pertinentes e se houver adequação das técnicas aos objectivos da pesquisa (Rongère, citado em Semedo, 2008).

A amostra seleccionada insere-se no tipo de amostragem não probabilística, pois foi realizada por conveniência. Assim sendo, adoptámos por conhecer a opinião pessoal de *experts* nas diferentes áreas do turismo, possibilitando um competente leque de informações que possibilitou a elaboração do presente estudo.

A amostra foi constituída por entidades e pessoas que directa ou indirectamente se relacionam ou se encontram ligadas ao sector do turismo no concelho de Peniche.

Neste sentido, e após definição do guião de entrevista, procedeu-se à selecção das entidades e personalidades a entrevistar, no âmbito desta investigação, conforme tabela 4.1.

Tabela 4.1- Entidades entrevistadas e identificação dos responsáveis

Entidades e organismos públicos locais e regionais	
Dr. António Carneiro	Presidente do Turismo do Oeste
Dr. António José Correia	Presidente da Câmara Municipal de Peniche
Sr. Floriano Serrano Sabino	Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro
Hotelaria	
Dr. Rui Pereira	Hotel Soleil Peniche
Escolas de Surf em Peniche reconhecidas pela Federação Portuguesa de Surf em 2012	
Sr. João Castanheira	Surfcastle
Experts	
Professor. João Paulo Jorge	
Professor Paulo Almeida	
Professora Verónica Oliveira	
Professor António Sérgio Almeida	
Professor Sérgio Leandro	
Professor João Correia	
Professora Teresa Mouga	
Professora Sílvia Gonçalves	
Professor João Costa	
Professor João Vasconcelos	
Professora Susana Mendes	
Professora Maria José Rodrigues	
Professor Luís Almeida	
Professor José Nunes	
Professora Dulcineia Ramos	

Fonte: Própria (2012)

Foram ainda contactadas outras entidades e personalidades para além das que constam na tabela 4.1, contudo nem todos se mostraram disponíveis, denotando indisponibilidade ou incompatibilidade com o propósito desta investigação.

As 20 entrevistas possibilitaram a obtenção de conhecimento abrangente e representativo, permitindo concluir sobre os temas inicialmente definidos.

4.2 Técnicas e Instrumentos de Recolha de Informação

As estratégias metodológicas devem relacionar-se com as questões de investigação formuladas, orientando na selecção das técnicas mais adequadas para o acesso aos dados de investigação (Morse, 1994).

A presente dissertação teve como principal objectivo averiguar a importância do património natural sobre a escolha do destino turístico Peniche. Para o efeito optou-se pela recolha de dados em duas distintas fontes, a primeira com o recurso á pesquisa documental, a segunda passou pela aplicação de entrevistas a distintas entidades. As entrevistas foram assim aplicadas a diferentes responsáveis e a profissionais que trabalham na área do turismo. A participação dos inquiridos revestiu-se de extrema importância para a qualidade do presente trabalho de investigação.

Ainda sobre a escolha da entrevista como método de recolha de dados, May (citado em Aguiar e Medeiros, 2009) classifica as entrevistas em quatro tipos, estruturadas, semi-estruturadas, não estruturadas e em grupo, ou focais.

A entrevista estruturada baseia-se na utilização de um questionário como instrumento de recolha de informação o que garante que a mesma pergunta será feita da mesma forma a todas as pessoas que forem entrevistadas (Aguiar e Medeiros, 2009).

Na entrevista semi-estruturada o entrevistador aplica questões semi-abertas, permitindo ao entrevistado responder dentro da sua concepção, no entanto, o entrevistador deverá moderar as questões de modo a não se desviar do tema principal (Aguiar e Medeiros, 2009).

De acordo com Richardson (citado em Aguiar e Medeiros, 2009) a entrevista não-estruturada caracteriza-se por ser totalmente aberta, pautando-se pela flexibilidade e pela busca do significado, na concepção do entrevistado.

A entrevista em grupo ou focais deverá ser realizada em grupo, que de acordo com May (citado em Aguiar e Medeiros, 2009), deverá compor-se de “8 a 12 pessoas que, guiadas por um entrevistador, discutem o(s) tópico(s) em pauta”.

4.2.1 Entrevista Semi-estruturada

O Instrumento de recolha de informação é representado pela entrevista, que ao contrário do questionário, esta exige um contacto directo entre o entrevistador e o entrevistado, instaurando-se uma verdadeira troca, durante a qual o entrevistado exprime as suas percepções, as suas interpretações ou as suas experiências face ao fenómeno em estudo (Quivy, 1998, citado em Semedo, 2008).

A escolha de entrevista como instrumento de recolha de informação deveu-se ao facto de ser um importante instrumento numa investigação qualitativa e possibilitar uma maior diversidade de questões e de respostas. Como existe uma interacção mais directa, a qualidade da resposta é mais eficaz. Para além destas facilidades as respostas poderão ser constantemente reformuladas pelo entrevistador, de modo a facilitar a percepção do entrevistado e proporcionar uma maior qualidade da resposta. Outro aspecto importante é a oportunidade de aprofundar tanto as questões como as respostas realizadas.

O tipo de entrevista utilizada como técnica de acesso às fontes de dados foi a “semi-estruturada”. De acordo com Valles (1997:196, citado em Silva, 2005) as principais vantagens deste tipo de entrevista são:

- a) a possibilidade de acesso a uma grande riqueza informativa, contextualizada e através das palavras dos actores e das suas perspectivas;
- b) a possibilidade dos investigadores esclarecerem alguns aspectos no seguimento da entrevista, o que a entrevista mais estruturada ou o questionário não permitem;
- c) é geradora, na fase inicial de qualquer estudo, de pontos de vista, orientações e hipóteses para o aprofundamento da investigação, a definição de novas estratégias e a selecção de outros instrumentos.

Foi assim elaborado um guião de entrevista para que o entrevistador pudesse seguir as linhas orientadoras. Optou-se por questões abertas permitindo que os entrevistados pudessem

livremente dar as suas opiniões. As entrevistas foram realizadas entre os dias 4 e 24 de Maio de 2012.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

5.1 Entrevistas

A estrutura da entrevista foi composta por sete perguntas abertas, sendo que a primeira questão relacionava-se com o conhecimento e identificação do património natural existente em Peniche.

A segunda pergunta inquiria o entrevistado sobre a influência e posicionamento do património natural na procura do destino Peniche.

A terceira questão referenciava a opinião pessoal do entrevistado sobre o aproveitamento turístico que o património detinha. A quarta questão associava Peniche aos desportos náuticos, factores etnográficos, cultura popular e tradicional e gastronomia. A todos os entrevistados foi solicitado uma opinião relativamente ao que entendia como prioritário e importante para o desenvolvimento da oferta turística tendo o património natural de Peniche como cenário.

A quinta pergunta questionava o inquirido sobre a importância do património para a criação de sustentabilidade do território.

A sexta pergunta solicitava a opinião relativamente à transferência de turistas de sol e mar para uma procura direccionada para o Turismo de Natureza.

Na sétima e última questão abordou-se a promoção do património natural.

5.2 Análise Funcional às Entrevistas

Para uma análise mais abrangente e detalhada, foram considerados três grupos de entrevistados: Entidades e organismos públicos regionais e locais, outras entidades em geral e Docentes e Investigadores do GITUR.

Neste sentido os três grupos englobam:

- Entidades e organismos públicos regionais e locais: Turismo do Oeste, Câmara Municipal de Peniche, Junta de Freguesia de S. Pedro (3 entrevistas);
- Outras entidades em geral: Hotel Soleil Peniche, Surfcastle, escola de surf (2 entrevistas);
- Grupo de *Experts*: Directora, Sub-Director e docentes da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche e outros investigadores (15 entrevistas).

Realizou-se uma análise individual às respostas de cada um destes grupos. Posteriormente efectuou-se uma análise conjunta e cruzada de todas as respostas de forma a obter conclusões representativas.

5.2.1 Entidades e Organismos Públicos Regionais e Locais

Neste grupo foram entrevistados, o Presidente do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste, o Presidente da Câmara Municipal de Peniche e o Presidente da Junta de Freguesia de S. Pedro. Neste contexto e dada a relevância dos entrevistados todas as entrevistas foram sujeitas a grande análise a fim de captar todos os indícios decorrentes das problemáticas inicialmente formuladas.

1. Qual a importância que o património natural pode representar para a criação de sustentabilidade do território?

Nas palavras do Presidente da CMP “o património natural de Peniche representa... uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo, para a preservação ambiental e para a saúde da economia do concelho”. De facto, a diversidade de actividades e produtos que se podem desenvolver baseados nos recursos naturais, são factores potenciadores para a economia local e consequente sustentabilidade do território.

Na perspectiva de Floriano Sabino, o surgimento de novos eventos ligados ao património natural, seriam uma mais-valia para desenvolvimento regional.

O Presidente António Carneiro chama a atenção mais uma vez para a protecção da natureza e realça o facto de que as empresas que constroem numa área classificada têm a responsabilidade de tratamento da área envolvente.

2. Conhece o Património Natural existente em Peniche? Enuncie o que conhece.

O conhecimento do património natural existente em Peniche é fundamental para a sua preservação e para delinear estratégias de desenvolvimento turístico. Neste contexto, os três entrevistados, como representantes de entidades e organismo públicos, denotam conhecimento do património natural mais reconhecido e protegido, ou seja, toda a costa e suas falésias e o Arquipélago da Berlenga.

No entanto, e na qualidade de Presidente da Câmara Municipal de Peniche, António José Correia, evidencia outros recursos naturais que, mesmo não estando sujeitos a nenhum regime de protecção, apresentam características singulares do ponto de vista ambiental e paisagístico. Assim, o Presidente da autarquia menciona um conjunto de 133 árvores classificadas como de interesse público existentes no concelho, o Geomonumento da Ponta do Trovão, reconhecido como Imóvel de Interesse Público e considerado pela comunidade científica internacional como possuidor do melhor registo a nível mundial de transição entre os intervalos de tempo Pliensbaquiano – Toarciano (período Jurássico). Destaca ainda a Brecha Vulcânica da Papôa, as praias e respectivos cordões dunares, o Planalto das Cezaredas, localizado no concelho e o Pinhal do Vale Grande, considerado a maior mancha florestal contínua do concelho de Peniche.

Nesta primeira questão, constata-se que o Senhor Presidente da Câmara Municipal de Peniche é um devido conhecedor do património natural existente no concelho de Peniche.

3. Considerando eventos como por exemplo o Campeonato do Mundo de Surf RIP CURL PRO, acha que o Património Natural tem influência na escolha do destino Peniche?

O Dr. António Carneiro, Presidente do Pólo de Desenvolvimento de Turístico do Oeste, considera que o património natural tem influência na escolha do destino, pois “... as novas

gerações são muito amigas do ambiente e querem conhecer a natureza e as suas mais variadas vertentes”.

Já Floriano Sabino, Presidente da Junta de Freguesia de São Pedro, considera que o património natural só tem influência no destino Peniche se for associado a alguns eventos, ao qual destaca o TRIATLO e a Travessia a nado Berlengas/Peniche. Na perspectiva de Floriano Sabino, as pessoas que se deslocam a Peniche para estes eventos acabam por entrar em contacto com a beleza natural da cidade, motivando-as para um regresso.

António José Correia partilha da mesma opinião, sublinhando que “... os eventos e o património natural do concelho, designadamente as suas praias, contribuem decisivamente para a escolha de Peniche como destino de férias de turistas nacionais e estrangeiros”.

4. Considera que tem existido um adequado aproveitamento turístico do Património Natural existente em Peniche?

Nesta questão, a opinião dos entrevistados é divergente. António José Correia e Floriano Sabino concordam que o património natural não tem tido o adequado aproveitamento turístico, referindo este último, os entraves da legislação ambiental imposta para qualquer acção que se pretenda desenvolver.

Do ponto de vista de António José Correia, as actividades ligadas ao património natural como a pesca lúdica, o mergulho e desportos de deslize já demonstram um desenvolvimento considerável, no entanto, continua a existir um conjunto muito vasto de oportunidades por explorar, desenvolvido de forma sustentável.

Mais crítico e contundente, António Carneiro afirma que o património natural tem tido o conveniente aproveitamento turístico, pois no caso concreto de Peniche, este não deverá ser demasiado explorado. Sublinha ainda que, a divulgação do património ao público conduziria ao seu desaparecimento.

5. Peniche está fortemente associada a desportos náuticos, a factores etnográficos, à cultura popular e tradicional e à gastronomia. Considere o Património Natural e refira quais os produtos turísticos a criar e/ou desenvolver no território de Peniche?

O Presidente do Município considera que deveria apostar-se no desenvolvimento de produtos já existentes, nomeadamente, alguns já referidos anteriormente, como o caso da pesca lúdica, actividades marítimo-turísticas, mergulho e desportos de deslize. No seu entender, actividades ligadas a este produtos apresentam todas as condições para a médio prazo virem a registar um desenvolvimento importante, sobretudo em maturidade, especialização e qualificação da oferta já existente.

Por conseguinte, tanto Floriano Sabino, como António Carneiro realçam a importância de criar novos produtos ligados ao património natural. Enquanto o primeiro defende a criação de visitas guiadas ao património existente, António Carneiro é da opinião que Peniche deveria apostar numa unidade de saúde, exemplificando a Talassoterapia, atendendo que é a cidade mais dentro do Oceano Atlântico e atendendo também às características da praia da Consolação, que concentram níveis elevados de iodo nas suas águas.

6. Na sua opinião, considera que existe uma transferência de quota de mercado de turistas de sol e mar para turistas de natureza?

Os entrevistados partilham da mesma opinião relativamente a esta questão, ou seja, julgam não existir uma transferência na quota de mercado de turistas de sol e mar para a procura de turistas de natureza. Actualmente a tendência geral do turista de sol e mar é de procurar produtos complementares, no caso de Peniche, a existência de subprodutos é fundamental, pois devido ao seu clima inconstante, nem sempre as condições para usufruir das praias são as melhores. Assim sendo, em forma de resumo, na opinião unânime dos entrevistados, não existe propriamente uma transferência mas sim uma complementaridade entre estes dois tipos de procura turística.

7. Acha que a promoção em marketing e comunicação do património natural de Peniche é adequada e /ou suficiente?

Mais uma vez a opinião é comum aos entrevistados, embora com algumas diferenças conceptuais, todos acreditam que a promoção em marketing e comunicação do património existente não é suficiente.

De acordo com António Carneiro, a promoção poderia ser melhor mas “... os meios monetários disponíveis pelas entidades, não são suficientes para promover devidamente e convenientemente o património”.

Já António José Correia chama a atenção para o facto de que a divulgação e promoção do património deverá ser efectuada com cautela de modo ao não colocar em causa a sustentabilidade do território.

5.2.2 Outras Entidades em Geral

Neste caso, foram entrevistados o promotor de vendas do Hotel Soleil Peniche e o responsável pela Escola de Surf Surfcastle que expuseram os seus pontos de vista sobre a temática em estudo.

1. Qual a importância que o património natural pode representar para a criação de sustentabilidade do território?

Na opinião do Dr. Rui Pereira, o património natural pode vincular a vinda de turistas que zelam pela preservação ambiental. Esta procura irá evidentemente gerar desenvolvimento para a região, na medida em que para fazer face a esta procura, têm de surgir infra-estruturas de apoio aos turistas.

No entanto, no entender de João Castanheira, Peniche tem sido um bom exemplo de preservação ambiental e a sustentabilidade do território simplesmente ainda não existe pois o mau planeamento por parte das entidades locais não o permite.

2. Conhece o Património Natural existente em Peniche? Enuncie o que conhece.

De um modo geral, ambos os entrevistados reconhecem o património natural mais conhecido de Peniche, mais concretamente, o Arquipélago das Berlengas e toda a costa e suas falésias.

3. Considerando eventos como por exemplo o Campeonato do Mundo de Surf RIP CURL PRO, acha que o Património Natural tem influência na escolha do destino Peniche?

Ambos os entrevistados reconhecem a influência do património na escolha de destino Peniche, no entanto, e no ponto de vista de Dr. Rui Pereira do Hotel Soleil Peniche, essa influência está sempre relacionada com um complemento, ou seja, existe uma outra motivação de visita ao qual o património natural está associado. Contudo, refere que o Arquipélago das Berlengas já tem uma grande projecção a nível internacional, influenciando a escolha do destino Peniche.

No entender de João Castanheira da Escola de surf Surfcastle, os turistas que visitam Peniche, querem e gostam de estar em contacto com a natureza, logo os lugares naturais têm bastante importância na escolha do destino. Refere ainda que, o património natural de Peniche começou a ser divulgado internacionalmente devido à projecção do Campeonato do Mundo de Surf.

4. Considera que tem existido um adequado aproveitamento turístico do Património Natural existente em Peniche?

Quando o património natural é utilizado para fins turísticos, muitas vezes o planeamento não é efectuado devidamente, ou seja, não respeita as regras ambientais e o mesmo acaba por ceder à degradação por uso excessivo. Deve existir um equilíbrio entre a preservação do património e o seu aproveitamento turístico, refere João Castanheira. No caso de Peniche, esse equilíbrio nem sempre acontece, existe um grande desenvolvimento a nível de construção. O crescimento imobiliário está a acontecer muito rapidamente e sem planeamento em zonas consideradas críticas, João Castanheira exemplifica toda a extensão dunar entre Peniche e Baleal, considerada sensível em termos geológicos.

Já Rui Pereira menciona que não existe nenhuma entidade que promova devidamente o património natural, acrescentando que, quando existe alguma promoção, esta é efectuada através de meios externos, exemplificando campanhas como as “7 Maravilhas da Natureza”.

5. Peniche está fortemente associada a desportos náuticos, a factores etnográficos, à cultura popular e tradicional e à gastronomia. Considere o Património Natural e refira quais os produtos turísticos a criar e/ou desenvolver no território de Peniche?

A criação de novos produtos num destino como Peniche, poderia ser a solução para a forte sazonalidade evidente na época balnear. Produtos como o *birdwatching* roteiros naturais e actividades para conhecer o património subaquático, são no entender de Rui Pereira, alternativas ao turismo de sol e mar tão enraizado em Peniche.

No entanto, do ponto de vista de João Castanheira, poderiam desenvolver-se produtos já existentes, como o surf, o *kitesurf* que considera desportos saudáveis, e associá-los ao património natural, realçando a importância de um devido planeamento desta união. De acordo com o entrevistado, se não houver um planeamento, Peniche partirá para um futuro ligado ao turismo de massas.

6. Na sua opinião, considera que existe uma transferência de quota de mercado de turistas de sol e mar para turistas de natureza?

Também sobre esta temática, a opinião dos entrevistados é unânime, registando que não existe propriamente uma transferência mas sim uma evolução no sentido de que, o turista de sol e mar actualmente não procura apenas a praia mas sim novas experiências no destino. Ou seja, o turista que vem desfrutar das praias, acaba por conjugar com outras experiências, nomeadamente ligadas ao património natural, como por exemplo, o mergulho, ou uma visita às Berlengas. Sendo o clima de Peniche bastante inconstante, o turista tem de procurar alternativas ao produto sol e praia.

7. Acha que a promoção em marketing e comunicação do património natural de Peniche é adequada e /ou suficiente?

Ambos os entrevistados concordam que existe promoção do património natural. No entanto, Rui Pereira refere que a promoção existente não é suficiente, pois existe uma focalização forte

no produto cultural. Na opinião de João, a promoção efectuada é suficiente pelo simples facto de que o património não deveria ser promovido mas sim protegido.

5.2.3 Grupo de Experts

Neste grupo, dado que regista um maior número de entrevistas, 15 no total, procederemos a uma análise mais objectiva e cruzada de todas as respostas obtidas, de forma a retirar as conclusões mais importantes para a temática em estudo.

1. Qual a importância que o património natural pode representar para a criação de sustentabilidade do território?

Numa zona onde o património natural é tão diversificado e toda a história e vivência de do seu povo se desenvolveu em torno do mar, na opinião de Susana Mendes a sustentabilidade do território poderá proporcionar mecanismos que promovam a reabilitação do património.

Por sua vez, António Almeida afirma que o património pode ser importante na criação de sustentabilidade, no entanto é determinante que se apurem mecanismos que provoquem o envolvimento da comunidade local.

Por conseguinte, Dulcineia Ramos aborda esta questão de uma forma mais abrangente, referindo que a sustentabilidade do território deverá ser analisada a três níveis, sendo eles: ambiental, económico e social.

Em termos ambientais a docente é da opinião que Peniche não apresenta grandes problemas. A nível económico, refere que o património natural está associado à comunidade local em termos de empregabilidade, nomeadamente na área do turismo, da pesca, da conserveira e dos moldes. Já a nível social, é da opinião que o modo muito próprio e muito insular de vivência das pessoas de Peniche está relacionado com o próprio património natural, sublinha ainda que “a autenticidade das gentes de Peniche é um factor relevante que deve ser aproveitado”.

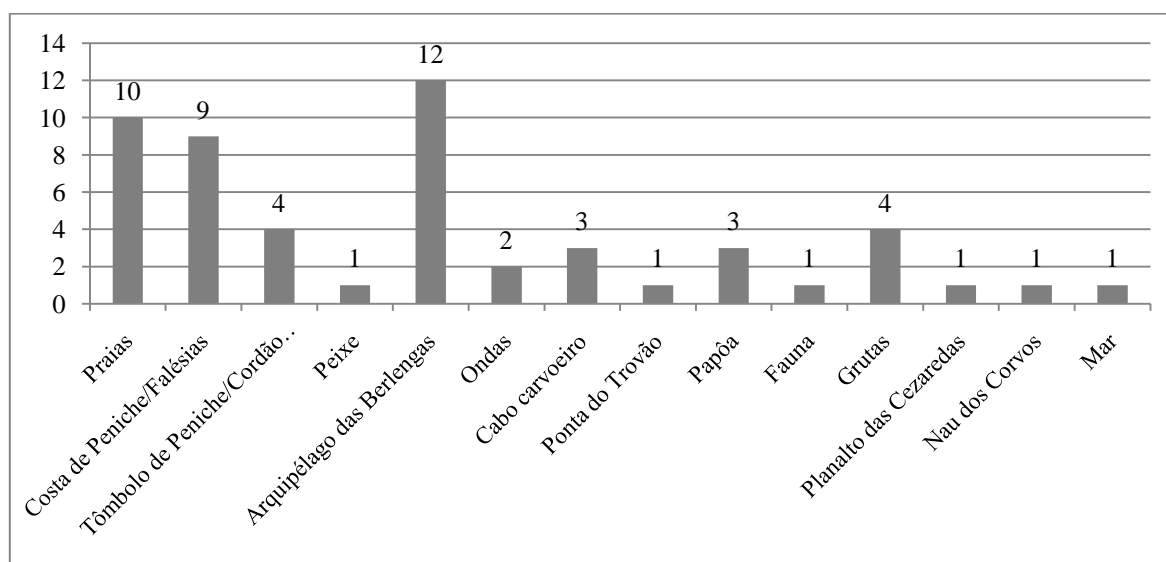
De acordo com esta observação está também a docente Verónica Oliveira acrescentando que “... o património natural é fundamental para este concelho, pois muitas das vezes é o motivo principal de atracção turística”. No ponto de vista da docente, este poderá ser aproveitado de modo a promover o crescimento económico (gerando receitas), a equidade social (criando

emprego, proporcionando melhor qualidade de vida à população local), no entanto chama a atenção para o facto da exploração do património ser efectuada de forma regrada, promovendo a sua preservação.

2. Conhece o Património Natural existente em Peniche? Enuncie os que conhece.

Dada ser uma questão bastante objectiva, e o número de respostas ser bastante diversificado, optámos por apresentar um gráfico com o património natural mais conhecido e mencionado pelos entrevistados. Neste sentido obteve-se os seguintes resultados:

Figura 5.1– Património Natural conhecido pelos Docentes entrevistados



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos nas entrevistas realizadas aos docentes (2012)

Como podemos observar através da figura anterior, do leque diversificado de património natural mencionado pelos docentes, destacam-se o Arquipélago das Berlengas, seguido das praias e costa de Peniche/Falésias. Mais uma vez se constata que, o património natural mais evidenciado é o que tem algum reconhecimento a nível nacional/internacional.

3. Considerando eventos como por exemplo o Campeonato do Mundo de Surf RIP CURL PRO, acha que o Património Natural tem influência na escolha do destino Peniche?

Nesta questão não existem dúvidas, pois todos defendem a importância do património existente, no entanto, apenas parte do património tem tido algum impacto em termos turísticos.

Na opinião de Teresa Mouga, directora da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, o único património que tem tido algum impacto é o Arquipélago das Berlengas, sendo este encarado como um destino muito interessante do ponto de vista da biodiversidade.

De acordo com Sílvia Gonçalves, o enquadramento paisagístico e o potencial do património natural de Peniche tem algum peso na escolha do destino Peniche, mas refere que a nível nacional e internacional, essa influência é mais evidente nas actividades e eventos ligados ao surf.

Em comum com esta opinião estão outros docentes que realçam que apenas no Arquipélago das Berlengas e no turismo de surf, o património natural tem alguma influência a nível nacional e internacional.

Já no entender de João Vasconcelos “... a excentricidade de Peniche, a presença dos elementos naturais na paisagem e a base laboral associada aos recursos primários (tais como a pesca) marcam profundamente a imagem deste local”. Neste contexto, mesmo quando o património natural não é o elemento que justifica a deslocação, é o elemento que estrutura a imagem do destino e que configura a identidade do destino.

4. Considera que tem existido um adequado aproveitamento turístico do Património Natural existente em Peniche?

No entender da maioria dos docentes entrevistados, o potencial do património natural de Peniche não tem sido devidamente capitalizado. Sérgio Leandro refere que existem oportunidades que se fossem devidamente exploradas, existiria um forte impacto turístico a nível local e regional.

João Costa afirma que não se tem trabalhado da melhor forma para aproveitar os recursos naturais enquanto vertente turística, mas o seu potencial é tanto que por si só origina atractividade, exemplificando o caso de algumas praias e do Arquipélago das Berlengas. No entanto, realça que há muito mais para fazer.

Nas palavras da directora da ESTM, Teresa Mouga, o património natural deve ser dado a conhecer. Na sua opinião, primeiro deveria produzir-se conhecimento através da investigação e então depois partir para a exploração. A exploração do património natural para fins turísticos seria uma alternativa interessante à sazonalidade.

5. Peniche está fortemente associada a desportos náuticos, a factores etnográficos, à cultura popular e tradicional e à gastronomia. Considere o Património Natural e refira quais os produtos turísticos a criar e/ou desenvolver no território de Peniche?

De uma forma geral, foram sugeridos diversos produtos que poderiam ser desenvolvidos, no entanto, a maioria dos entrevistados arriscaria a criação de novos produtos associados ao património natural e que de algum modo pudessem combater a forte sazonalidade do turismo em Peniche, nesse sentido, os produtos mencionados seriam direccionados para a época baixa. Assim sendo, Maria José Rodrigues realça a importância da história e das lendas de Peniche. À semelhança de Óbidos poderia aproveitar-se as histórias de piratas, de afundamento de navios, da passagem de reis e de príncipes que por Peniche e Atouguia da Baleia passaram e adaptar-se a alguns eventos onde a representação seria o momento alto.

Sérgio Leandro sugere passeios marítimos pelo litoral, visitas e percursos pedestres ao longo das zonas costeiras, circuitos interpretativos do património natural, sensibilização e educação ambiental e *birdwatching*.

Já Teresa Mouga, sugere actividades de experiência na faina, ou seja, o turista ter a possibilidade de experimentar um dia a bordo de uma traineira, fazendo pesca artesanal. O turista ficaria com uma experiência inesquecível e mantinha contacto com a tradição genuína de viver o mar como fazem os pescadores. Refere ainda a criação do produto *walewatching*, devido à existência de golfinhos e baleias nesta costa.

Por seu turno, outros docentes entrevistados apostariam mais do desenvolvimento de produtos já existentes como é o caso de José Nunes que é da opinião duma aposta maior no produto mergulho, onde deveria ser elaborado um mapa com indicação dos destroços de inúmeras embarcações afundadas na costa de Peniche e como conseguinte, construir um roteiro turístico.

Apostar na exploração mais intensiva da gastronomia local, é outra das sugestões apontadas pelos diversos docentes. A gastronomia local encontra-se pouco desenvolvida e assenta em pratos típicos como a Caldeirada ou o Peixe grelhado, pelo que deveria existir uma maior aposta na qualidade dos pratos confeccionados à base de peixe.

Na perspectiva de João Paulo Jorge deveria existir uma aposta maior e mais diversificada no que respeita ao turismo relacionado com a náutica de recreio, no turismo desportivo associado à prática de desportos da onda e no turismo científico relacionado com a Reserva Natural da Berlenga e o património geológico.

6. Na sua opinião, considera que existe uma transferência de quota de mercado de turistas de sol e mar para turistas de natureza?

Na opinião do docente Luís Almeida, não existe uma transferência na procura passiva do património natural, mas sim na procura do mesmo para o desenvolvimento de actividades concretas, acrescentando ainda que esta transferência está relacionada com uma atitude mais activa da experiência do turista.

Contrariando esta opinião, o docente João Correia sublinha que apesar de não crer que exista uma transferência, acredita que o turismo em função do património natural está a aumentar, mas não em detrimento do turista de sol.

Por seu turno, no entender da docente Sílvia Gonçalves num destino turístico com características naturais extremamente relevantes, o Turismo de Sol e Mar não faz sentido sem recurso ao património natural desta região. Assim sendo, sublinha que este tipo de turismo não pode ser dissociado dos recursos naturais.

De outro ponto de vista, não existe uma transferência mas sim uma complementaridade, ou seja, o turista complementa os diferentes produtos no mesmo dia. Nas palavras do docente João Vasconcelos, o turista pode desfrutar da praia e visitar as Berlengas no mesmo dia.

Partilhando da mesma opinião, João Costa refere que a procura turística em Peniche não se focaliza apenas no sol e mar, pois devido à influência do microclima, submete o turista a procurar alternativas à praia, coincidindo assim com a procura pelo património natural.

7. Acha que a promoção em marketing e comunicação do património natural de Peniche é adequada e /ou suficiente?

De um modo geral, quase todos os docentes entrevistados estão de acordo, declarando que o património não tem sido devidamente promovido. No entender do subdirector da ESTM Paulo Almeida, o património natural tem poucas estratégias de promoção associadas e ao existirem, se de facto forem adequadas e bem direccionadas, os resultados seriam muito mais favoráveis junto do público que mais interessava.

No entender da docente Dulcineia Ramos, os canais de promoção não são os mais adequados, pois actualmente é necessário desenvolver formas criativas de promover o património aproveitando também o facto de existirem eventos com abrangência internacional, como por exemplo o RIP CURL PRO.

Registando uma opinião diferente, Sérgio Leandro julga que os aspectos mais importantes do património natural que distinguem esta região, tem sido devidamente promovidos, nomeadamente a Reserva da Biosfera da Berlenga "... cuja promoção nacional tem sido acompanhada por um esforço notório ao nível do desenvolvimento sustentável de tão importante território".

6 CONCLUSÕES

Como nota prévia, é importante salientar que, para delinear estratégias de desenvolvimento turístico de um território, neste caso apostando na quantidade e qualidade dos recursos naturais existentes no concelho de Peniche, é necessário conhecer o património natural existente, de forma a garantir a sua preservação. Esta é de facto, a opinião geral extensiva a todos os entrevistados.

Em termos de sustentabilidade, a diversidade do património natural é importante para o desenvolvimento das actividades que potenciem a economia do concelho. Por outro lado poderá ser uma fonte de receitas que promove o crescimento económico e desenvolvimento social proporcionando melhor qualidade de vida à população local criando inclusive emprego. Em termos ambientais, há que ter em conta não só a preservação do património, como fomentar a exploração dos recursos de forma regrada.

O património natural que mais foi evidenciado pelos *experts* coincidiu com aquele que granjeia maior reconhecimento nacional e internacional, nomeadamente o Arquipélago das Berlengas, as inúmeras praias, toda a costa de Peniche e suas falésias.

De um modo geral, todos os entrevistados têm a convicção da enorme importância que o património natural existente em Peniche representa. Não obstante, nem todo o património tem o devido impacto em termos turísticos. De facto, apenas o Arquipélago das Berlengas e as actividades ligadas ao surf, destacam algum património com impacto nacional/internacional. O restante património apenas tem influência na escolha do destino Peniche se associado a eventos de grande impacto.

Ainda que com grande potencial, o património natural de Peniche não tem tido o adequado aproveitamento turístico. Esta situação resulta por motivos diversos tais como a legislação ambiental, a má gestão e planeamento imobiliário com especial impacto nas zonas consideradas ambientalmente críticas. No entanto, denota-se promissora evolução em termos do desenvolvimento turístico nas actividades ligadas ao património natural, com especial destaque para a pesca lúdica, o mergulho e os desportos de deslize.

Contudo, o Presidente do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste a par do responsável pela escola de Surf, *SurfCastle*, defendem que o património natural não deve ser demasiadamente explorado em termos turísticos pois tal situação, ultrapassar a capacidade de carga, conduziria à sua degradação.

O desenvolvimento de produtos já existentes poderá ser uma mais-valia, dado que alguns daqueles já demonstram notoriedade nacional e internacional. A ideia passa por uma melhor exploração dos desportos de deslize, náutica de recreio, turismo científico e gastronomia local.

Em contrapartida, a criação de novos produtos poderá ser a solução para diminuir a sazonalidade do turismo de sol e mar. Os entrevistados propuseram assim um diversificado leque de produtos bastante interessantes e adequados à realidade do património natural de Peniche. Neste conjunto destacam-se as visitas guiadas pelo património, devidamente orientadas por guias turísticos com formação adequada, permitindo que o turista consiga interpretar facilmente as características do património natural; a edificação de uma unidade de talassoterapia, atendendo às características únicas das praias da Consolação que, concentram elevados níveis de iodo; *birdwatching*, a desenvolver nomeadamente no Arquipélago das Berlengas devido à diversidade de espécies endémicas que ali nidificam; a criação de roteiros naturais que permitam ao turista a respectiva interpretação da paisagem; a realização de eventos com histórias de piratas, aproveitando a história dos Amigos de Peniche que ligam *Sir Francis Drake* a Peniche; passeios marítimos pelo litoral com o objectivo de proporcionar ao turista uma diferente panorâmica de toda a costa; sensibilização e educação ambiental com o intuito de chamar à atenção os turistas e a população local para uma mudança de atitudes em relação ao ambiente; experiência na faina, proporcionando aos turistas a vivência dos pescadores; e *Walewatching*, beneficiando da presença de golfinhos e até de algumas baleias que pela costa de Peniche passam aquando das migrações.

O turista que visita Peniche não procura apenas usufruir da praia mas também de produtos complementares com especial destaque para o património natural. O microclima de Peniche nem sempre proporciona as melhores condições para o Turismo de Sol e Praia, o que significa que o turista tem que optar por outras experiências que coincidem com o património natural.

Apesar de existir alguma promoção de marketing e comunicação do património natural de Peniche, nomeadamente quando da realização de eventos que estejam interligados, esta ainda assim não é suficiente. No entender do Presidente do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste, Dr. António Carneiro, os canais de promoção não têm sido os mais adequados pela escassez dos meios disponibilizados pelas entidades. Contudo, o desenvolvimento de estratégias de promoção adequadas e bem direccionadas, de forma mais criativa, poderá permitir resultados mais favoráveis com benefício para o território.

O Turismo é um sector que se assume como potenciador do crescimento económico e social do concelho de Peniche. É fonte de receitas externas e criação de emprego com consequente efeito multiplicador noutros sectores de actividade económica. No entanto, a actividade turística no concelho de Peniche concentra-se sobretudo na época balnear.

A aposta no Turismo de Natureza e em actividades interligadas com os recursos naturais poderá ser a solução para a diminuição ou mesmo o termo desta sazonalidade.

Nas Conclusões Gerais deste capítulo, são apresentadas as principais conclusões, limitações e dificuldades do trabalho, sendo ainda efectuadas algumas recomendações e sugestões para futuros trabalhos científicos.

6.1 Conclusões Gerais

Com as hipóteses e de acordo com a análise dos dados obtidos verifica-se que a primeira hipótese não é confirmada, pois o vasto património natural existente no concelho de Peniche é apenas parcialmente conhecido, ou seja, o património mais destacado pelos entrevistados coincide com o que detém reconhecimento e é protegido, como o Arquipélago das Berlengas, recentemente classificado como Reserva Mundial da Biosfera, para além das praias conhecidas pela prática de surf e a costa rochosa. Todo o restante património fica muito atrás no que concerne à notoriedade.

A segunda hipótese confirma-se, pois o impacto turístico verifica-se nalguns pontos do património natural, denotando-se por isso a sua influência na escolha do destino. A procura por actividades ligadas ao património natural é bastante evidente em diversas situações, nomeadamente o mergulho no Arquipélago das Berlengas. A Berlenga é conhecida como um interessante destino pela biodiversidade. As actividades ligadas ao surf, com especial destaque para a praia dos Supertubos, palco do Campeonato do Mundo de Surf, RIP CURL PRO, são também um forte exemplo de que a escolha do destino Peniche resulta daquilo que é a importância do património natural.

A terceira hipótese não se confirma, pois segundo os entrevistados, o património natural não tem sido turisticamente aproveitado de forma adequada. As oportunidades não têm sido devidamente exploradas, não se criando por isso, um forte impacto turístico com o adequado aproveitamento.

A quarta hipótese confirma-se. A diversidade de actividades e produtos desenvolvidos associados aos recursos naturais são factores que potenciam a economia local e consequentemente a sustentabilidade do território.

Dado que não se verifica uma transferência da quota de turistas de sol e mar para o Turismo de Natureza a quinta hipótese não se confirma. Apurou-se ainda que, actualmente a tendência dos turistas não é apenas procurar os produtos associados ao sol e mar mas sim novas experiências, novos produtos complementares onde o património natural é dominante.

Por último, a hipótese final não se confirma. A opinião geral é que têm existido poucas estratégias de promoção associadas ao património natural e os canais de promoção não têm sido os mais adequados.

Após averiguação das hipóteses constata-se que o potencial dos recursos naturais existentes no concelho de Peniche, associado ao desenvolvimento de estratégias de promoção e preservação, poderá seguramente constituir uma vantagem competitiva da imagem do destino e constituir um factor de atractividade turística.

É de facto importante atenuar a sazonalidade sentida no concelho de Peniche. Neste sentido, é necessário tomar medidas que consistam na promoção de outros tipos de turismo e na criação de novos produtos que não tenham tanta dependência climática (Neves, 2005).

No entender de Lage e Milone (1998), existem duas características específicas que poderão reduzir a sazonalidade turística:

- Uso múltiplo: significa complementar os atractivos da alta estação de um lugar, com outras atracções, que criam procura para os viajantes durante períodos de baixa temporada;
- Política de preços: esta técnica, em comparação com a estratégia de uso múltiplo, cria mercados para períodos fora de temporada, utilizando preços diferenciados, como um instrumento eficiente para transferir procura da alta estação para a baixa estação.

A gestão dos recursos naturais existentes em Peniche orientados para o desenvolvimento de Turismo Natureza é uma medida que poderá ser utilizada para combater a sazonalidade do concelho.

Tentando responder à pergunta de partida, os resultados provenientes da aplicação das entrevistas, confirmaram que cada vez mais o turista tem a tendência a escolher destinos naturais. As novas gerações de turistas são amigas do ambiente e gostam de estar em contacto com a natureza. Tendo em conta esta tendência, Peniche reúne condições naturais para o desenvolvimento de Turismo Natureza e beneficiando desse facto, poder-se-ão criar novos produtos e estratégias associadas ao património natural captando novos mercados que repartirão a procura turística ao longo do ano.

7 RECOMENDAÇÕES

A diversidade do património natural e a sua preservação associadas à qualidade da oferta turística, são factores determinantes para a atractividade de um destino (Cunha, 2008).

As actividades e produtos turísticos associados aos recursos naturais de um território geram desenvolvimento económico e social estabelecendo por isso, forte sustentabilidade naqueles territórios.

As zonas costeiras são habitualmente associadas ao produto turístico o Sol & Mar, descurando muitas vezes a potencialidade de desenvolvimento das mesmas enquanto destinos turísticos associados a outros produtos. Por isso é importante desenvolver uma nova imagem de destinos activos, dinâmicos e contemporâneos associando os eventos a outros produtos como é o caso do Turismo de Natureza (Cardeira e Nunes, 2011).

Peniche tem qualidades únicas para potenciar uma oferta de Turismo Natureza, atraindo uma diversidade de turistas que respeitam e gostam de estar em contacto com o ambiente, que procura novas experiências e que querem conhecer ou estudar ambientes naturais. Neste contexto foram sugeridos pelos entrevistados diversos produtos que se desenvolvidos, podem com sucesso complementar a oferta turística e criar um destino diferenciado.

A competitividade turística é considerada como a capacidade de um destino em apresentar bens e serviços mais qualificados, relativamente às demais destinações, no sentido de satisfazer o que os consumidores valorizam, sustentando também o sector (Dwyer; Kim, citado em Gorni e Dreher, 2010).

O desenvolvimento do Turismo Natureza terá que ser alvo de abordagens mais profissionais, na medida em que é uma vantagem competitiva do destino Peniche. A colaboração entre os sectores público e privado é uma forma mais eficaz de gerir e planear o turismo, aumentando a vantagem neste sector, especialmente no que concerne ao Turismo de Natureza (Gorni e Dreher, 2010).

7.1 Limitações do Trabalho

A principal limitação do estudo resulta do facto da amostra que gerada por conveniência e ainda que composta por entidades e pessoas directa ou indirectamente ligadas ao sector do turismo e com mais representatividade no concelho de Peniche não permitiu a inferência estatística para a população alvo.

O curto espaço de tempo para a realização das entrevistas também se constituiu uma dificuldade na realização da presente investigação.

7.2 Investigações Futuras

Sendo um trabalho de pesquisa, temos a consciência de que este estudo não está terminado. Nesse sentido, o tema em análise deverá ser alvo de futuras investigações para aprofundar e avaliar quiçá, o potencial turístico do património natural de Peniche.

Poderá ainda partir-se para uma investigação cujo objectivo passe por avaliar a despesa *per capita* dos turistas que procuram e valorizam o turismo natureza em Peniche, para assim se conhecer o custo/benefício marginal deste mercado.

BIBLIOGRAFIA

AEP – Associação Empresarial de Portugal, Câmara de Comércio e Indústria (2008): *Turismo de Natureza*, Gabinete de Estudos.

AGUIAR, Victor R. L.; MEDEIROS, Claudio M. (2009), *Entrevistas na Pesquisa Social: O Relato de um Grupo de Foco nas Licenciaturas*, IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia.

ALMEIDA, Fernando Pau-Preto Morgado de (2005), *O Património Cultural no Planeamento e Desenvolvimento do Território, Os planos de ordenamento de parques arqueológicos*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharia/ Faculdade de Arquitectura, Universidade do Porto; Porto.

ALMEIDA, Paulo Jorge Santos (2003), *A Contribuição da Animação Turística para o Aumento das Taxas de Ocupação de Uma Região* – Tese de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, Universidade de Aveiro

BALOGLU, S. e MCCLEARY, K. (1999a), *A model of destination image formation*. *Annals of Tourism Research*, Vol. 26 N.º4), pp. 868 – 897.

BANCO DE PORTUGAL (2012), *Boletim Estatístico*, Janeiro de 2012.

BAPTISTA, Mário (2001), *As diferentes abordagens ao significado do turismo na economia*, I Congresso de Turismo, Leiria.

BECHELENI, Débora; MEDEIROS, Mirna L. (2009), *O Turismo como ferramenta para a protecção do Património Arqueológico: um estudo da APA Carste de Lagoa Santa – MG*, VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo.

BELLO, Mónica (2005), *Enigmas – A Costa dos Tesouros*, Circulo de Leitores.

BOGDAN, R., & BIKLEN, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Colecção Ciências da Educação. Porto: Porto Editora.

CALADO, Mariano (1991), *Peniche na história e na lenda*, 4ª edição, Edição de Autor, Lisboa.

CARDEIRA, Inês; NUNES, Paulo (2011), *O Turismo de Eventos no Algarve e Sub-região do Litoral Alentejano*, Journal of Tourism and Sustainability, Volume I – Nr. 2, páginas: 75-79.

CARVALHO, Mário J. P. J. (2007), *Os desportos de Inverno e o reposicionamento da oferta na Região de Turismo da Serra da Estrela*, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior Técnico.

CARVALHO, Mário J. P. J. (2010), *El grado de importancia del Marketing Relacional en el espacio de alojamiento para el Turismo de Naturaleza. El caso de Portugal*, Universidad de Extremadura, Facultad de Ciencias Económicas y Empresariales, Departamento de Dirección de Empresas y Sociología, Badajoz.

CASTRO. José Paulo Ribeiro de (2004), *Parque Natural Douro Internacional / Arribes del Duero, Territórios Transfronteiriços – suas dinâmicas*, Universidade do Minho.

CUNHA, Licínio (2001), *Introdução ao Turismo*, Lisboa: Editorial Verbo

CUNHA, Licínio (2008), *Avaliação do Potencial Turístico*, Journal of Tourism Studies, COGITUR.

CUNHA, Licínio (2010), *Desenvolvimento do Turismo em Portugal: Os Primórdios*, Fluxos & Riscos n.º1, p. 127-149.

DUARTE, L. V. (2002), *The Geological Heritage of the lower jurassic of Central Portugal: inventory and main scientific arguments*, 6th International Symposium on the Jurassic System, Palermo.

FERREIRA, Luís (s.d), *Planeamento Estratégico de Destinos Turísticos*, ISCET – Instituto Superior de Ciências Empresariais e do Turismo / CIIC - Centro de Investigação Interdisciplinar e de Intervenção Comunitária.

GAMARRA, Yolanda (1998), *“La Cooperación Internacional en su Dimensión Cultural y el Progreso Del Derecho Internacional”*, Ministerio de Asuntos Exteriores, Madrid.

- GARTNER, W. (1996), *Tourism development: principles and policies*, Van Nostrand
- GOODALL, B. (1995), “How tourists choose their holidays: an analytical framework” em GOODALL, B. e ASHWORTH, G. (Eds.) [1995], *Marketing in the tourism industry: the promotion of destination regions*, Routledge, London, pp. 1-17.
- GOODALL, B. e ASHWORTH, G. (Eds.) [1995], *Marketing in the tourism industry: the promotion of destination regions*, Routledge, London.
- GORNI, Patrícia M.; DREHER, Marialva T. (2010), *Estratégias Intersectoriais no Desenvolvimento do Turismo de Natureza: Desafios e Perspectivas*, Revista Turismo em Análise, Vol. 21, nº3, São Paulo.
- GUNN, C. (2002), *Tourism planning: basics, concepts, cases*, Routledge, New York.
- HENRIQUES, Ana Carolina S. (2009), *No Principio estava o Mar, Peniche: O Património Cultural, o Turismo e o Mar*, Coimbra.
- HENRIQUES, Eduardo B. (1996), *Lisboa Turística: entre o imaginário e a cidade*, Lisboa: Edições Colibri
- ICNB – Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (2007): Plano de Ordenamento da Reserva Natural das Berlengas, relatório para discussão pública
- INE (2011): Anuário Estatístico da Região Centro 2010. Instituto Nacional de Estatística, Lisboa.
- INE (2011): Instituto Nacional de Estatística, Censos 2011.
- JICKLING, Mark (2010), *Causes of the Financial Crisis*, Congressional Research Service.
- LAGE, Beatriz H. G.; MILONE, Paulo C. (1998) *Economia do Turismo*, Campinas, Papirus.
- LAGE, Beatriz H. G.; MILONE, Paulo C. (2000), *Turismo: teoria e prática*, S. Paulo: Atlas.
- LARANJO, José Manuel; HENRIQUES, Lucinda Sobral; LEANDRO, Manuela; GOMES, Maria Margarida (1989 a), *Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social*, 12º ano, 1ª parte, Porto: Porto Editora.

LARANJO, José Manuel; HENRIQUES, Lucinda Sobral; LEANDRO, Manuela; GOMES, Maria Margarida (1989), *Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social*, 12º ano, 2ª parte, Porto: Porto Editora.

LIMA, Flavia Fernanda (2008), *Proposta Metodológica para a Inventariação do Património Geológico Brasileiro*, Universidade do Minho.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA E INOVAÇÃO, TURISMO DE PORTUGAL (2006), PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo, TP, Lisboa.

MORSE, Janice M. (1994), *Designing Funded Qualitative Research*, in N. Denzin e Y.Lincoln (edits.), *Handbook of Qualitative Research*. California: SAGE, p.220-235.

NEVES, Hélder M. A. (2005), *O Turismo em Porto Santo: Uma Estratégia de Marketing para o Futuro*; Universidade do algarve, Faculdade de Economia, Faro.

NUNES, Paulo A. C. (2010), *Desporto, Turismo e Ambiente, O Turismo de Natureza como Pólo de Atracção Turística complementar ao produto sol & mar na sub-região do litoral alentejano*, Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana.

OLIVEIRA, Maria do Rosário B. de (2009), *Os Impactos dos Eventos Turísticos – O Caso da Viagem Medieval em Santa Maria da Feira*, Universidade Fernando Pessoa, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto.

OMT - Organização Mundial do Turismo (1978): *Evaluación de los recursos turísticos*”, Madrid.

OMT - Organização Mundial do Turismo (2012): *World Tourism Barometer*, Volume 10, Janeiro de 2012.

PINTO, Juliana Sequeira (2010), *Determinação da Imagem de Lisboa como um Destino Turístico: Análise das Percepções à Chegada e à Partida e Implicações para a Satisfação do Turista*, Instituto Superior Técnico, Universidade Técnica de Lisboa.

POOLE, William (2010), *Causes and Consequences of the Financial Crisis of 2007-2009*, *Harvard Journal of Law & Public Policy*, Vol.33, Issu 2.

QUINTAL, Artur Jorge Faria (2008), *A importância do património na escolha do destino turístico*, Universidade da Madeira, Funchal.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van (1998), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 2ª edição, Gradiva, Lisboa.

SEMEDO, Pedro Miguel C. (2008), *O impacto dos Eventos Culturais na Renovação e Diversificação do Produto Turístico Urbano – O Caso de Tomar*, Universidade de Aveiro, Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Aveiro.

SILVA, Ana Maria C. C. (2005), *Formação e Construção de Identidade(s), Um Estudo de Caso centrado numa Equipa Multidisciplinar*, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Braga.

SILVA, William C. D. (2007), *Utilização do Património Histórico como Recurso Turístico: O Caso do Museu Mariano Procópio – Juíz de Fora*, Belo Horizonte.

TP – Turismo de Portugal (2006): 10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal, Turismo de Natureza, Lisboa.

TP – Turismo de Portugal (2010): O Turismo em 2010, Ministério da Economia e do Emprego.

TP – Turismo de Portugal (2011): Estudo de Satisfação de Turistas 2011, GfK Metris.

TP – Turismo de Portugal (2012): Receitas Turísticas 2002 – 2011 por país de origem, Banco de Portugal.

UNESCO (2003), *Proteção do Patrimônio da Unesco: ações e significados*, Brasília.

VALLES, Miguel S. (1997), *Técnicas Cualitativas de Investigación Social. Reflexión metodológica y práctica profesional*, Madrid: Editorial SÍNTESIS, S.A.

VAREIRO, Laurentina (2008), *Turismo como estratégia integradora dos recursos locais: o caso da NUT III Minho-Lima*, Tese de doutoramento em Ciências Económicas (ramo de conhecimento em Economia Rural, Regional e Urbana). Disponível em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9014/2/TESE_LV.pdf

VIEGAS, Maria Margarida V. de Arrais (s.d), *As Estatísticas do Turismo e a Uniformização de Conceitos*, Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo do Algarve.

VIEIRA, C., Lima, E. (1998), *Metodologia da Investigação Científica*, - *Caderno de Texto de Apoio* (pp. 61 – 71). 6ª edição, Coimbra.

YOON, Y (2002). *Development of a Structural Model for Tourism Destination Competitiveness from Stakeholders perspectives*. USA, Hospitality and Tourism Management.

SUPORTE INTERNET

www.ine.pt

www.hotels.com

<http://unwto.org/>

www.turismodeportugal.pt

www.icnb.pt

www.unesco.pt

www.unesco.org

www.viamichelin.com

www.estradasdeportugal.pt

<http://portugalfotografiaarea.blogspot.pt>

www.rt-oeste.pt

www.cm-peniche.pt

ANEXOS

Anexo A

Guião de Entrevista

1. Qual a importância que o património natural pode representar para a criação de sustentabilidade do território?
2. Conhece o Património Natural existente em Peniche? Enuncie o que conhece.
3. Considerando eventos como por exemplo o Campeonato do Mundo de Surf RIP CURL PRO, acha que o Património Natural tem influência na escolha do destino Peniche?
4. Considera que tem existido um adequado aproveitamento turístico do Património Natural existente em Peniche?
5. Peniche está fortemente associada a desportos náuticos, a factores etnográficos, à cultura popular e tradicional e à gastronomia. Considere o Património Natural e refira quais os produtos turísticos a criar e/ou desenvolver no território de Peniche?
6. Na sua opinião, considera que existe uma transferência de quota de mercado de turistas de sol e mar para turistas de natureza?
7. Acha que a promoção em marketing e comunicação do património natural de Peniche é adequada e /ou suficiente?

Anexo B

Entrevista ao Dr. António Carneiro - Presidente do Pólo de Desenvolvimento Turístico do Oeste.

Pergunta n.º1: *É evidente que a prática de turismo de Natureza só pode existir se não houver destruição do ambiente, o mesmo tem de ser encarado como um protector da natureza, porque o que se exige às empresas que podem construir numa área classificada, um hotel por exemplo, é essa responsabilidade de tratamento da área envolvente, ou seja, teoricamente, está a dar-se uma concessão excepcional, mas com uma contrapartida programática.*

Pergunta n.º2: *Sim. Conheço a Península de Peniche como um todo, que tem um valor muito especial, nomeadamente a marginal norte onde deveriam ser levadas a cabo acções que poderiam caminhar para a preservação das falésias. Conheço também a Arriba Fóssil que se estende até à Ericeira e também o Arquipélago das Berlengas.*

Pergunta n.º3: *Considero que o património natural tem influência na escolha de um destino. As novas gerações são muito amigas do ambiente e querem conhecer a natureza e as suas mais variadas vertentes. O Turismo de Natureza já não é apenas visitar por exemplo o Yellowstone ou o Gerês, o Turismo de Natureza são pequenos nichos de pessoas amantes da natureza e da ecologia, nunca poderá ser um turismo de massas.*

Pergunta n.º4: *Sim. No caso concreto de Peniche não deverá ser demasiadamente explorado em termos turísticos, pois se se dá demasiado destaque, mais tarde ou mais cedo o património acaba por desaparecer. Por exemplo, no caso da Arriba Fóssil, há algum tempo tive contacto com alguém que queria elaborar um guia dos fósseis existentes na área e na minha opinião considero que a divulgação dos mesmos ao público levaria ao seu desaparecimento pois o comportamento do turista seria de levar um exemplar como recordação. São aspectos relevantes e dever-se-á analisar se é tempo para partir para esse tipo de Turismo.*

Pergunta n.º5: *Peniche deverá trabalhar melhor o conceito de sol e mar num sentido mais completo, não apenas a gastronomia e a praia, mas num conceito que já envolve parte dos desportos náuticos. Peniche poderia e deveria apostar numa unidade de saúde, por exemplo a Talassoterapia, atendendo que é a cidade da Europa mais dentro do oceano Atlântico. Por exemplo, nas praias da Consolação, devido aos níveis elevado de iodo, seria interessante*

surgir um hotel no local com talassoterapia, e deste modo aproveitar todo o histórico que está em redor das rochas.

Pergunta n.º6: *Não. Não existe rigorosamente uma transferência. O turista de sol e mar actualmente é um turista que não está o dia inteiro na praia, procura encontrar complementos, muito mais numa região onde os dias falíveis como Peniche, por isso a existência de subprodutos é fundamental.*

Pergunta n.º7: *Sim. Nunca nada é promovido suficientemente, é evidente que se pode promover melhor, mas os meios monetários disponíveis pelas entidades não são suficientes para promover devidamente e convenientemente o património.*

Anexo C

Entrevista à Professora Susana Mendes da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Poderá proporcionar mecanismos que promovam a reabilitação deste dito património.*

Pergunta n.º2: *Reserva Natural das Berlengas*

Pergunta n.º3: *Se associarmos a participação no evento à possibilidade de realizar/conhecer o Património Natural.*

Pergunta n.º4: *Relativamente à Reserva Natural das Berlengas, sim. Mas considero que não tenho informação suficiente para responder à questão, pois não costumo participar/estar envolvida nos eventos turísticos de Peniche.*

Pergunta n.º5: *Não tenho opinião desenvolvida sobre este tema. Apenas saliento que, em minha opinião, não considero que Peniche esteja assim tão fortemente ligada a factores etnográficos, bem como, à cultura popular e tradicional.*

Pergunta n.º6: *Cada vez mais! Uma vez que o clima aqui não proporciona uma enorme satisfação ao que considero ser o típico turista de sol e mar.*

Pergunta n.º7: *Creio que é, mas também considero que deverá ser cada vez mais (desde que de uma forma inteligente, eficaz e sustentável); talvez seja essa uma das formas de conseguir alguns resultados que possam à posteriori trazer benefícios à população de Peniche em muitas outras áreas que indirectamente estão associadas ao turismo.*

Anexo D

Entrevista ao Professor José Nunes da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Na minha opinião a agenda cultural em Peniche não é diversificada, existem muitas coisas a acontecer de pequena dimensão que não trazem nada de significativo a Peniche. Dever-se-ia apostar em menos eventos, mas com um impacto maior, e tendo a qualidade e a nossa marca bem presente (ex: Nos sabores do mar não deveria ser permitido qualquer prato de carne, e o foco dos pratos deveria assentar nos nossos pratos típicos).*

Pergunta n.º2: *Sim. Praias, Ilha da Berlenga, Costa em redor da Península (Grutas, Carreiros, Nau dos Corvos), Gastronomia, Rendas de Bilros.*

Pergunta n.º3: *O Património natural é o que nos pode diferenciar de outros destinos turísticos similares. Cada vez mais o Património Natural tem uma posição importante na procura turística. Por exemplo, a qualidade das nossas ondas para a prática do surf são sem dúvida um dos grandes aliciantes para que Peniche faça parte dos roteiros turísticos mundiais para quem procura este tipo de actividade.*

Pergunta n.º4: *Não*

Pergunta n.º5: *Podem ser vários, desde o turismo assente nos desportos radicais de ondas, onde conseguimos ombrear com os melhores do mundo, como o turismo gastronómico (nada desenvolvido nem apoiado em termos de qualidade), como o mergulho (tanto para caça-submarina, como até para visitar barcos afundados e a beleza do fundo do mar (ex: Arquipélago das Berlengas). No entanto para que isto seja sustentável era necessário que houvesse por exemplo ao nível das praias um conjunto de infraestruturas que pudessem sustentar este afluxo de pessoas para lhes oferecer as condições desejáveis. No mergulho será essencial que se elabore um mapa onde estejam marcados os destroços dos inúmeros barcos afundados ao redor da nossa costa, para assim construir um roteiro turístico, etc. A gastronomia terá de apostar na qualidade dos nossos pratos de peixe, e não como agora acontece, em qua a qualidade do peixe disponível na maioria dos nossos restaurantes deixa muito a desejar.*

Pergunta n.º6: *Sem dúvida. Nós não podemos concorrer com destinos como o Algarve por exemplo, pois não temos clima para isso, mas podemos concorrer noutros aspectos, como por*

exemplo na questão das ondas, e isso tem sido evidente nestes últimos anos com a visibilidade que tivemos com o Rip Curl Pro.

Pergunta n.º7: *Acho que não é promovido eficazmente. Na minha opinião não se fez um trabalho de promoção que seja sustentável a médio e longo prazo, mas antes para o retorno imediato. Faltam bastantes infraestruturas de base que sustentem o número de turistas que pretendemos que cá venham, e isso pode ser bastante nefasto daqui a uns anos se não conseguirmos dar as condições que as pessoas esperam encontrar quando cá chegam.*

Anexo E

Entrevista ao Sr. João Castanheira, responsável pela *SurfCastle* – Escola de Surf localizada no Baleal

Pergunta n.º1: *Peniche tem sido um bom exemplo de preservação ambiental, mas se o turismo partir para a massificação, pode ser um mau exemplo. A sustentabilidade do território simplesmente ainda não existe pois há um mau planeamento pelas entidades locais.*

Pergunta n.º2: *Sim. Conheço parte do património natural existente, nomeadamente: o Arquipélago das Berlengas, as falésias e as praias.*

Pergunta n.º3: *Sim tem porque, por exemplo na nossa escola mais de 90% dos clientes vêm porque querem conciliar as férias com desporto activo e normalmente os amantes do desporto gostam de visitar lugares que tenham um forte património natural.No geral, os turistas que visitam Peniche querem e gostam de estar em contacto com a Natureza. Todos os lugares naturais em Peniche têm muita importância e o turista que os visita, valoriza a sua preservação ou em contrapartida escolhem outro destino para passar férias.*

O campeonato do mundo de surf é um exemplo de evento que colocou o nome de Peniche nas “bocas” do mundo, divulgando assim parte do seu património.

Pergunta n.º4: *Quando se aproveita o património natural para fins turísticos, o que acontece sempre é que se degrada o mesmo. Tem de existir um equilíbrio entre a preservação do património e o seu aproveitamento turístico. É possível fazê-lo mas não é fácil. Existe um grande desenvolvimento a nível de construção, nomeadamente entre Peniche e o Baleal, que está a ser alvo de uma especulação imobiliária nunca vista. Está a acontecer muito rapidamente e sem planeamento, numa zona considerada crítica. Por exemplo, entre a estrada Baleal e Ferrel já existe tanta construção que nem se consegue avistar o mar, nem sequer os campos agrícolas.*

Pergunta n.º5: *Poderiam ser desenvolvidos produtos já existentes, como por exemplo os desportos saudáveis como o surf, o kitesurf, aproveitando uma conjugação com o património natural, tendo sempre o devido cuidado de planear devidamente esta união, para que não oriente para uma massificação. Actualmente estamos num período de transição, com eventos como o RIP CURL PRO que atraem muita gente, se não houver o devido planeamento, daqui a 5 ou 10 anos, Peniche vai ser um resort de baixa e fraca qualidade.*

Pergunta n.º6: *Não, o turista simplesmente evoluiu e quando visita Peniche procura não só a praia mas também locais agradáveis onde o património natural ainda se preserva.*

Pergunta n.º7: *Sim, no entanto penso que o património natural não deveria ser promovido mas sim protegido, por isso a promoção é suficiente.*

Anexo F

Entrevista ao Sr. Floriano Sabino, Presidente da Junta de Freguesia de São Pedro – Peniche.

Pergunta n.º1: *Com a exploração devida das condições que o nosso património oferece, poderiam desenvolver-se outros eventos que seriam uma mais-valia, criando desenvolvimento regional. .*

Pergunta n.º2: *Sim, conheço, nomeadamente o que pertence a área da junta de freguesia, toda a costa, As Berlengas e os Farilhões.*

Pergunta n.º3: *Se associarmos a outros eventos, o património tem influência na escolha do destino, por exemplo a prova de TRIATLO, a TRAVESSIA BERLENGAS / PENICHE, são eventos que destacam o património natural e as pessoas que se deslocam a Peniche para estes eventos acabam por se deparar com a beleza natural desta cidade, acabando por mais tarde regressar para o visitar, sendo turista nacional ou internacional.*

Pergunta n.º4: *O património natural tem tido o possível aproveitamento turístico, pois não é fácil tirar partido deste mesmo património, pois tem-se de seguir a legislação ambiental imposta para qualquer acção que queira desenvolver.*

Pergunta n.º5: *Além dos produtos já existentes que poderiam ser mais bem desenvolvidos, penso que a importância de existir visitas guiadas devia ser considerada. O conhecimento, tanto em terra como em mar, do diverso património natural existente, projectaria muito mais o destino Peniche.*

Pergunta n.º6: *Penso que não, pois o turista de sol e mar, para além da praia também procuram conhecer o património natural, mas por vezes a informação disponível sobre o mesmo não é suficiente.*

Pergunta n.º7: *Acho que não, acho que com os milhares de anos de história do nosso património, a maior parte fica esquecido no que respeita à divulgação, e os turistas acabam por visitar o que encontram divulgado.*

Anexo G

Entrevista ao Dr. Rui Pereira, Promotor de Vendas Hotel Soleil Peniche

Pergunta n.º1: *O património natural pode vincular a vinda de outros turistas que desenvolvam a consciência ambiental contribuindo para a sua preservação. Esta procura gera desenvolvimento para a região, no sentido que têm de existir infra-estruturas de apoio aos turistas.*

Pergunta n.º2: *Sim, conheço a Nau dos Corvos, toda a costa e suas falésias e Reserva Natural das Berlengas.*

Pergunta n.º4: *Sim penso que o património tem influência na escolha do destino Peniche mas como complemento, ou seja, o turista tem uma primeira motivação, seja ela a praia, desporto, gastronomia e tenta usufruir de um todo em que o património natural também está incluído.*

Pergunta n.º5: *Não. Acho que não nenhuma entidade que promova o património para que este seja devidamente aproveitado em termos turísticos. Quando existe alguma promoção é efectuada através de meios externos, como é o caso das “7 Maravilhas da Natureza”.*

Pergunta n.º6: *Poderiam criar-se produtos como o Birdwatching, roteiros naturais e actividades para conhecer o património subaquático.*

Pergunta n.º7: *Sim, cada vez mais os turistas procuram novas experiências no destino, ou seja, conjugar diversas vivências. Devido ao clima inconstante de Peniche, o turista que ali se desloca pelo motivo de sol e mar, acaba por procurar outras experiências (mergulho, visita às Berlengas, costa de Peniche).*

Pergunta n.º8: *Sim é promovido, mas por entidades exteriores que desenvolvem campanhas a nível nacional/internacional que são aproveitadas como forma de promoção pelas entidades locais. A nível local, não existe promoção suficiente e a que existe não chega onde devia. Por exemplo, quando existem actividades, a promoção é efectuada junto à população local e não chega a outros. A promoção efectuada é muito focalizada num produto, nomeadamente cultural.*

Anexo H

Entrevista à Professora Dulcineia Ramos da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *A sustentabilidade do território deve ser analisada a três níveis: ambiental, económico e social.*

Em termos ambientais, para além de alguns “cheiros”, Peniche não tem grandes problemas ambientais, até porque o património natural é um potenciador deste destino turístico.

Em termos económicos, o próprio património natural dá trabalho a muitas pessoas em Peniche, nomeadamente na área do turismo, da pesca, da conserveira, dos moldes, está tudo interligado.

A nível social, todo o património natural faz com que as pessoas de Peniche tenham um modo muito próprio de viver, muito insular. A autenticidade das gentes de Peniche é um factor relevante que deve ser aproveitado. Contudo e de um modo geral, para que possa haver um caminho para o desenvolvimento sustentável, tem de haver um método e uma sistematização. Tem de existir um equilíbrio muito grande, o que acaba por ser um pouco “utópico”, no entanto, existem indicadores e medidas que são possíveis de aplicar para que tudo caminhe nesse sentido, para que as coisas não sejam tão dispares umas das outras. Os projectos como a “Magna Carta” que nos indicam possíveis cenários, não têm qualquer monitorização. Neste momento deveria existir um planeamento estratégico, uma linha condutora para verificar se estamos a ir de encontro à sustentabilidade.

Pergunta n.º2: *Sim, conheço as praias, as falésias, o tómbolo de Peniche.*

Pergunta n.º3: *No meu entender o património natural tem influência na escolha do destino Peniche, estando sempre este associado a alguns eventos mais enigmáticos como a Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem com as suas características intrínsecas, especiais e únicas que nos remete para a autenticidade, pois o ponto principal é a procissão nocturna onde a Santa padroeira é transportada numa embarcação. Esta Santa tem uma forte ligação ao mar e às suas tradições, nomeadamente na pesca, sendo padroeira dos pescadores. No caso do RIP CURL PRO é evidente a sua ligação ao património natural, sendo um evento de destaque que lançou o nome de Peniche a nível internacional. Relativamente à Mostra Internacional de Renda de Bilros, também está interligada, pois o modo de laborar e o porque do surgimento das rendas está associado ao mar e às suas tradições, sendo uma complementaridade ao*

ofício das pescas. A corrida das fogueiras, desenvolveu-se pelo facto de existir uma península, simplesmente associaram-se as fogueiras por inicialmente não existir iluminação eléctrica e visto a corrida ser efectuada de noite, faziam-se fogueiras para iluminar o caminho. Assim sendo, tanto os participantes como os visitantes ficavam a conhecer por exemplo, as falésias, situação que ainda hoje se mantém. O património natural tem uma posição importante na procura turística em todos os níveis, pois mesmo antes de surgirem eventos de grande destaque, Peniche já era conhecida pelas suas belas praias e pelas Berlengas.

Pergunta n.º4: *Não. Sendo a maioria do património natural visitado sem quaisquer custos para o turista, deveriam existir actividades associadas ao mesmo, aproveitando o seu potencial. A Câmara Municipal desenvolve actividades como visitas guiadas e percursos pedestres durante a época alta, no entanto não são suficientes.*

Pergunta n.º5: *Poderiam criar-se pacotes que envolvessem a utilização de vários produtos, por exemplo, um dia de pesca combinado com uma refeição num restaurante local em que o turista cozinhasse a própria pescaria. Outro exemplo seria com as espécies endémicas existentes nas Berlengas, poderia desenvolver-se a actividade de Birdwatching acompanhado por um biólogo. Outra ideia seria criar concursos de fotografia, envolvendo o património natural, em que o prémio vencedor seria, por exemplo, 25% de desconto num restaurante local. Resumindo, deveriam criar-se produtos alternativos, vinculados também à promoção, pois hoje em dia os turistas já não querem apenas ver mas viver experiências.*

Pergunta n.º6: *Não existe propriamente uma transferência, apenas o turista de sol e mar evoluiu, ou seja, não procura só a praia ou o surf. Na sua deslocação a Peniche não passa sem visitar pelo menos a tão conhecida costa e as suas arribas.*

Sendo o clima um pouco inconstante, quando não é agradável ir à praia, as pessoas tentam arranjar outras formas de preencher o seu tempo.

Aproveitando os turistas que estão a usufruir da praia, deveria disponibilizar-se informação turística sobre o património natural em diversos apoios localizados em pontos estratégicos ao longo da praia.

Pergunta n.º7: *Penso que a promoção existente não é suficiente. Os canais de promoção não são os mais adequados. Actualmente, sendo a internet um dos meios de comunicação mais utilizados para a promoção, as autarquias tendem a promover deste modo os seus eventos. Facilmente, se consultarmos o site do Município, quais os locais a visitar. No entanto, acho*

que é necessário criar formas criativas de promover e aproveitar eventos que tenham abrangência internacional, por exemplo, o RIP CURL PRO, que permitam dar a conhecer o património através da elaboração de actividades que englobem os participantes e visitantes nos dias ou horas que não existam provas. Esta é uma forma de também fidelizarmos o nosso turista, que se deslocou a Peniche para efectivamente ver a prova de surf, mas como gostaram do património natural que viram, poderão ter a intenção de regressar e/ou recomendar a visita aos amigos e familiares.

Anexo I

Entrevista ao Professor António Sérgio Almeida da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Exactamente na medida em que proporcionar o envolvimento da comunidade local, sendo determinante apurar mecanismos que provoquem o referido envolvimento.*

Pergunta n.º2: *Sim... o Mar e tudo o que lhe é inerente... a praia, o peixe, as caldeiradas... a Berlenga! O incontornável Surf! Por outro lado, a História e a Cultura... a fortaleza de Peniche e o significado em torno da prisão e fuga de Álvaro Cunhal... as Rendas de Bilros...*

Pergunta n.º3: *Sim... o Património Natural é uma espécie de “patine” do espectro turístico... e tende a ser determinante no Imaginário Turístico Colectivo. Muitas vezes o seu aproveitamento fica aquém do seu potencial, mercê da falta de sensibilidade dos agentes turísticos, por um lado, e em função do próprio anonimato em que está mergulhado por outro.*

Pergunta n.º4: *Esse aproveitamento pode e deve ser alvo de uma atenção acrescida, dado que o Património Natural é fundamental para intensificar a própria Experiência Turística.*

Pergunta n.º5: *Esta resposta suscita uma investigação prévia, mas seguramente serão produtos que suscitem uma apropriação simbólica da realidade por parte da população autóctone. A Assumpção Identitária é fundamental para proporcionar uma convergência entre a Cultura e a Comunidade, requisito essencial, entre outros, para equacionar um produto turístico sustentável.*

Pergunta n.º6: *Estão profundamente relacionados entre si numa lógica de Oferta Turística integrada, sendo natural que assim seja.*

Pergunta n.º7: *Julgo que tem vindo a ser desenvolvido um esforço promocional. A promoção não é contudo uma realidade hermética, devendo ser alvo de aferições constantes e permanentes.*

Anexo J

Entrevista ao Professor João Paulo Jorge da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Pela própria definição de sustentabilidade, o ambiente natural é um dos três pilares do conceito, por essa razão não poderá haver sustentabilidade sem uma política séria no que respeita ao ambiente.*

Pergunta n.º2: *O património natural existente no município de Peniche é vasto e diverso. Naturalmente destaca-se o Arquipélago das Berlengas, as praias (nomeadamente Baleal e Supertubos), as ondas (Supertubos, Lagido, Pico da Mota), Cabo Carvoeiro, falésias calcárias, Ponta do Trovão (Papoa).*

Pergunta n.º3: *Neste momento penso que apenas em relação ao turismo de surf e Reserva Natural das Berlengas o património natural terá uma influência decisiva na procura turística desde o nível regional ao internacional. Quanto ao restante património natural será importante sobretudo ao nível regional e, em alguns casos nacional.*

Pergunta n.º4: *Com exceção do turismo de surf com grande dinâmica de crescimento, os outros mercados ainda não alcançaram a posição que o seu potencial permite.*

Pergunta n.º5: *Sobretudo:*

- *turismo relacionado com a náutica de recreio*
- *turismo desportivo relacionado com a prática de desportos da onda*
- *turismo científico (Reserva Natural da Berlenga e património geológico)*

Pergunta n.º6: *Sim, mas de um modo ainda pouco significativo*

Pergunta n.º7: *Sim o património é promovido e no que diz respeito à onda essa promoção tem sido intensa e eficaz. Já no que diz respeito a outro património penso que se poderia fazer muito mais.*

Anexo L

Entrevista à Professora Sílvia Gonçalves da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Embora não entenda muito bem a questão colocada, julgo que o respondo na questão número quatro poderá responder em parte também a esta questão.*

Pergunta n.º2: *Sim, como cidadã residente em Peniche conheço o seu património natural. Conheço todas as suas praias e costa envolvente, bem como o arquipélago das Berlengas.*

Pergunta n.º3: *Julgo que, pelo seu enquadramento paisagístico e pelo potencial do mesmo, o património natural de Peniche terá algum peso na escolha do destino turístico Peniche. Um dos aspectos onde me parece que esta influência será mais evidente é na sinergia entre as actividades e eventos ligados ao surf (e outras actividades desportivas relacionadas) e a procura turística nacional e internacional.*

Pergunta n.º4: *Sim. Embora compreenda a necessidade de fornecer ao turista novas experiências e novas sensações, essa necessidade não deverá, nem poderá, ser sobreposta à necessidade de utilizar racionalmente, e de forma integrada, os recursos naturais, evitando a sua sobre-exploração e deterioração. Só desta forma será possível promover a sustentabilidade dos recursos naturais para as gerações futuras.*

Pergunta n.º5: *Não sei.*

Pergunta n.º6: *Não sendo o Turismo a minha área de formação, julgo que num destino turístico como Peniche, em que a envolvente natural é do tipo costeiro e a riqueza em praias arenosas é extremamente relevante, o Turismo de Sol e Mar não faz para mim sentido sem recurso ao património natural desta região. Como tal, este sector do Turismo, na minha opinião, não pode ser dissociado dos recursos naturais visto que está fortemente dependente destes.*

Pergunta n.º7: *Sim, é suficiente e adequada. Deverá ser feita sempre de forma moderada, para que a procura seja também ela moderada e o valor ecológico dos recursos naturais preservado.*

Anexo M

Entrevista ao Professor Paulo Almeida, Subdirector da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *O património pode trazer pessoas e receitas ajudando assim ao desenvolvimento social e económico da região, logo um bem-estar perante o turismo.*

Pergunta n.º2: *Não conheço muito bem e arrisco a dizer apenas Berlengas.*

Pergunta n.º3: *Acho que o património natural, no caso Berlengas, tem um papel preponderante na vinda de turistas, nomeadamente no Verão, essencialmente turistas /visitantes nacionais.*

Pergunta n.º4: *Considero que não, tem muita potencialidade e pode oferecer muitas outras actividades, que não só a observação, que podem potenciar a procura e assim aumentar o número e o tipo de visitantes.*

Pergunta n.º5: *Os produtos que considero essenciais para desenvolver a oferta turística são essencialmente produtos de animação turística e não é necessário criar mais, basta adaptar e desenvolver os já existentes, como o património local, o mar, as falésias existentes e a gastronomia.*

Pergunta n.º6: *Não, devia era existir uma estreita ligação entre a oferta de sol e mar e oferta de património, com programas específicos e complementares.*

Pergunta n.º7: *O património tem poucas estratégias de promoção associadas e por vezes esta promoção acontece naturalmente e com algum sucesso relativo. No caso de haver estratégias de promoção adequadas e direccionadas poderíamos obter resultados muito mais favoráveis e com os públicos que nos interessavam.*

Anexo N

Entrevista ao Professor João Vasconcelos da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Toda, mas penso que as agendas não devem estar separadas... isso não espelha a realidade da região.*

A arqueologia submarina não deve estar separada do mergulho de recreio. A história e cultura popular não deve estar “desterritorializada”. A gastronomia deve ser apresentada como resultado das condições naturais e culturais da região... Tudo o que tente traduzir a complexidade de fenómenos da região (tanto do ponto de vista cultural como natural) é visto por mim como uma mais-valia e uma maior aproximação ao autêntico. Neste sentido, o que faz mais sentido para mim é a igual importância destas “agendas”.

Pergunta n.º2: *Tenho um conhecimento pouco aprofundado do património geológico e geomorfológico da região, assim como de alguns aspectos da fauna, nomeadamente das aves. Dentro destes realço a paisagem de lapiás, as grutas, os pináculos e as Berlengas em geral. Realço também o sistema dunar e a qualidade das praias.*

No que concerne a fauna, não consigo realçar nenhuma espécie em particular, para além das gaivotas, graças e cagarras, embora lhes atribua um grande valor ambiental.

Pergunta n.º3: *O património natural de Peniche dificilmente se dissocia do destino Peniche. Mesmo nos casos em que não é a componente natural que motiva a deslocação (o que sucede em alguns dos exemplos que deu), directa, ou indirectamente a componente natural de Peniche está presente na identidade do local.*

Sim. Repare-se que a excentricidade de Peniche, a presença dos elementos naturais na paisagem e a base laboral associada aos recursos primários (tais como a pesca) marcam profundamente a imagem deste local. Neste sentido, mesmo quando não são o elemento que justifica a deslocação, são o elemento que estrutura a imagem do destino e que configuram a identidade do destino.

Pergunta n.º4: *Do meu ponto de vista, em Portugal temos tido a “sorte” de o nosso principal produto turístico continuar a ser atractivo mundialmente. O Sol & Mar mantém-se no topo das preferências dos turistas que visitam Portugal e isso tem, de alguma forma, vindo a protelar a nossa aposta noutros tipos de turismo. Convém também reconhecer que muito se fez para que a oferta turística seja mais diversificada e melhor aproveitada. Mesmo dentro do*

produto Sol & Mar tem havido esforços de manter o património natural preservado e melhor explorado (veja-se o exemplo dos requisitos para ter bandeira azul) ... claro que exemplos negativos também existem...

No entanto o património natural é muito mais do que praias...

Com isto quero dizer que entendo o atraso na aposta mais “afirmativa” do turismo com base noutros recursos naturais, mas também acho que o caminho é só um... não há alternativa e a nossa oferta começa a perceber que há muito a fazer para evitar sobre explorar os recursos naturais, mas, também para evitar a sua subexploração.

Pergunta n.º5: *Marcar a diferença no caso de Peniche significa oferecer produtos não generalizados, mas antes desenhados para o cliente e mais próximos da experiência do autêntico.*

Mesmo dentro dos exemplos que refere, estou profundamente convencido que a oferta de experiências singulares e de contacto com os locais marcarão a diferença. Alguns dos exemplos que relacionam a oferta turística com o património natural mais me interessam de momento, em Peniche, têm a ver com as caminhadas e a respetiva interpretação da paisagem (trilhos interpretativos). Tem também a ver com a capacidade de traduzir o mosaico natural ao turista, tais como a relação complexa entre o enquadramento geológico e a vida na região. A explicação para a temperatura da água e a qualidade do pescado, entre outros...

Pergunta n.º6: *Não. Considero que o turista complementa os diferentes produtos no mesmo dia (a sua classificação é, assim difícil). Acho que ao classificar apenas de turista sol e mar corre-se o risco de não captar o fenómeno. Note-se que provavelmente o mesmo turista em Peniche poderia ir a um museu ou ver a lota durante a manhã (por estar nevoeiro, por estar frio ou por outra razão qualquer) e ir à praia da parte da tarde.... Pode perfeitamente visitar as berlengas num dia e visitar uma igreja noutra...*

De facto a aposta mais inteligente passa pelo complemento da oferta... aqui sim, os produtos de nicho podem desempenhar um papel muito importante.

Pergunta n.º7: *Acho que sim.*

Embora não seja ainda explorado nas suas valências (há muitos segmentos que ainda estão subexplorados) considero que a presença do património natural faz parte da imagem de Peniche. Note-se que as Berlengas ajudam a que assim seja, e mesmo o surf pode contribuir para que a imagem de Peniche seja sempre “vendida” com base nos seus recursos básicos, dos quais a paisagem marítima e mar são o seu expoente máximo.

Se é suficiente.... Esta é a pergunta difícil...

Talvez seja suficiente, pois a promoção do destino não deve ser “excessiva”... sem estar totalmente certo, talvez seja importante manter a promoção através dos elementos mais marcantes (aqui entra o mar e a paisagem) e depois que estes sejam complementados por uma série de produtos, como seja o geoturismo, a observação de aves, entre outros.

Anexo O

Entrevista à Professora Teresa Mouga, Directora da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Este património natural permite diminuir a sazonalidade, porque nós temos eventos que trazem muita gente, mas temos de ter uma oferta contínua e essa oferta pode estar aqui, no património natural, isto porque, quando não forma de ir pró mar devido às nossas condições climáticas ou quando não há o campeonato do mundo de surf, podemos ter circuitos de costa para as pessoas explorarem e da mesma forma aprenderem. Temos de ter essas alternativas.*

Pergunta n.º2: *Sim conheço, nomeadamente as Berlengas, a zona costeira e as Dunas.*

Pergunta n.º3: *Penso que o património natural infelizmente tem tido pouco impacto na escolha do destino. O único que já tem algum impacto e algum nome é a Berlenga e a parte subaquática. Conheço muitas pessoas que praticam mergulho e que já conhecem a Berlenga como destino muito interessante do ponto de vista da biodiversidade. O único problema é a temperatura da água que é bastante mais fria e portanto menos apelativa, mas para quem gosta de fazer mergulho, é um destino muito apetecível. Tudo o resto parece-me que passa completamente despercebido.*

Pergunta n.º4: *Não tem tido o conveniente aproveitamento. Penso que “nós” não o mostramos, e a escola tem essa responsabilidade porque tem os técnicos necessários para realizar a documentação necessária com a Câmara Municipal de Peniche, ou seja, existir uma parceria entre as duas. É preciso dar a conhecer o nosso património. Primeiro deveria produzir-se conhecimento através da investigação e depois partir para a exploração, pois existe património muitíssimo interessante para ser explorado e que nós deixamos passar, porque nos habituámos ao sol e praia. Sendo este tipo de turismo sazonal, a exploração do património natural para fins turísticos seria interessante.*

Pergunta n.º5: *Penso que existem dois produtos fundamentais, um é a gastronomia que deveria ser bem explorada. Ainda à pouco tempo realizamos aqui na escola uma mostra gastronómica para lotas com os alunos de restauração e catering. O produto principal era a “Cavala”, que é um peixe de baixo valor comercial, e foram confeccionados cerca de 10 pratos diferentes, desde sushi, francesinhas, saladas entre outros. É isto que deveria ser feito, temos uma gastronomia muito boa mas depois somos pouco imaginativos e usamos sempre os*

mesmos ingredientes. A nossa restauração é muito tradicional, ou é caldeirada ou grelhados e nós podemos fazer muito mais acrescentando valor à mesma.

Outro produto muito engraçado seria colocar turistas a experimentar um dia na faina. O turista ficaria com uma experiência inesquecível, fazendo pesca artesanal a bordo de uma traineira e assim mantinha contacto com esta tradição genuína de viver o mar como fazem os pescadores.

Outro produto a criar seria o “walewatching”, pois existem golfinhos e até baleias para ver nesta costa. É necessário saber onde eles estão e os pescadores sabem-no. É mais fácil de ver golfinhos porque se aproximam mais, mas as baleias também já se mostram, o que comprova, felizmente, que as nossas águas têm boas condições para a sobrevivência destas espécies.

Pergunta n.º6: *Sim, penso que mesmo sendo pouco, já existe esta tendência, por exemplo, em relação ao mergulho já existem muitas pessoas que conhecem as empresas de mergulho e as marítimo-turísticas que fazem este tipo de trabalho. São pessoas que não vêm pela nossa praia. Deveríamos explorar melhor este nicho de mercado.*

Pergunta n.º7: *Como sempre insuficiente.*

Existe alguma coisa, tenho consciência que a Câmara Municipal tem feito um esforço grande nos últimos anos para que não haja só o sol e praia e penso que tem vindo a conseguir fazê-lo com o campeonato do mundo de surf. É uma belíssima oportunidade de termos outra forma de ver Peniche. O público, o tipo de pessoas que se deslocam a Peniche para ver o evento, é um turista completamente diferente, mais jovem, mais bem vestido, com mais capacidade financeira, mais culto, são pessoas que não sujaram a praia, e isto é o que temos de aproveitar. Se tivermos uma oferta turística diferente, podemos atrair outro tipo de pessoas que não só gastam mais como, estraga menos, ou seja, tem menos impactos negativos e mais impactos positivos.

Penso que Peniche está no bom caminho mas tem muitíssimo trabalho pela frente.

Anexo P

Entrevista ao Professor João Costa da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Acho que o que possuímos em termos naturais, tem potencial para a sustentabilidade, no entanto, requer um trabalho muito mais afincado para que se torne possível, criando condições, mas ainda existe muito para fazer. Por exemplo, os eventos que se realizam são muito centralizados e não envolvem a comunidade local, ou seja, em termos estratégicos, deveriam criar-se mecanismo para que os visitantes tivessem que circular por Peniche, o que os “obrigaria” a consumir os produtos locais.*

Pergunta n.º2: *Sim conheço. O que mais se destaca são a Ilha das Berlengas, as praias, a península da Papôa e o Cabo Carvoeiro.*

Pergunta n.º3: *Cada evento tem características muito próprias e que atraem públicos distintos e a atracção para o nosso património natural divergem consoante o tipo de pessoas que nos vêm visitar.*

Relacionando os eventos com o património natural, a Festa de Nossa Senhora da Boa Viagem envolve muitas pessoas que conhecem todo o calendário das festas e que definem o seu período de férias enquadrado nesta data, mas o seu principal motivo de deslocação são as praias.

Na etapa do campeonato do mundo de surf, no meu ponto de vista como natural de Peniche, as pessoas deslocam-se a Peniche com o motivo de desfrutar da praia em questão, a Supertubos. Têm a oportunidade de desfrutar da onda e depois aproveitar para ver os melhores atletas do mundo na modalidade de surf.

A Mostra de Renda de Bilros, não acompanho tanto mas creio que existe uma diversidade de público que associa vários produtos, ou seja, as rendas, o património cultural, a gastronomia e mesmo o património natural.

A corrida das fogueiras que também se realiza na época alta, as pessoas conjugam o gosto pelo desporto, aproveitando o fim-de-semana para uma ida até às praias, consumir a nossa gastronomia e fazer uma visita às Berlengas.

De uma forma geral, o turista quando se desloca a Peniche acaba por usufruir de vários atractivos, seja a praia, ou quando não está bom tempo concilia-se com uma ida às Berlengas, acabando por conhecer um pouco melhor o nosso património natural.

O património que mais influência tem a nível internacional é a praia de Supertubos. Mesmo antes do campeonato do mundo de surf a praia já era bastante conhecida, pois desde miúdo que me recordo ver muita gente de várias partes do mundo ali concentradas. Ao mesmo nível, considero que também se encontra a ilha das Berlengas, nomeadamente para fazer mergulho.

Pergunta n.º4: *Penso que não se tem trabalhado da melhor forma para aproveitar os nossos recursos naturais enquanto vertente turística, no entanto, eles por si só têm desempenhado essa função, ou seja, a ilha das Berlengas, algumas praias, por si só, atraem. Mas penso que há muito mais para fazer para dar mais realce ao nosso património natural.*

Pergunta n.º5: *Claramente. Deveria desenvolver-se a nossa gastronomia porque é um ponto forte, por outro lado, em relação aos recursos naturais, para poder desenvolver uma oferta turística, deveria oferecer-se um conjunto de condições disponíveis nas redondezas destes recursos e refiro-me a algumas praias que, mesmo atraindo muitas pessoas, não têm infra-estruturas suficientes. Se queremos dar uma boa imagem de Peniche, temos de ter infra-estruturas suficientes a funcionar fora da época balnear, o que não acontece. Outro aspecto, seria fazer a manutenção dos recursos anualmente para manter a sua preservação.*

Pergunta n.º6: *Sim. A procura hoje em dia não se focaliza só no sol e mar, pois Peniche tem um micro clima que faz com que durante o período de férias de um turista, haja necessidade de procurar alternativas à praia, o que acaba por coincidir com o nosso património natural.*

Pergunta n.º7: *Sim, tem-se trabalhado para isso, mas ainda não consigo visualizar uma estratégia focada no nosso património natural. As coisas vão acontecendo mas não focalizam apenas o património natural. Falta-nos criar uma imagem ligada ao património natural para desta forma desenvolver a motivação para nos visitar.*

Anexo Q

Entrevista ao Professor João Correia da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Muita importância! O mercado “Natureza” está em franca expansão no mundo inteiro.*

Pergunta n.º2: *Julgo que sim. Berlenga, mil e uma praias fantásticas (Capital da Onda) com respectivas dunas, “Furna que sopra”, etc.*

Pergunta n.º3: *Julgo que Peniche se tem destacado pelo surf, ondas, sol, praia, etc.*

Pergunta n.º4: *Penso que as campanhas desenvolvidas têm ido na direcção certa mas pode-se sempre fazer mais, nomeadamente divulgação no estrangeiro.*

Pergunta n.º5: *Birdwatching, particularmente na Berlenga e zonas circundantes, por exemplo.*

Mergulho na Berlenga e ilhas associadas.

Passeios nas poças de maré para crianças da região.

Passeios na natureza para turistas (de barco e a pé).

Pergunta n.º6: *Não creio que se possa dizer que há uma “transferência” mas sem dúvida que o turismo que busca património natural está a aumentar, não necessariamente em detrimento do turista de sol. São dois nichos de mercado que se entrecruzam bastante e o turismo de património natural está definitivamente a crescer bastante, mas não necessariamente a “roubar cliente” ao turismo de sol.*

Pergunta n.º 7: *O turismo de património tem tido pouca promoção e sem dúvida que beneficiará se tiver mais.*

Anexo R

Entrevista ao Professor Sérgio Leandro da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Terá uma importância bastante significativa, pois representará uma mais-valia ao nível do aproveitamento dos seus recursos endógenos. A sustentabilidade do território pode e deve ser alcançada tirando partido de aspectos que possam gerar atractividade, que sejam diferenciadores e não replicáveis em territórios vizinhos.*

Pergunta n.º2: *O património natural de Peniche é extremamente rico e variado, abrangendo ecossistemas marinhos como é o caso da Reserva da Biosfera das Berlengas e do litoral do concelho de Peniche, e ecossistemas terrestres como o caso do planalto das Cezaredas.*

Pergunta n.º3: *Julgo que o património natural tem uma influência bastante positiva e que complementa a atractividade gerada por eventos desportivos e culturais. O que distingue Peniche de outros territórios é a sua beleza natural, fortemente vincada por uma estreita ligação ao Mar, o que se assume como uma vantagem competitiva em termos nacionais e internacionais.*

Pergunta n.º4: *Partilho da opinião que não tem sido devidamente capitalizado este potencial. Salvo algumas excepções como é o caso do mergulho subaquático, existem oportunidades que devidamente exploradas teriam um forte impacto ao nível do turismo local e regional.*

Pergunta n.º5: *Passeios marítimos pelo litoral, visitas e percursos pedestres ao longo das zonas costeiras, circuitos interpretativos do património natural, sensibilização e educação ambiental, birdwatching, entre outros...*

Pergunta n.º6: *Não diria transferência, mas sim um crescente do número de turistas que procuram o património natural. Um exemplo concreto é um aumento das actividades relacionadas com o mergulho subaquático.*

Pergunta n.º7: *Julgo que tem sido devidamente promovidos os aspectos do património natural que nos distinguem claramente na região em que nos inserimos e no contexto nacional. Refiro-me em concreto à Reserva da Biosfera das Berlengas, cuja promoção nacional tem sido acompanhada por um esforço notório ao nível do desenvolvimento sustentável de tão importante território.*

Anexo S

Entrevista ao Dr. António José Correia, Presidente da Câmara Municipal de Peniche

Pergunta n.º1: *A diversificação de actividades e produtos turísticos baseados nas características e nos recursos endógenos naturais e culturais de um território são fundamentais para o reforço da economia local, para a qualificação e para a sustentabilidade desse mesmo território. O Património Natural de Peniche representa por isso uma oportunidade para o desenvolvimento do turismo, para a preservação ambiental e para a saúde da economia do concelho.*

Pergunta n.º2: *Considero Património Natural do concelho de Peniche, todo aquele que é reconhecido e protegido, assim como todo a aquele que, não estando sujeito a nenhum regime de protecção, apresenta características singulares do ponto de vista ambiental e paisagístico.*

Assim, destaco o arquipélago das Berlengas enquanto Reserva Natural criada pelo Decreto-Lei 264/81 de 3 de Setembro e Reserva Marinha criada através do Decreto-Lei 293/89 de 2 de Setembro, pela singularidade dos valores biológicos em presença, assim como pela sua riqueza paisagística. Este arquipélago foi também recentemente reconhecido como Reserva Mundial da Biosfera, pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), galardão que abrange ainda a Península de Peniche e o corredor marítimo entre a Berlenga e Peniche.

Por outro lado, existem no concelho de Peniche várias Zonas de Protecção Especial, no âmbito da Rede Natura 2000 que é uma rede ecológica para o espaço Comunitário da União Europeia resultante da aplicação das Directivas n.º 79/409/CEE (Directiva Aves) e n.º 92/43/CEE (Directiva Habitats) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. No âmbito da rede Natura 2000, Peniche encontra-se abrangido por 2 Sítios de Importância Comunitária (uma no Arquipélago da Berlenga PTCON0006, com 95,77 ha e outra ao longo de toda a costa do concelho, integrada no PTCON0056 Peniche/Santa Cruz) e 1 Zona de Protecção Especial (PTZPE0009 – Ilhas Berlengas).

Ainda no capítulo do Património Natural protegido, destaco as 133 árvores classificadas como de Interesse Público (Decreto-Lei n.º 28 468, de 15 de Fevereiro de 1938, e do Decreto Regulamentar n.º 11/97, de 30 de Abril) existentes no concelho, reconhecidas através do

Aviso n.º 9574/2000 de 12 de Junho. Destaco ainda o Geomonumento da Ponta do Trovão, reconhecido como Imóvel de Interesse Público através de deliberação aprovada na Câmara de 18.09.2007 e na Assembleia Municipal de 14.12.2007, devido ao facto de ser unanimemente considerado pela comunidade científica internacional como possuindo o melhor registo a nível mundial da transição entre os intervalos de tempo Pliensbaquiano-Toarciano (andares do Jurássico). Por fim, não tendo todas a mesma importância em termos ambientais, não posso deixar de referir todas as áreas integradas na Reserva Ecológica Nacional.

De entre o Património Natural não classificado, destaco a importância de toda a costa rochosa do concelho pela sua importância geológica e pelo enquadramento paisagístico e monumental das suas formações singulares, a Brecha Vulcânica da Papôa, as praias de areia branca e fina e os respectivos cordões dunares, estes últimos integrados na Reserva Ecológica Nacional, o Planalto das Cesaredas pela sua riqueza ambiental e geológica, pelas suas grutas e pela sua importância na recarga dos aquíferos subterrâneos, característicos deste tipo de formações e paisagens cársicas.

Realço ainda o Pinhal do Vale Grande, uma vez que se trata da maior mancha florestal contínua do concelho, as ondas e os demais recursos marinhos de Peniche, a Albufeira do Rio de S. Domingos e o respectivo manancial de água doce, essencial ao abastecimento das populações locais e com capacidade para a prática de um vasto número de actividades lúdicas.

Pergunta n.º3: *Embora seja cada vez mais uma actividade realizada ao longo de todo o ano, o turismo continua a ter uma importância fulcral durante os meses de verão. É no verão que a maioria dos trabalhadores goza os períodos mais prolongados férias, é no verão que se realizam mais actividades, eventos, festas e romarias. Peniche não é excepção, somando-se aos numerosos turistas que demandam Peniche devido às actividades e eventos que ocorrem no verão, aqueles que se deslocam devido às excelentes condições naturais que o concelho oferece para o turismo de sol e mar. Considero, portanto, que os eventos e o Património Natural do concelho, designadamente as suas praias, contribuem decisivamente para a escolha de Peniche como destino de férias de turistas nacionais e estrangeiros.*

Pergunta n.º4: *Não. De facto, embora essa tendência seja crescente, actualmente a divulgação e aproveitamento do nosso Património Natural ainda se encontram aquém do que seria desejável e do que já acontece noutros destinos turísticos. Considero que na pesca*

lúdica e actividades marítimo-turísticas, mergulho e desportos de deslize já se verifica um desenvolvimento considerável mas continua a existir um conjunto muito vasto de oportunidades por explorar em matéria de turismo activo ligado ao Património Natural, desenvolvido de forma sustentável e intimamente comprometido com a preservação dos recursos.

Pergunta n.º5: *Na sequência da resposta anterior, penso que as actividades ligadas à pesca lúdica e actividades marítimo-turísticas, mergulho e desportos de deslize apresentam todas as condições para a médio prazo virem a registar um desenvolvimento importante, não em número de empresas, mas em maturidade, especialização e qualificação da oferta já existente. Quanto a todos os outros, uma vez que muito existe ainda por fazer, os produtos a criar e as oportunidades a desenvolver são muitas e variadas.*

Pergunta n.º6: *Em primeiro lugar considero que o turismo de sol e mar é também uma forma de procura do património natural, embora muitas vezes pouco qualificada porque não tem grandes serviços e actividades associados, não acrescenta valor. Por outro lado isso pode ser uma vantagem, porque torna o turismo de sol e mar muito vantajoso em termos de custos para quem o procura. Existe uma certa tendência geral, que talvez tenha vindo a diminuir nos últimos 3 anos devido à crise, para a procura de actividades turísticas mais complexas e alternativas ao sol e mar, embora acredite que não exista uma substituição pura mas mais uma complementaridade entre estes dois tipos de procura.*

Pergunta n.º7: *A promoção e divulgação nunca são suficientes, embora quando se trata de divulgar e promover um território e o seu património tenha que existir alguma cautela, pelo menos quanto aos objectivos, à forma, aos destinatários e aos resultados dessa divulgação e promoção. A promoção e divulgação do Património Natural devem ter em conta factores como o público-alvo com características e comportamentos compatíveis com a sua preservação, assim como a dimensão da divulgação de modo a não por em causa a sustentabilidade devido ao não cumprimento da capacidade de carga efectiva desse património.*

Anexo T

Entrevista à Professora Maria José Rodrigues, Docente da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Não considero que Peniche tenha uma agenda cultural diversificada. Acho que a agenda cultural é pobre e mal promovida. Até mesmo o campeonato mundial de surf atraiu a Peniche pouco turista nacional e internacional no ano passado.*

Pergunta n.º2: *Conheço as belíssimas praias, o cabo Carvoeiro e as suas peculiares formações rochosas, as grutas com fósseis, a zona vulcânica da Papoa, etc. Conheço alguma história e algumas lendas (que são muito peculiares e interessantes).*

Pergunta n.º3: *O património natural principalmente as belíssimas praias são determinantes na atracção turística nacional e internacional.*

Pergunta n.º4: *Não. Contudo, penso que a gestão turística deverá ser pensada com um cuidado particular de forma a não cometer os mesmos erros do Algarve. Deverá evitar-se o excesso de construção que, a acontecer, irá prejudicar as actividades de surf, kite, mergulho, etc.*

Pergunta n.º5: *Os produtos a criar deverão estar vocacionados sobretudo para a época baixa.*

Á semelhança de Óbidos, utilizar a história e lenda para recriar a época medieval recheada de histórias verídicas de piratas (p. ex Sir Francis Drake andou por Peniche), de afundamentos de navios, reis e príncipes que por Peniche e Atouguia da Baleia passearam. Os grupos de teatro podem desempenhar um papel importantíssimo de forma a criar um evento que atraia os turistas nacionais (e quiçá os internacionais) a Peniche.

Criar um concurso de varandas floridas na Primavera.

Criação de percursos pedestres com informação sobre questões pertinentes da geografia, geologia, biologia, história e lendas de Peniche.

Embelezamento da cidade com painéis desenhados (em fachadas de casas, muros, etc) gratuitamente pelos alunos de Belas-Artes, sobre a história, lenda, geografia, geologia, biologia, etc da cidade de Peniche.

O prof. Mariano Calado (residente em Peniche) escreveu inúmeros livros que abordam pormenores da história local e pode ser uma excelente fonte de informação.

Pergunta n.º6: *Não. Atendendo a que não existe promoção do património natural de Peniche, o turista nacional que Peniche atrai é sobretudo o turista de sol e mar no final de Julho e princípio de Agosto.*

Pergunta n.º7: *Acho que a promoção é insuficiente.*

Anexo U

Entrevista ao Professor Luís Almeida, Docente da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *O foco no património natural, com a identificação das suas necessidades de gestão ambiental, poderão ser aspectos importantes para a sustentabilidade do território.*

Pergunta n.º2: *Sim: Conheço: - a Berlenga, - o Mar, - as Praias, - a Paisagem marítima, - as Características geológicas da costa norte.*

Pergunta n.º3: *Com os eventos só vejo relação com o campeonato de surf e incide no património praias e mar.*

Considero muito relevantes alguns aspectos do património natural na escolha do destino turístico Peniche, concretamente o mar, as praias e a Berlenga.

Pergunta n.º4: *A componente surf – sim. Nas restantes componentes – não. A vivência ambiental deveria ser mais planeada e desenvolvida.*

Pergunta n.º5: *Poderiam desenvolver-se produtos como:*

- Desportos náuticos de mar e de praia*
- Vivência ambiental marítima*
- Praia de saúde e bem-estar.*

Pergunta n.º6: *Não na procura passiva do património natural. Mas sim, na procura do património natural para o desenvolvimento de actividades concretas. Penso que a transferência está relacionada com uma atitude mais activa da experiência turística. O “sol e mar” deverá ser vivenciado com actividade.*

Pergunta n.º7: *Sim, mas pouco e de forma pouco consistente. A promoção deverá estar relacionada com a actividade e sustentabilidade.*

Anexo V

Entrevista à Professora Verónica Oliveira, Docente da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar de Peniche

Pergunta n.º1: *Tendo em consideração que a sustentabilidade é composta por 3 pilares fundamentais: social, económico e ambiental, penso que o património natural é fundamental para este concelho, pois muitas das vezes é o motivo principal de atracção turística. Neste caso, poderá ser aproveitado de modo a promover o crescimento económico (gerando receitas), a equidade social (criando emprego, proporcionando melhor qualidade de vida à população local), contudo é muito importante não esquecer que este deve ser explorado de forma regrada, promovendo a sua preservação.*

Pergunta n.º2: *Ao nível do património natural de Peniche conheço: - Praias; - Ilha da Berlenga; - Gruta da Furninha; - Papôa; - Cabo Carvoeiro.*

Pergunta n.º3: *Penso que o património natural que terá maior peso na escolha de Peniche como destino turístico poderá ser a ilha da Berlenga, assim como as praias. Considero que estes dois exemplos poderão ter uma posição importante na procura turística regional e nacional, contudo parece-me pouco relevante a nível internacional.*

Pergunta n.º4: *Considero que a ilha da Berlenga está a conseguir explorar estas novas motivações do turista (emoções e sensações), contudo sendo uma reserva natural não poderá atrair um grande número de turistas devido aos cuidados que deverá ter associados à preservação ambiental. Por sua vez, penso que o restante património natural está subaproveitado.*

Pergunta n.º5: *Penso que o Património Natural poderia ser melhor aproveitado se se desenvolvesse um roteiro pelo património geológico, assim como um melhor aproveitamento da ilha da Berlenga, não esquecendo a sua capacidade de carga, por exemplo promovendo o birdwatching.*

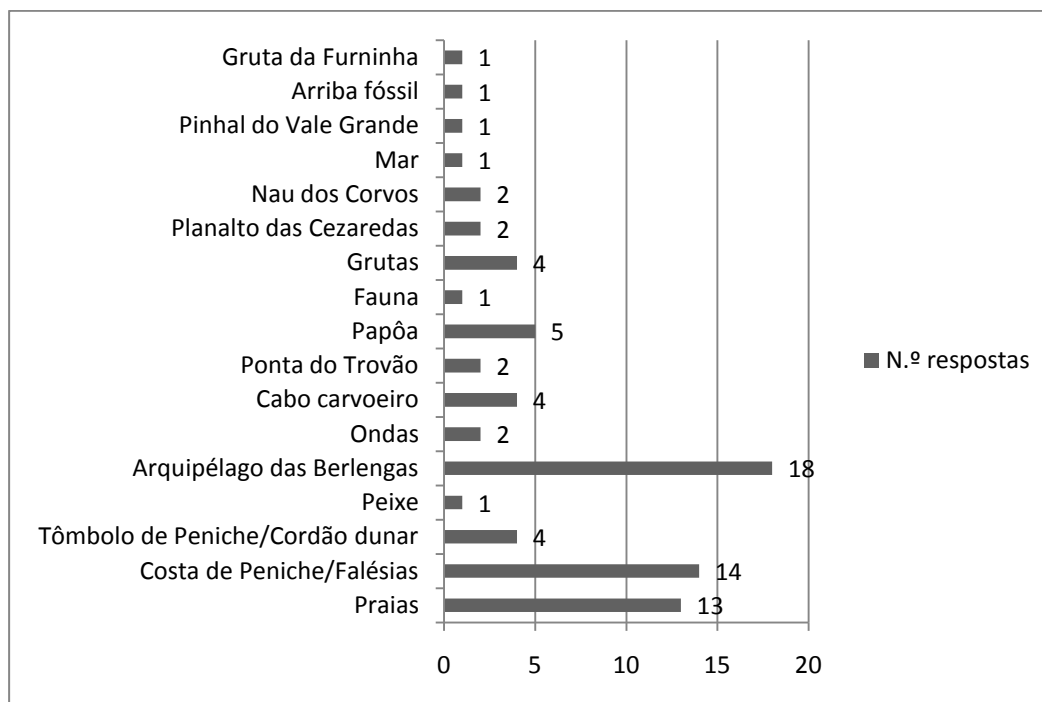
Pergunta n.º6: *Penso que não. Neste caso vejo as visitas ao património natural como um complemento ao turismo de sol e mar.*

Pergunta n.º7: *Na minha opinião, apenas são promovidos, de forma adequada, a ilha da Berlenga e a praia dos Supertubos (associada ao Surf), o restante património natural de Peniche não me parece que esteja a ser promovido.*

Anexo X

Dados Entrevistas

Figura V. 1 – Património Natural conhecido pelos entrevistados



Fonte: Elaboração própria com base nos dados obtidos nas entrevistas realizadas

Tabela V. 1 – Importância do património natural na criação de sustentabilidade do território

	<i>N.º de repostas</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	<i>19</i>	<i>95%</i>
<i>Não</i>	<i>1</i>	<i>5%</i>

Tabela V. 2 – O património natural tem influência na escolha destino Peniche?

	<i>N.º de repostas</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	<i>20</i>	<i>100%</i>
<i>Não</i>	<i>0</i>	<i>0%</i>

Tabela V. 3 - O património natural tem tido um adequado aproveitamento turístico?

	<i>N.º de repostas</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	4	20%
<i>Não</i>	15	75%
<i>Não sabe</i>	1	5%

Tabela V. 4 – Existe transição da quota de turistas de sol e mar para turistas de natureza?

	<i>N.º de repostas</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	13	65%
<i>Não</i>	7	35%

Tabela V. 5 – A promoção em marketing e comunicação do património natural é suficiente?

	<i>N.º de repostas</i>	<i>Percentagem</i>
<i>Sim</i>	9	45%
<i>Não</i>	11	55%

Apêndice A

Categorias e Critérios de selecção de Património - UNESCO

Os bens na Lista do Património Mundial, integram uma das categorias apontadas na Convenção e satisfazer pelo menos um de dez critérios de selecção. Estas categorias e critérios encontram-se definidos na *Convenção para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural* (1972) e nas *Orientações para a aplicação da Convenção do Património Mundial*.

Além disso, os bens devem ainda possuir valor excepcional e satisfazer o critério de autenticidade.

Categorias

São considerados como património cultural (Artº 1 da Convenção de 1972):

Os monumentos – Obras arquitectónicas, de escultura ou de pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os conjuntos – Grupos de construções isoladas ou reunidos que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência;

Os locais de interesse – Obras do homem, ou obras conjugadas do homem e da natureza, e as zonas, incluindo os locais de interesse arqueológico, com um valor universal excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico.

São considerados como património natural (Artº 2 da Convenção de 1972):

Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico;

As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação;

Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excepcional do ponto de vista a ciência, conservação ou beleza natural.

São considerados património misto cultural e naturais os bens que respondem a uma parte ou à totalidade das definições de património cultural e natural que constam dos artigos 1º e 2º da Convenção.

As paisagens culturais são bens culturais e representam as «obras conjugadas do homem e da natureza» a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, externas e internas.

Para fins operacionais, o Comité do Património Mundial identificou e definiu várias categorias específicas de bens possuidores de valor cultural e/ou natural e adoptou orientações específicas para facilitar a avaliação desses bens quando eles são propostos para inscrição na Lista do Património Mundial. Presentemente, essas categorias são as seguintes, embora seja provável que outras se lhes venham juntar em devido tempo:

a) paisagens culturais: são bens culturais e representam as «obras conjugadas do homem e da natureza» a que se refere o artigo 1º da Convenção. Ilustram a evolução da sociedade e dos estabelecimentos humanos ao longo dos tempos, sob a influência dos condicionamentos materiais e/ou das vantagens oferecidas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, internas e externas.

As paisagens culturais dividem-se em três categorias principais:

(i) A mais fácil de identificar é a paisagem claramente definida, intencionalmente concebida e criada pelo homem, e que engloba as paisagens de jardins e parques criadas por razões estéticas que estão muitas vezes (mas não sempre) associadas a construções ou conjuntos religiosos.

(ii) A segunda categoria é a paisagem essencialmente evolutiva. Resulta de uma exigência de origem social, económica, administrativa e/ou religiosa e atingiu a sua forma actual por associação e em resposta ao seu ambiente natural. Estas paisagens reflectem esse processo evolutivo na sua forma e na sua composição. Subdividem-se em duas categorias:

- uma *paisagem relíquia (ou fóssil)* é uma paisagem que sofreu um processo evolutivo que foi interrompido, brutalmente ou por algum tempo, num dado momento do passado. Porém, as suas características essenciais mantêm-se materialmente visíveis;

- uma *paisagem viva* é uma paisagem que conserva um papel social activo na sociedade contemporânea, intimamente associado ao modo de vida tradicional e na qual o processo evolutivo continua. Ao mesmo tempo, mostra provas manifestas da sua evolução ao longo do tempo.

(iii) A última categoria compreende a paisagem cultural associativa. A inscrição destas paisagens na Lista do Património Mundial justifica-se pela força da associação a fenómenos religiosos, artísticos ou culturais do elemento natural, mais do que por sinais culturais materiais, que podem ser insignificantes ou mesmo inexistentes.

b) cidades e centros históricos: Os conjuntos urbanos susceptíveis de inscrição na Lista do Património Mundial repartem-se por três categorias principais:

(i) as cidades mortas, testemunhos arqueológicos inalteráveis do passado que geralmente satisfazem o critério da autenticidade, e cujo estado de conservação é relativamente fácil de controlar;

(ii) as cidades históricas vivas que, pela sua própria natureza, foram e continuarão a ser levadas a evoluir sob o efeito de mutações socioeconómicas e culturais, o que torna mais difícil qualquer avaliação em função do critério de autenticidade e mais aleatória qualquer política de conservação;

(iii) as cidades novas do século XX, que paradoxalmente têm algo de comum com as duas categorias mencionadas anteriormente: a sua organização urbana original continua bem visível e a sua autenticidade é certa, mas o seu futuro está comprometido por uma evolução em grande parte incontrolável.

c) canais do património: Um canal é uma via navegável construída pelo homem. Pode possuir um valor universal excepcional do ponto de vista da história ou da tecnologia, intrinsecamente ou enquanto exemplo excepcional representativo desta categoria de bens culturais. O canal pode ser uma obra monumental, a característica distintiva de uma paisagem monumental linear, ou parte integrante de uma paisagem cultural complexa.

d) rotas do património: Uma rota do património é composta de elementos materiais que devem o seu valor cultural às trocas e a um diálogo multi-dimensional entre países ou regiões, e que ilustram a interacção do movimento, ao longo de toda a rota, no espaço e no tempo.

Critérios

O valor universal excepcional significa uma importância cultural e/ou natural tão excepcional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste do mesmo carácter inestimável para as gerações actuais e futuras de toda a humanidade. Assim sendo, a protecção permanente deste património é da maior importância para toda a comunidade internacional.

O Comité define os critérios para a inscrição dos bens na Lista do Património Mundial. Estes critérios são regularmente revistos pelo Comité do Património Mundial, de forma a reflectirem a evolução do próprio conceito de Património Mundial.

Assim, até ao final de 2004, os bens candidatos a Património Mundial eram seleccionados com base em seis critérios culturais e quatro critérios naturais. Actualmente, existe uma única série de dez critérios:

- (i) [C i] Representar uma obra-prima do génio criador humano.
- (ii) [C ii] Testemunhar uma troca de influências considerável durante um dado período ou numa área cultural determinada, sobre o desenvolvimento da arquitectura, ou da tecnologia das artes monumentais, da planificação das cidades ou da criação de paisagens.
- (iii) [C iii] Fornecer um testemunho único ou excepcional sobre uma tradição cultural ou uma civilização viva ou desaparecida.
- (iv) [C iv] Oferecer um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitectónico ou tecnológico ou de paisagem ilustrando um ou vários períodos significativos da história humana.
- (v) [C v] Constituir um exemplo excepcional de fixação humana ou de ocupação do território tradicionais representativos de uma cultura (ou de várias culturas), sobretudo quando o mesmo se torna vulnerável sob o efeito de mutações irreversíveis.
- (vi) [C vi] Estar directa ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, a crenças, ou a obras artísticas e literárias com um significado universal excepcional.
- (vii) [N i] Serem exemplos excepcionais representativos dos grandes estádios da história da terra, incluindo o testemunho da vida, de processos geológicos em curso no desenvolvimento das formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado.
- (viii) [N ii] Serem exemplos excepcionais representativos de processos ecológicos e biológicos em curso na evolução e no desenvolvimento de ecossistemas e de comunidades de plantas e de animais terrestres, aquáticos, costeiros e marinhos.

(ix) [N iii] Representarem fenómenos naturais ou áreas de uma beleza natural e de uma importância estética excepcional.

(x) [N iv] Conter os habitats naturais mais representativos e mais importantes para a conservação in situ da diversidade biológica, incluindo aqueles onde sobrevivem espécies ameaçadas que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.